



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

PRISCILA VARGAS GATTI

O SUICÍDIO NA LITERATURA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA CRÍTICA

DOURADOS/MS

2020



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PRISCILA VARGAS GATTI

O SUICÍDIO NA LITERATURA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA CRÍTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito para obtenção do Título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais.

Orientadora: Profa. Dra. Jaqueline Batista de Oliveira Costa.

DOURADOS/MS

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

G263s Gatti, Priscila Vargas
O Suicídio na Literatura: Uma Análise Discursiva Crítica [recurso eletrônico] / Priscila Vargas
Gatti. -- 2020.
Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Jaqueline Batista de Oliveira Costa.
Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Suicídio. 2. Literatura. 3. Análise Crítica do Discurso. 4. Terapia Cognitivo-Comportamental.
I. Costa, Jaqueline Batista De Oliveira. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

COMISSÃO JULGADORA

Profa. Dra. Jaqueline Batista de Oliveira Costa
Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD
(Presidente da Banca)

Profa. Dra. Alexandra Santos Pinheiro
Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD

Prof. Dr. Conrado Neves Sathler
Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD

Profa. Dra. Regina Basso Zanon
Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD

DOURADOS/MS
18 DE SETEMBRO DE 2020

AGRADECIMENTOS

Escrever é um processo solitário, mas que não seria possível sem o apoio de muitas pessoas. Então, deixo registrado aqui meus sinceros agradecimentos.

Agradeço aos meus pais, Paulo e Patricia, que puderam me proporcionar o privilégio de nunca precisar me preocupar com nada além de estudar, que me cercaram de livros, que me estimularam sem jamais me pressionar e que sempre respeitaram as minhas escolhas.

À minha irmã e melhor amiga, Pamela, que sempre foi minha válvula de escape, me fazendo esquecer dos problemas e tornando as minhas tardes de sexta memoráveis. Você tem a personalidade de um furacão, mas me traz a paz de uma brisa suave.

Ao Fabio, que foi meu pilar emocional em todos os momentos difíceis e que sempre acreditou em mim mais do que eu mesma. Você me viu em meus piores dias, nos momentos mais fragilizados, e se manteve forte para me ajudar.

À minha amiga Jéssica, o melhor presente que o Mestrado me deu. Sem você lá, as coisas teriam sido muito mais difíceis. Poder desabafar com você é terapêutico e seus áudios de 5 minutos sempre me rendem boas risadas.

À minha orientadora, Jaqueline, que não só aceitou me orientar, como me deu toda a liberdade que eu queria e jamais tentou me limitar. Esse trabalho só existe porque você teve a coragem necessária de me acolher e de acolher minhas ideias. Obrigada por confiar em mim e por sempre dizer: “*Estou com você*”.

Aos professores Conrado, Regina e Alexandra. Vocês provaram que é possível fazer críticas construtivas de forma educada e gentil. Saibam que as minhas bancas de qualificação e de defesa foram experiências inesquecíveis graças a sensibilidade e o respeito que vocês demonstraram.

Eu também não poderia deixar de agradecer às minhas gatinhas, Feyre e Frida, que me dão amor em uma proporção incomensurável. Nos momentos mais solitários, eram elas que estavam lá, ao meu lado enquanto eu escrevia (ou em cima do teclado).

RESUMO

Essa dissertação foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPsí) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) na linha de pesquisa de Processos Psicossociais. O suicídio, com seus altos índices, já é considerado um problema de saúde pública. Mesmo com todos os alertas, o tema continua sendo um tabu e permanece silenciado. É nesse contexto que a literatura ficcional se destaca como forma de resistência, pois sempre fez do suicídio tema de debate. Visando contribuir para o campo de estudos sobre o tema, esta pesquisa analisou, por meio da Análise Crítica do Discurso, fundamentada principalmente nas contribuições de Norman Fairclough, e da Terapia Cognitivo-Comportamental, a partir do Modelo Cognitivo dos atos suicidas de Wenzel, Brown e Beck, os discursos e representações sobre suicídio nas obras *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Johann Wolfgang von Goethe, *Os Demônios*, de Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf, e *A Redoma de Vidro*, de Sylvia Plath. Constatou-se que as representações presentes nas obras analisadas se aproximam muito das representações vigentes de suicídio, o que evidencia o quão lentamente se tem caminhado para um entendimento mais profundo sobre o tema do suicídio. As obras analisadas problematizam esses discursos e representações limitantes do ato, como a ideia de que o suicídio seria um ato de fraqueza, covardia, tolice ou estupidez, e propõem debates que, ainda hoje, não foram esgotados, demonstrando que ainda estamos longe de construir espaços em que o suicídio possa ser abordado e debatido com abertura e empatia, pois as representações ainda são extremamente silenciadoras.

ABSTRACT

This dissertation was developed in the Graduate Program in Psychology (PPGpsi) of the Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) in the line of research of Psychosocial Processes. Suicide, with its high rates, is already considered a public health problem. Even with all the alerts, the topic remains taboo and remains silent. It is in this context that fictional literature stands out as a form of resistance, as it has always made suicide the subject of debate. Aiming to contribute to the field of studies about the subject, this research analyzed, through Critical Discourse Analysis, based mainly on the contributions of Norman Fairclough, and Cognitive-Behavioral Therapy, based on the Cognitive Model of the suicidal acts of Wenzel, Brown and Beck, the speeches and representations about suicide in the books *The Sorrows of Young Werther*, by Johann Wolfgang von Goethe, *Demons*, by Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski, *Mrs. Dalloway*, by Virginia Woolf, and *The Bell Jar*, by Sylvia Plath. It was found that the representations present in the analyzed works are very close to the current representations of suicide, which shows how slowly we have moved towards a deeper understanding on the theme of self-inflicted death. The analyzed works problematize these speeches and representations that limit the act, such as the idea that suicide would be an act of weakness, cowardice, foolishness or stupidity, and propose debates that, even today, have not been exhausted, demonstrating that we are still far from building spaces where suicide can be approached and debated with openness and empathy, as the representations are still extremely silent.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. O SUICÍDIO SOB DIFERENTES PERSPECTIVAS.....	15
2. LITERATURA E ROMANCE COMO OBJETOS DE ESTUDO.....	25
3. REFERENCIAIS TEÓRICOS E METODOLOGIA.....	31
3.1 Análise Crítica do Discurso.....	31
3.2 Modelo Cognitivo dos Atos Suicidas.....	37
3.3 Processo de Seleção das Obras.....	41
4. ANÁLISES.....	44
4.1 Os Sofrimentos do Jovem Werther.....	44
4.1.1 <i>É mais fácil morrer do que suportar firmemente uma vida de suplícios.....</i>	<i>47</i>
4.1.2 <i>Se minha doença fosse curável, essas pessoas seriam capazes disso.....</i>	<i>58</i>
4.1.3 <i>Da mesma forma acho tão esquisito dizer: é covarde aquele que se suicida, quanto considero inadequado chamar de covarde aquele que morre de uma febre maligna.....</i>	<i>63</i>
4.2 Os Demônios.....	66
4.2.1 <i>Aquele que se matar apenas para matar o medo imediatamente se tornará Deus.....</i>	<i>68</i>
4.2.2 <i>Em toda desgraça do próximo há sempre algo que alegra o olho estranho.....</i>	<i>70</i>
4.3 Mrs. Dalloway.....	76
4.3.1 <i>Era uma covardia um homem dizer que ia matar-se.....</i>	<i>78</i>
4.3.2 <i>Todos nós temos os nossos momentos de depressão.....</i>	<i>83</i>
4.3.3 Paralelos com a vida e a morte de Virginia Woolf.....	87
4.4 A Redoma de Vidro.....	88
4.4.1 <i>Você nunca vai chegar a lugar algum desse jeito.....</i>	<i>90</i>
4.4.2 <i>Seria bom ter algo de errado no meu corpo, que antes ter o corpo doente do que a cabeça.....</i>	<i>92</i>
4.5 A interdiscursividade nos romances e a função discursiva dos autores.....	96
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS.....	103

INTRODUÇÃO

Como a maioria das pessoas que decide estudar o suicídio, eu também tenho uma história para contar. Também como a maioria das pessoas que estuda esse ato, eu sinto que fui levada a estudar esse tema, que não foi uma escolha no sentido estrito da palavra. E como a maioria das pessoas que estuda essa temática, eu também acho relevante falar um pouco sobre a minha trajetória e sobre os eventos que me levaram a desenvolver a presente dissertação.

A temática se tornou realmente notável para mim quando uma pessoa que me era muito importante morreu em decorrência de suicídio em 2017, pouco tempo depois de eu concluir a graduação. O processo de luto decorrente de suicídio é bastante peculiar e vivenciá-lo é muito doloroso, principalmente quando você sabe tão pouco sobre isso, que é o caso da maioria. Afinal, fala-se tão pouco sobre a prevenção do ato e menos ainda de posvenção, que são os cuidados destinados àqueles que foram impactados de alguma forma pelo suicídio de alguém. Não é à toa que todas as pessoas afetadas, direta ou indiretamente, pelo suicídio de alguém, são chamadas de sobreviventes. Nesse espiral de culpa e raiva, eu precisei, assim como muitos, aprender tudo sozinha. Antes disso, meu contato com a temática era superficial, baseado apenas no que se estuda do assunto em uma graduação de Psicologia. E, ao menos em minha experiência como estudante de Psicologia, esse é um tema menos presente durante a formação do que se pode supor.

Ainda no mesmo ano, 2017, eu fui convidada por um jornal local para falar sobre suicídio e, com a justificativa de contribuir com a matéria que o jornal faria para o Setembro Amarelo, eu me empenhei em estudar o comportamento suicida. A prática clínica também acabou me levando a estudar e pesquisar o tema. Foi quando eu percebi que esse assunto estava se tornando muito frequente para mim. E também foi quando eu me dei conta de como isso estava me ajudando. Hoje eu sei que, sem perceber, eu estava buscando respostas para as minhas próprias questões. Afinal, o suicídio nunca tinha sido um tema de especial interesse para mim, mas isso estava começando a mudar.

E essa busca por respostas não se limitou à literatura científica. Na verdade, foi na literatura ficcional que eu mergulhei mais profundamente. Eu sempre fui uma leitora assídua e, inclusive, sou resenhista literária desde 2015 e escrevo resenhas críticas para vários blogs literários, recebendo livros das editoras, lendo e falando sobre a minha experiência de leitura, minhas opiniões e avaliações. Inevitavelmente, já que os livros são uma parte tão importante da minha vida, recorri à ficção também para entender melhor a

morte autoinfligida. Na minha experiência, percebi que o suicídio é um tema abordado mais pela Literatura do que pela Ciência, e em minhas pesquisas, encontrei pouco material científico sobre suicídio, enquanto que a Literatura está repleta de obras sobre suicídio, depressão, luto e posvenção.

O contato com a literatura foi essencial para a elaboração do meu luto e ver meus sentimentos representados nos livros me ajudou a lidar com a complexidade do que eu estava vivendo. Por isso, eu acredito que não apenas a literatura, mas as artes em geral, poderiam ser mais indicadas em casos como esse, funcionando como uma estratégia de posvenção, por exemplo, juntamente com rede social de apoio e acompanhamento psicológico. Esse tipo de conexão e representatividade que a arte oferece ajuda pessoas a se sentirem menos sozinhas.

Eu não entendia a minha raiva, não a aceitava, pois não era isso que eu queria sentir em relação àquela pessoa que eu tanto amava. A Literatura me ajudou a ver que esse sentimento era normal, comum no processo de luto decorrente de suicídio. Essa é uma das muitas particularidades desse processo e era isso que eu precisava ver e ler sobre. Eu precisava saber que nada do que eu estava sentindo era anormal ou cruel da minha parte.

Muitas vezes, as pessoas demoram para se sentirem prontas para falar sobre a perda, apesar da necessidade de compreender suas próprias emoções. A literatura, o cinema e até a música poderiam ajudar nesse momento, especialmente em casos de luto por suicídio, em que muitas questões complexas se apresentam. Falar sobre esses sentimentos pode ser difícil, por conta do medo de julgamento. Porém, se as pessoas vissem personagens sentindo o mesmo que elas sentem, isso poderia ajudar. Por isso, acredito que sugerir obras literárias para pessoas em sofrimento, seja decorrente de transtornos psicológicos, luto ou outros problemas, pode ser uma estratégia eficaz.

Durante as minhas leituras, ao mesmo tempo em que eu elaborava o meu luto, eu me surpreendia com o quanto aquelas obras poderiam nos fazer pensar sobre o tema. Também era surpreendente como essas obras, algumas escritas há tanto tempo, traziam debates que ainda são tão atuais. Isso me fez pensar que uma pesquisa sobre isso renderia conclusões interessantes.

Em 2018, eu decidi que faria Mestrado. E na hora de escrever o projeto, o tema do suicídio surgiu novamente. Eu sabia que escrever uma dissertação era um exercício de escrita diferente de qualquer outro, pela sua extensão e complexidade, e foi sem pensar

duas vezes que eu escolhi a literatura como campo de pesquisa. Diferentemente da temática do suicídio, a literatura foi uma escolha bastante consciente.

Ainda no ano de 2018, havia chegado o momento de escrever o Trabalho de Conclusão de Curso da minha especialização em Psicologia Clínica – Terapia Cognitivo-Comportamental. Precisei olhar para a tela em branco por muito tempo antes de escrever: As Contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental para a Prevenção do Suicídio em Pacientes com Depressão. Fazia sentido, afinal, eu já vinha estudando a temática e, cada vez mais, isso me interessava.

Depois disso, o suicídio se tornou um tema de relevância imensurável em minha vida acadêmica. Desde a prevenção até a posvenção, todos os aspectos me interessam. O compromisso que eu tenho com o estudo dessa temática nasceu de forma inesperada e, atualmente, se tornou uma missão pessoal. Hoje eu sinto que encontrei aquele que, muito provavelmente, será o meu tema de estudo por muito tempo, e que nasceu da necessidade de me ajudar e da vontade de contribuir de alguma forma.

A Literatura foi, para mim, uma estratégia de posvenção, auxiliando na elaboração do meu luto, e também uma fonte de aprendizado. Afinal, a Literatura nos aproxima dos temas trabalhados, pois cria um vínculo maior com o problema, estabelecendo uma relação de empatia entre leitor e personagem. Acredito que a Literatura deveria estar mais presente nos cursos de Psicologia e outras áreas da saúde, auxiliando a formar profissionais mais empáticos e sensíveis.

Pensar o papel da Literatura no processo de aprendizagem nos mais diversos campos de saber é importante, pois a Literatura é capaz de transpassar muitas questões e problemas, trazendo o leitor para perto dos temas e produzindo um conhecimento mais genuíno. É isso que sinto na minha experiência com a Literatura e essa é uma das coisas que desejo demonstrar nessa pesquisa. Pensar a depressão, por exemplo, a partir de uma lista de sintomas é diferente de pensar a depressão através de um personagem que vivencia a depressão no dia a dia e demonstra na prática como os sintomas se manifestam.

Repensar as nossas práticas e os nossos olhares para essas questões é essencial para garantir que não nos tornemos profissionais que não mais se sensibilizam. E o suicídio obriga a nos sensibilizarmos, porque é impossível, ou pelo menos improvável, que fiquemos indiferentes aos números. Por isso, quero agora falar sobre alguns dados e informações a respeito desse tema.

Segundo o Conselho Federal de Medicina (CFM) e a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), o Brasil encontra-se em oitavo lugar no ranking dos países com os

maiores índices de suicídio (2014) e a prevenção do suicídio é uma grande preocupação da Organização Mundial de Saúde (OMS). No ano de 2012, foram mais de 804.000 mortes autoinfligidas no mundo. Globalmente, os suicídios representam 50% das mortes violentas de homens e 71% das mortes violentas de mulheres. Entre as pessoas com mais de 70 anos as taxas são maiores e o suicídio é a segunda maior causa de morte em pessoas com idades entre 15 e 29 anos (WHO, 2014).

Em 2001, a OMS alertou para um aumento de 60% no número de suicídios nos 45 anos antecedentes (WHO, 2001). Um estudo publicado em 2015 avaliou os índices de mortes autoinfligidas no Brasil entre os anos 2000 e 2012 e observou que os casos de suicídio seguiam crescendo no país (Machado & Santos, 2015). Esses dados evidenciam o quão importante é falar sobre esse tema. No entanto, no caminho contrário a essa urgência em falar sobre suicídio, o que vemos é um constante e opressivo silenciamento do tema, influenciado principalmente pelos tabus que circundam a temática da morte autoinfligida.

Demonstrando essa tentativa de silenciamento do assunto, um estudo publicado em 2015 entrevistou profissionais de saúde e observou que os discursos que circulam em torno do suicídio costumam racionalizar, negar, distanciar e controlar o tema, revelando ainda que, quando se trata de tirar a própria vida, os entrevistados se referem às pessoas que cometem suicídio como pessoas estranhas, doentes, incomuns e sempre diferentes e distantes do entrevistado. Os pesquisadores concluíram que o caráter de transgressão que se atribui ao ato suicida pode levar ao afastamento que, por sua vez, impossibilita que as pessoas percebam os sinais que os suicidas revelam no cotidiano (Marquetti & Marquetti, 2015).

Outro estudo analisou os comentários deixados em três notícias de casos de suicídio veiculadas pela mídia e observou que os comentários possuíam tom agressivo e inflexível. Através do estudo realizado, o autor concluiu que o ato segue sendo um tabu, rejeitado pela maioria das pessoas e, em geral, atribuído à covardia, à depressão, às drogas, à perversidade humana e à hipocrisia social. O autor também percebeu que aspectos religiosos estão frequentemente presentes, assim como posicionamentos moralistas. Por outro lado, o estudo permitiu observar que, ao mesmo tempo em que o suicídio é um tabu, ele se torna um espetáculo ao ser noticiado (Ferreira Jr., 2016).

Pesquisas que visam identificar as representações do suicídio têm demonstrado que o ato ainda é associado a questões como: falta de fé em Deus (Cantão & Botti, 2017; Morais & Sousa, 2011), pecado, covardia, loucura (Ballesteros, et. al, 2010), fraqueza

(Vieira, Saraiva & Coutinho, 2010) e doença (Correia, et. al, 2014; Kopp-Bigault, Walter, & Thevenot, 2016). As representações de suicídio, mesmo entre grupos de pessoas diferentes, costumam ser bastante limitadas e limitantes, pois, por serem taxativas, não dão abertura a um diálogo acolhedor, contribuindo para o aumento do silenciamento e fazendo com que essas pessoas se sintam sozinhas e incompreendidas.

Nesse contexto de tabus e silenciamento temos a literatura ficcional e, mais especificamente, o gênero do romance, no qual o suicídio não é considerado novidade e encontra meio de se manifestar. O texto ficcional permite que um tema silenciado ganhe espaço de manifestação. Virginia Woolf (2015) afirma que a literatura não mede esforços para sustentar que sua preocupação é com a mente humana e essa concepção embasa a escolha de recorrer à literatura para pesquisar o suicídio.

Para Deleuze (1997), a literatura é uma arte que tenta libertar a vida daquilo que a aprisiona, que visa tornar visível o invisível, que faz pensar sobre o impensável. Afinal, criação literária não é apenas comunicar, mas resistir. E, para Deleuze, por resistir, a literatura produz saúde (Deleuze, 1997; Deleuze, 2013).

O interesse em contribuir para a diminuição do silenciamento também se reflete na escolha do referencial teórico-metodológico dessa pesquisa, pois a Análise Crítica do Discurso (ACD) compreende que o discurso é uma prática de representação que permite atribuir significados ao mundo. Além disso, a ACD tem um sério compromisso com a identificação e a problematização das relações de poder, estando especialmente interessada em fazer aparecer as vozes daqueles que são silenciados. Dessa forma, a escolha da ACD não é aleatória, mas sim, justificada e coerente com os objetivos da pesquisa.

Essa pesquisa visou contribuir para a diminuição do silenciamento do suicídio e, por isso, recorreu-se a um meio específico, o romance, e a uma metodologia específica, a ACD. Deseja-se, acima de tudo, fazer aparecer essas vozes. Afinal, quanto mais falarmos sobre esse assunto, de forma responsável, mais contribuiremos para remover o tabu em torno desse tema, contribuindo também para que as pessoas apreendam representações menos pejorativas em relação ao ato suicida. Dessa forma, certamente estaremos desenvolvendo um ambiente mais saudável, onde as pessoas possam falar sobre seus sentimentos e, conseqüentemente, receber ajuda efetiva, além de favorecer o reconhecimento de sinais que possam indicar o risco de suicídio.

Essa interseção entre dois campos distintos de saber, Psicologia e Literatura, permite ampliar o conhecimento que vem sendo construído. Se entendermos a

interdisciplinaridade como a aproximação entre dois campos de conhecimento, compreendemos que essa prática permite romper com os limites de cada área. Sem desmerecer os conhecimentos acumulados por cada campo de saber, a interdisciplinaridade visa reverter a situação do pesquisador atual, que se especializa e que busca saber cada vez mais sobre cada vez menos. Abandonar preconceitos e superar a necessidade científica de se fechar em si e se provar como ciência é essencial para superarmos as limitações de cada área. Nesse sentido, a construção de um estudo interdisciplinar contribuiria para a elaboração de um conhecimento ainda mais amplo, pois flexibilizar as fronteiras entre diferentes áreas de saber pode favorecer a construção de saberes mais democráticos.

A interdisciplinaridade consiste numa abordagem em que duas ou mais disciplinas se relacionam intencionalmente para alcançar uma abrangência maior de conhecimento (Sommerman, 2006). Dessa forma, ao optar por compreender o suicídio a partir de uma perspectiva interdisciplinar, garante-se a construção de um conhecimento mais abrangente acerca de nossa temática.

Estamos em um contexto social pós-moderno e as fronteiras entre as disciplinas são cada vez menos evidentes e mais limitantes. Além disso, há a necessidade de se produzir pesquisas que contemplem as complexidades dos problemas pós-modernos. Essa necessidade nos leva a uma busca pela interdisciplinaridade, que não elimina, nem nunca teve a intenção de eliminar, a disciplinaridade (Ferreira, 2007).

Levando tudo isso em consideração, essa pesquisa teve como objetivo geral: Analisar, a partir da Análise Crítica do Discurso de Norman Fairclough, o tema do suicídio em obras literárias clássicas. Como objetivos específicos temos: Identificar as representações de suicídio em obras literárias clássicas; Avaliar de que modo a literatura pode ajudar a pensar o suicídio e auxiliar a minimizar o silenciamento em torno dessa temática; Examinar os comportamentos suicidas apresentados nas obras sob o referencial teórico da Terapia Cognitivo-Comportamental; Realizar uma análise comparativa entre as representações identificadas nas obras e as representações vigentes.

O presente estudo contribui não apenas para tornar o debate sobre o tema maior, mas também para compreender de que forma a literatura tem representado o suicídio. As obras do romance, apesar de seu caráter ficcional, refletem discursos produzidos e reproduzidos socialmente. Ter esse levantamento das representações do suicídio na literatura auxilia a desenvolver uma compreensão mais ampla do assunto enquanto um evento historicamente delimitado, pois a literatura funciona como um canal de

comunicação entre a sociedade atual e diferentes sociedades localizadas em diferentes tempos e locais. Além disso, é necessário compreender de que forma a literatura clássica vem abordando o tema.

Quando falamos em obras clássicas, estamos nos referindo a obras de grande notoriedade, que conseguiram sobreviver a passagem do tempo e não ficaram isoladas na época e no local em que foram produzidas, obras amplamente distribuídas, traduzidas e acessadas. A literatura reproduz discursos que circulam enquanto saberes sociais. Logo, conhecer esses discursos objetiva compreender o papel dessas obras na construção de saberes sobre suicídio.

No entanto, vale fazer uma ressalva aqui: para uma obra permanecer clássica e superar barreiras temporais ou espaciais, mecanismos políticos também entram em ação. O que permanece não permanece apenas porque é bom e merece permanecer, mas porque uma série de interesses políticos entra em ação para garantir a permanência dessas obras. Por isso, o conceito de clássico está atrelado ao conceito de cânone, que age de forma a assegurar a identidade de uma nação, um povo ou um grupo, e que exerce a função de controle do que é lido. Assim, se faz necessário reconhecer que existem propósitos por trás da elaboração de listas do cânone (Araujo, 2011).

Esse estudo selecionou quatro obras clássicas que foram elaboradas em locais e épocas diferentes. De 1774, temos *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, do alemão Johann Wolfgang von Goethe. Em seguida, a análise recai sobre uma obra russa de quase 100 anos depois, 1871, do consagrado autor de *Crime e Castigo* e *Os Irmãos Karamázov*, Fiódor Mikhailocitch Dostoiévski com seu romance *Os Demônios*. *Mrs. Dalloway*, da inglesa Virginia Woolf, é a terceira obra analisada e data de 1925. Por fim, a norte americana Sylvia Plath, com *A Redoma de Vidro*, de 1963, fecha a seleção de obras analisadas.

A presente dissertação se organizará da seguinte maneira: o primeiro capítulo tratará sobre o suicídio, o segundo capítulo abordará o tema do romance enquanto um campo de estudo, demonstrando de que forma a literatura ficcional pode fornecer dados para pesquisas científicas e o terceiro capítulo apresentará os referenciais teóricos escolhidos para as análises das obras e o percurso metodológico. A análise das obras selecionadas está no capítulo 4, seguido pelas considerações finais.

1. O SUICÍDIO SOB DIFERENTES PERSPECTIVAS

A palavra suicídio vem do latim '*sui caedere*', que significa '*matar-se*' e pode ser definido como um ato deliberado e executado de forma consciente e intencional pela própria pessoa com a intenção de morte usando um meio que acredita ser letal. (CFM/ABP, 2014). O suicídio é considerado, pela OMS (2014), um problema de saúde pública e as razões que podem levar uma pessoa a cometê-lo são diversos e inclui a complexa interação de fatores biológicos, genéticos, sociais, psicológicos e culturais. A maioria das pessoas que se matam possui algum transtorno mental diagnosticável, sendo que a depressão é o diagnóstico mais comum. Também é comum que entre as pessoas que consumaram suicídio, existisse algum transtorno mental não tratado ou tratado de forma inadequada (Bertolote & Fleishmann, 2002).

Apesar de demandar atenção, a prevenção desse ato é uma tarefa difícil, já que um dos maiores desafios é identificar o risco de suicídio (Quevedo & Carvalho, 2014). Essa dificuldade aumenta ainda mais por conta do estigma em torno do ato, que faz com que muitas pessoas não se sintam à vontade para buscar ajuda.

Aspectos morais, culturais e religiosos influenciaram na forma como o suicídio é visto e representado. Essa conotação de pecado que ainda se dá ao ato suicida tem sido um grande empecilho para sua prevenção. Portanto, para garantir a prevenção do ato é preciso que haja também um reconhecimento dos tabus que envolvem esse tema e uma busca pela superação dos mitos, ou seja, das ideias falsas ou errôneas sobre suicídio. Afinal, esses pré-conceitos também são responsáveis por fazerem as pessoas se sentirem envergonhadas e discriminadas (CFM/ABP, 2014).

Dentre os mitos mais comuns acerca do tema estão: (1) o suicídio é uma decisão pessoal, derivada do direito de exercitar o livre arbítrio; (2) uma pessoa que pensa em suicídio uma vez estará em risco de suicídio para o resto de sua vida; (3) quem ameaça se matar, não se mata, pois só quer chamar a atenção; (4) se uma pessoa passa a se sentir melhor após pensar em suicídio é porque o problema passou, assim como o risco; (5) sinais de melhora naqueles que sobrevivem à uma tentativa de suicídio significam que a pessoa está fora de perigo; (6) não se deve falar sobre o suicídio, pois isso pode aumentar o risco de acontecer; e (7) a mídia não deve abordar a temática do suicídio (CFM/ABP, 2014).

Todos esses mitos tendem a dificultar a prevenção do suicídio, principalmente porque colocam o tema em um campo de interdição. A ideia de que expressar desejo

suicida tem como intenção chamar a atenção, por exemplo, dificulta que essas pessoas peçam ajuda e falem sobre seu sofrimento, o que as deixa desamparadas.

Ainda pensando na prevenção desse ato, precisamos nos atentar ao chamado comportamento suicida, composto pelos pensamentos, pelo planejamento e pela tentativa. O suicídio pode ser compreendido como a consequência final de um processo, já que se trata de um comportamento com determinantes multifatoriais (Wasserman, 2001). Antes do ato suicida em si, a pessoa pode passar por uma etapa de pensar e planejar o suicídio. É fundamental que, nesses momentos, a pessoa sinta que há possibilidade de buscar ajuda e de falar sobre o que ela pensa e sente. Sem essa abertura, continuaremos mantendo essas pessoas silenciadas e, conseqüentemente, os índices de suicídio continuarão aumentando.

Em relação aos suicidas, pode-se destacar três características comuns. Primeiramente, a ambivalência, ou seja, uma contradição entre o desejo de morrer e o desejo de viver. Outra característica é a impulsividade, já que o desejo de morrer pode ser transitório, indo e vindo, e o ato pode se consumir em um momento de impulsividade momentânea. Por fim, a rigidez, pois as pessoas com intensão suicida não são capazes de perceber outras formas de sair do problema, pensando constantemente em suicídio (Bertolote, Mello & Botega, 2010; Dias, 1991; Hambrich, Nemes, Soare & Cozman, 2017).

Por ser resultado de uma complexa interação de fatores, não existe uma razão específica e universal para a morte autoinfligida. No entanto, sabe-se que as tentativas de suicídio estão intimamente relacionadas com crises de vida e experiências frustrantes. O problema está nos aspectos subjetivos, que impedem o estabelecimento um parâmetro de frustração que separe o suportável do insuportável, já que cada pessoa lida com suas experiências de vida de formas diferentes (Bertolote, 2000).

O suicídio pode envolver ideias relacionadas à intenção de querer morrer, planejamentos, pensamentos sobre como o ato irá impactar outras pessoas e, muitas vezes, surge como uma solução para algo. Pode ser considerado uma tendência autodestrutiva que varia da ideação ao suicídio propriamente dito (Bertolote, 2000).

Homens se matam mais do que mulheres, mas as mulheres cometem mais tentativas do que os homens (Abreu, Lima, Kohlrausch & Soares, 2010). Além disso, pessoas solteiras, viúvas e divorciadas, assim como as pessoas que vivem sozinhas, são mais vulneráveis ao suicídio. Alguns acontecimentos também podem contribuir para um comportamento suicida, como, por exemplo, perda do emprego, mudança da área rural para área urbana, mudança de regiões ou de países e acontecimentos estressantes de modo

geral, como discussões, rejeição, separação, perda, luto, problemas financeiros e aposentadoria (Bertolote, 2000).

Mesmo com todas essas dificuldades, há como identificar uma pessoa em risco de cometer suicídio. Entre os indícios, pode-se mencionar: comportamento retraído, inabilidade para se relacionar com a família e com os amigos, transtornos psiquiátricos, como a depressão, alcoolismo, ansiedade ou pânico, mudanças na forma de agir, irritabilidade, pessimismo, apatia, alterações de sono e apetite, tentativa de suicídio anterior, sentimento de culpa, solidão, impotência, desesperança, desvalorização ou vergonha, perda recente importante, histórico familiar de suicídio, desejo súbito de concluir os afazeres pessoais, organizar documentos, escrever um testamento, escrever cartas de despedida, doença física e menção repetida de morte ou suicídio (Bertolote, 2000).

Quando falamos em suicídio, precisamos nos atentar a outra questão menos abordada: a posvenção. O processo de luto decorrente de suicídio possui muitas especificidades e, por isso, as pessoas que estão vivendo esse luto precisam de atenção e cuidado. O termo posvenção foi cunhado por Shneidman (1973) e seria uma tentativa de ressaltar o sofrimento causado pela perda de alguém em decorrência de suicídio e de diminuir as chances de os sobreviventes tirarem a própria vida. Estima-se que, para cada morte por suicídio, entre cinco e dez pessoas serão gravemente afetadas (Andriessen & Krysinska, 2012).

A culpa é um dos aspectos que torna o luto decorrente de suicídio um processo único. Seja culpa por não ter percebido, por não ter se esforçado mais, por não ter previsto ou por não ter conseguido evitar, esse sentimento dificulta a elaboração do luto. Também são comuns os sentimentos de impotência e fracasso (Fukumitsu & Kovács, 2016).

Os sobreviventes podem se isolar por se sentirem envergonhados, afinal, o tema é um tabu e essa não é uma forma moralmente e religiosamente aceitável de morrer. Existe ainda uma dificuldade em encontrar serviços destinados aos sobreviventes, o que pode aumentar ainda mais esse isolamento (CFP, 2013). Outra particularidade do luto por suicídio é o sentimento de raiva que os sobreviventes vivenciam devido à escolha da pessoa pela morte autoinfligida (Batista & Santos, 2014).

Como vimos, por ser um ato complexo, analisar o suicídio é uma tarefa trabalhosa, permitindo que o mesmo seja abordado e estudado de pontos de vista diferentes, como o filosófico, o sociológico, o antropológico, o moral, o religioso, o biológico, o histórico, o estatístico, o legal, o psicológico, entre outros (Cassorla, 1984).

O suicídio tem ganhado maior destaque atualmente, mas, ele não é um tema recente. Na verdade, existem relatos de suicídio desde tempos muito remotos. Acredita-se que o relato mais antigo de suicídio seja de 2.500 a.C., em Ur, Mesopotâmia. Desde então, diversas representações perpassaram esse ato (Silva, 1992).

É possível perceber, assim como destaca Rodrigues (2015), que a conduta de se matar é um dos grandes enigmas que fogem à compreensão humana, sendo considerada por Camus (2008) como o único problema filosófico realmente válido. Para o filósofo, o suicídio é uma forma de escapar do absurdo, ou seja, da sensação de que não há uma razão realmente boa para se viver, afinal, assim como Sísifo, estamos frequentemente nos empenhando em fazer coisas que não servirão para nada quando morreremos. Camus desenvolve sua teoria sobre o suicídio principalmente no livro *O Mito de Sísifo*, em que utiliza o mito para ilustrar a vida.

No entanto, ao contrário do que se pode pensar, Camus (2008) não era um filósofo pessimista. Para ele, a experiência absurda deve servir para afastar as pessoas do suicídio, ou seja, para se manter, o absurdo não deve se resolver, e se matar resolve o absurdo. O homem absurdo compreende que, antes de perceber o absurdo, ele não era realmente livre. Portanto, não há inferência entre o absurdo e o suicídio, pois aceitar a absurdidade de tudo o que nos cerca é uma etapa necessária e a falta de sentido na vida deve ser um estímulo. Na teoria camusiana, o suicídio é uma fuga. A opção camusiana seria manter o absurdo e encarar a vida em toda a sua absurdidade. A postura filosófica coerente seria a revolta, ou seja, o confronto constante do homem com a absurdidade. Logo, a sequência lógica ao absurdo é a revolta, e aqui encontramos outro conceito central na obra de Camus, o homem revoltado.

A filosofia é uma das áreas de conhecimento que mais se ocupou de estudar o tema até agora, sendo que a maioria dos filósofos antigos se posicionavam contrários à prática. E mesmo aqueles que se posicionam a favor, eram favoráveis apenas sob certas circunstâncias (Puente, 2008).

Platão, por exemplo, elencou três situações em que o suicídio seria justificável, são elas: se a cidade obrigar o suicídio por um decreto justo, se houver um infortúnio inevitável e doloroso ou se houver uma vergonha incontornável que torne a vida insuportável. Sem essas justificativas, o suicida deveria ser punido, isolando seu túmulo e deixando-o sem qualquer tipo de identificação (Puente, 2008).

Aristóteles, por sua vez, considerava o suicídio como algo nocivo e que lesava a cidade inteira (Puente, 2008). Agostinho concebe o ato como uma forma de matar, ou

seja, como um tipo de homicídio. O principal argumento contrário ao ato se centra no sexto mandamento bíblico “*Não matarás*”. Agostinho não difere matar o outro de matar a si mesmo. Já Tomás de Aquino via o suicídio não apenas como um atentado contra si próprio, mas contra a sociedade e contra Deus. Contrapondo-se a essa ideia, Hume argumenta que o suicida é aquele que opta pelo não sofrimento, não causando dano nem a si, nem à sociedade, nem a Deus (Puente, 2008).

Essas diferenças nas concepções evidenciam o quanto o suicídio é complexo até mesmo para aqueles que se propuseram a fazer da reflexão uma prática elementar. Há pontos de concordância entre os filósofos, mas também há divergências. E fica evidente que preceitos morais e religiosos sempre interferiram no modo como essa forma de morrer era vista.

Em diferentes momentos históricos e contextos culturais, o suicídio já foi interpretado de diversas formas, havendo sociedades que o aplaudiram e sociedades que o repudiaram. Na Roma antiga, por exemplo, o suicídio era visto como um ato heroico, representando uma morte digna. Por outro lado, algumas sociedades cristãs viam o suicídio como um mal e um pecado imperdoável (Rodrigues, 2015). Houve, na antiguidade, culturas que induziam comunitariamente o ato, tornando-o um dever. Em determinado período, os gregos toleravam amplamente o suicídio, permitindo que as pessoas defendessem seus motivos, para tentar obter a permissão para se matar (Alvarez, 1999).

No romance de Emily Brontë, *O Morro dos Ventos Uivantes*, de 1847, há uma passagem na qual um personagem comenta a morte de outro e diz que o correto seria enterrá-lo em uma encruzilhada, sem qualquer cerimônia, dando a entender que esse personagem teria cometido suicídio. Na Inglaterra, houve a tradição de enterrar em encruzilhadas as pessoas que se suicidavam. Também era comum arrastar o cadáver pelas ruas com uma estaca enfiada no coração e fazer o enterro à luz da lua. Todas essas práticas visavam punir e envergonhar o suicida. Essa prática permaneceu até a década de 1820 (Brontë, 2016). Tal costume, que se espalhou por toda a Europa, é descrito por Alvarez (1999) como uma atrocidade legalizada e consagrada, cuja força advém de superstições, medos e preconceitos que a Igreja Católica adotou.

E essa não era a única punição que já foi destinada aos suicidas. Barbagli (2019), empenhado em pesquisar as diferentes penas empregadas contra quem cometia ou tentava cometer suicídio em diferentes lugares e épocas, mostra que não é incomum representar o suicídio como pecado e/ou como crime gravíssimo, por vezes até mais grave que o

homicídio, excluindo inclusive a possibilidade de obter o perdão, pois eliminava por si só a possibilidade de haver arrependimento. Dessa forma, o suicida, em determinados contextos, como na Inglaterra do século XII, era vítima e réu e, quando julgado culpado pelo crime de matar a si mesmo, um processo de desumanização era iniciado, demonstrando a aversão e o horror que as pessoas apresentavam frente ao ato suicida. Em alguns locais, o corpo do suicida era decapitado, mutilado ou até esquartejado. Na França, durante a Idade Média, por exemplo, o corpo do suicida era condenado à forca para morrer uma segunda vez, queimado ou ainda pendurado de cabeça para baixo em uma árvore.

Outras penas eram destinadas àqueles que tentavam se matar e não conseguiam. Em Genebra, entre XV e XVII, essas pessoas eram açoitadas e exiladas. Já na Suécia, por séculos, os que tentavam cometer suicídio eram condenados a trabalhos forçados, detenção, várias formas de humilhação pública e até à pena de morte. Nas últimas décadas do século XVII, em Massachussetts, a pena prevista para o crime de tentativa de suicídio chegava a vinte chicotadas e o pagamento de uma multa. Pena de morte também era prevista na Rússia de 1716. Já na Áustria de 1787, tentativa de se matar era punida com prisão até a pessoa se convencer de que a preservação da própria vida era um dever para com Deus, com o Estado e com si mesmo e declarasse total arrependimento (Barbagli, 2019).

Essas penas demonstram que o horror que algumas sociedades têm para com pessoas que tentam ou que cometem suicídio é muito grande. Motivadas principalmente por preceitos morais e religiosos, as punições destinadas aos suicidas evidenciam que a preocupação com a saúde dessas pessoas é recente e ainda está em formação.

Inclusive, a relação entre religiosidade e comportamento suicida é bastante controversa. Dados demonstram que a religiosidade reduz o risco desse comportamento em pessoas que professam algum credo e que participam de algum espaço religioso. No entanto, há evidências de que esses mesmos fatores também podem potencializar o risco do ato. Essas contradições se explicam em parte porque estudos sobre formas não tradicionais de religiosidade, como seitas e outras formas de manifestação da espiritualidade, não são encontrados. É possível identificar uma associação positiva entre religiosidade e comportamento suicida, mas apenas em situações muito específicas. Estudos indicam que alguns fatores ligados à religiosidade estão associados a maiores riscos de suicídio, como viver em locais onde há incompatibilidade religiosa ou quando se é membro de algumas religiões orientais, como o hinduísmo (Nery, 2013).

Fato é que muitas das representações vinculadas ao senso comum são ancoradas em preceitos morais e religiosos de origem cristã. Tanto é assim que, em uma revisão bibliográfica sobre a relação entre religiosidade e suicídio realizada em 2013, não foram encontrados estudos que visassem compreender a relação entre comportamento suicida e religiões de matriz africana (Nery, 2013).

Aos suicidas é reservado um lugar no sétimo círculo do Inferno de Dante (Alighieri, 2017) e isso evidencia o caráter de pecado que esse ato possui. Atualmente, há diversos argumentos a respeito do suicídio, não apenas contrários. No entanto, os resquícios da teologia cristã ainda fazem prevalecer um posicionamento desfavorável à morte autoinfligida (Puente, 2008). Com isso, o assunto permanece na penumbra, não apenas incompreendido, como também censurado e reprovado, e essa camada de mistério que o cobre contribui para o seu desconhecimento (Rodrigues, 2015).

Aliado ao mistério em torno do suicídio, há ainda uma tentativa de apagamento de qualquer fala que vise abordar o tema. E mesmo quando há algum tipo de abertura para esse assunto, a maioria das falas são ofensivos e preconceituosos. Argumenta-se que o silenciamento visa evitar o contágio, ou seja, evitar que outras pessoas se sintam motivadas a cometer suicídio. No entanto, não há como negar que esse silenciamento perpassa o campo do interdito, do que não se deve falar para evitar desconforto ou polêmica, o que reforça o fator moral da problemática (Rodrigues, 2015).

Não apenas esse silenciamento, mas também o distanciamento que os discursos produzem, colocam o suicida sempre como o outro, o diferente. Silva (2000) aponta para o papel da linguagem na produção de identidades e explica que esse processo tem a função de estabelecer fronteiras, classificar, hierarquizar, incluir, excluir e normalizar. Afirmar uma identidade ou refutar uma diferença é como demarcar fronteiras entre o melhor e o pior, o superior e o inferior, o certo e o errado, o normal e o anormal.

Na classificação entre normais e anormais, as pessoas que pensam, tentam ou cometem suicídio estarão sempre do lado de fora da fronteira da normalidade. Aos suicidas atribuem-se algumas características que formam uma identidade. E essa identidade, como estamos vendo, é geradora de silenciamento, pois inibe essas pessoas de falarem sobre como se sentem. Afinal, os discursos produzem não apenas identidades e práticas, mas também normas sobre o que se deve ou não falar. Pensar nos conceitos de normal e de patológico nos força a refletir sobre quem decide o que é normal e o que não é. Há sempre um jogo de interesses que entra em cena quando determinada postura é classificada como normal ou como patológica.

A desaprovação social reforça o tabu existente em torno do suicídio, impossibilitando ainda mais a prevenção e isolando essas pessoas (Dias, 1991). Marx (2006) considera absurdo olhar para esse ato como algo antinatural, afinal, é uma conduta que se vê com muita frequência. Para ele, assim como para Durkheim (2000), gerar tantos suicídios está na natureza da nossa sociedade.

A partir do século XIX, com o crescente número de suicídios, foi preciso superar as antigas concepções moralistas para que fosse possível pesquisar e explicar o ato (Netto, 2007). Com isso, as antigas práticas de punir os cadáveres dos suicidas são rechaçadas e classificadas como cruéis e infantis (Marx, 2006). Entrou em cena, a partir desse momento, outras formas de tentar compreender o suicídio.

No campo da sociologia, Durkheim foi um dos estudiosos que mais contribuíram para o estudo do suicídio, especialmente enquanto evento social. O autor nos fornece uma das definições mais consistentes do que seria o suicídio, definindo-o como “*todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado*” (Durkheim, 2000, p. 14).

Propondo-se a analisar a morte autoinfligida pela perspectiva sociológica, Durkheim (2000), substitui o olhar individualizante por um olhar que considera o conjunto dos suicídios cometidos em determinada sociedade e durante determinada unidade de tempo. Com isso, o autor percebe que se obtém um novo fato, que é mais do que a simples soma de unidades independentes e que é eminentemente social. Durkheim percebeu que cada sociedade tem uma disposição definida para o suicídio em cada momento histórico.

Antes de começar a analisar as causas sociais do suicídio, o sociólogo elenca quais são as causas psicológicas que levam uma pessoa a se matar. O autor classifica quatro tipos de suicídio nesse âmbito: o suicídio maníaco, que se deve a alucinações ou delírios, o suicídio melancólico, ligado à depressão e/ou tristeza exagerada, o suicídio obsessivo, causado pela ideia fixa de morte sem motivo, e, por último, o suicídio impulsivo ou automático, que, sem razão alguma resulta de um impulso brusco (Durkheim, 2000).

Para Durkheim (2000), é precipitado concluir que o suicídio nunca se produz em um estado de saúde. Mesmo com essas classificações, o autor aponta para o fato de que um grande número de suicídios foge dessas categorias. Ele conclui que nem todo suicida é alienado mentalmente e, a partir disso, se propõe a classificar os tipos de suicídio enquanto fato social, classificando três tipos de suicídio com base na existência ou na ausência da coesão social e na motivação central para a vontade de morrer.

O suicídio anômico acontece quando forças desagregadoras da sociedade fazem com que as pessoas se sintam perdidas ou sozinhas, como em momentos de crises econômicas. Já o suicídio altruísta acontece quando o suicida se subordina às expectativas coletivas, como aconteceu quando os terroristas se chocaram contra o *World Trade Center*. Por fim, o suicídio egoísta acontece quando a pessoa se sente separado da sociedade (Durkheim, 2000). A concepção de Durkheim sobre o ato é amplamente debatida e, no campo da sociologia, o autor provou sua relevância ao colocar o suicídio no âmbito social.

No campo da saúde mental, o suicídio é entendido como um comportamento patológico, um problema, uma questão pertencente ao campo dos transtornos mentais e o foco principal é evitá-lo. O suicídio seria o efeito de causas patológicas e uma pessoa com essa intenção é uma pessoa que precisa de ajuda, pois não está em condição de pleno funcionamento mental e/ou cognitivo (OMS, 2000).

De encontro a essa informação, muitos estudos têm demonstrado que a maioria dos suicídios acontece quando há a presença de um transtorno psicológico. Santos, Lovisi, Legay e Abelha (2009) investigaram a prevalência de transtornos psicológicos nos casos de tentativas de suicídio atendidos em um hospital de emergência pública no Rio de Janeiro, no período de um ano, de abril de 2006 a março de 2007, e constataram que 71,9% das pessoas que deram entrada no hospital após tentativa de suicídio possuíam algum transtorno psicológico, sendo os mais prevalentes: depressão (38,9%), abuso ou dependência de substâncias psicoativas (21,9%), transtorno de estresse pós-traumático (20,8%), abuso ou dependência de álcool (17,7%) e esquizofrenia (15,6%).

Outra pesquisa, dessa vez em um hospital de pronto socorro em Porto Alegre/RS, revelou que 90% das pessoas que deram entrada no hospital por tentativa de suicídio tinham algum transtorno psicológico, sendo que 70% tinha depressão e 60% apresentava algum transtorno de ansiedade (Zatti, et. al, 2015). Já na pesquisa realizada por Pires, Raposo, Pires, Sougey e Bastos Filho (2012), 98,2% dos 110 pacientes atendidos no Centro de Atendimento Toxicológico do maior hospital de Pernambuco, por tentativa de suicídio, apresentavam pelo menos um transtorno psicológico.

São muitas as pesquisas que comprovam que a maioria das tentativas de suicídio e dos suicídios efetivados são por pessoas que apresentam algum transtorno psicológico. Sendo assim, seria correto afirmar que o suicídio é um comportamento decorrente de um funcionamento mental ou cognitivo prejudicado. Isso equivale a dizer que mentes

saudáveis não costumam pensar em tirar a própria vida. No entanto, vale lembrar que essa é a visão do campo da saúde mental.

Para a OMS (2000), são especialmente preocupantes os diagnósticos de Depressão, Transtorno de Personalidade Antissocial, Transtorno de Personalidade Borderline, Alcoolismo, Esquizofrenia, Epilepsia, Trauma Medular ou Craniano, Acidente Vascular Cerebral, Câncer, HIV e AIDS e doenças crônicas como Diabetes, Esclerose Múltipla e problemas envolvendo dores crônicas.

Diferentes linhas da Psicologia interpretam o suicídio de diferentes formas. Para a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), que iremos abordar mais profundamente no referencial teórico-metodológico deste trabalho, o suicídio é a última etapa de uma série de fatores cognitivos que incluem crenças negativas de si mesmo, desesperança, antecipação de frustrações e dificuldades e análises negativas de suas experiências (Beck, Rush, Shaw & Emery, 1997).

O que temos em comum, mesmo nas diferentes linhas teóricas da Psicologia, é a premissa de que o suicídio é consequência de uma condição patológica, ou seja, quem se mata é quem está em sofrimento psíquico. Todavia, ainda não se tem um canal aberto para que hajam diálogos sobre a temática e o silenciamento continua sendo um fator que contribui para as altas taxas de suicídio. Esse silenciamento constitui uma forma de violência, afinal, ao apagarmos ou bloquearmos essas falas, estamos gerando mais adoecimento, o que reflete na saúde pública e contribui para a exclusão dessas pessoas.

Nesse contexto de opressão dos discursos relacionados ao suicídio, os textos ficcionais surgem como resistência. Afinal, a morte autoinfligida não é novidade na literatura ficcional. Isso justifica recorrer ao texto ficcional para pesquisar o suicídio, pois na literatura o tema encontra um meio de expressão. Os silenciamentos evidenciam as relações de poder na sociedade. As vozes silenciadas são aquelas que têm menor poder. Cabe aos pesquisadores desconstruir os tabus e tirar o suicídio do seu lugar de silenciado, pois, se não falarmos sobre esses temas, estaremos contribuindo para seu alargamento. Não deve haver interditos no âmbito acadêmico para que não haja pessoas que sofram em silêncio.

A hipótese defendida nessa pesquisa é de que o silenciamento é um fator chave para o suicídio e que criar canais de comunicação e abertura social para esse assunto é uma forma de prevenir novas ocorrências do comportamento. Aqui, exploramos uma dessas formas, a literatura e, mais especificamente, o romance.

2. LITERATURA E ROMANCE COMO OBJETOS DE ESTUDO

Literatura pode ser definida como linguagem carregada de significado, e a linguagem é o principal meio de comunicação humana (Pound, 1997). O campo da Literatura começou a ser visto como ciência já no século XIX, mas se consolidou apenas no século XX, trazendo novas preocupações teóricas e apontando para a necessidade de os textos ficcionais serem examinados de modo mais preciso e objetivo. Enquanto ciência, a Teoria da Literatura classifica e ordena o material trabalhado, interpretando e avaliando as obras literárias. Os alemães foram os primeiros a olharem a literatura enquanto ciência e alguns dos grandes estudiosos da área são: Bakhtin, Benjamin, Adorno e Horkheimer. Esses três últimos foram os fundadores da chamada Escola de Frankfurt (Zilberman, 2012).

Uma obra literária, assim como criações artísticas de modo geral, pode possuir valor documental, pois, a partir dela, é possível conhecer as inclinações ideológicas de um grupo dominante. Nesse sentido, uma obra literária seria a expressão da visão de mundo do autor, visão elaborada com base nos discursos circulantes. O autor é como um porta-voz, que capta e transfere para sua obra práticas discursivas e as tendências dominantes de certo momento histórico. É assim que uma obra permanece, se tornando clássica, pois permite mergulhar nas práticas sociais e discursivas, captando o que é próprio de sua época e se ocupando das ideias cotidianas e perspectivas práticas de forma natural e imediata (Castagnino, 1968; Lukács, 1968; Marx & Engels, 1971; Goldmann, 1972; Goldmann, 1976; Cândido, 2000; Lukács, 2000; Schwarz, 2000; Adorno, 2003; Bakhtin, 2006; Zilberman, 2012; Rocha, 2015).

Analisar obras literárias possibilita conhecer as concepções de mundo presentes no momento da composição da obra. Isso se dá porque toda obra está condicionada a um conjunto de fatores resultantes do estado geral em que se encontra a sociedade em que se localiza a produção da obra. A literatura possui uma ligação com a sociedade, pois tem capacidade de representação (Rocha, 2015).

Para se compreender a produção literária, uma das vias é realizar uma combinação entre análise externa e análise interna das obras, que leva em consideração as condições sociais em que a obra emerge e que estabelece relações entre a trajetória do autor e as condições culturais nas quais ele estava inserido (Cândido, 2000). Para Lukács (2000), sempre há, na obra literária, representações de práticas sociais. Portanto, é sempre válido buscar na literatura conteúdo de consciência coletiva.

Cândido (2000) postula que é necessário encarar as obras literárias como um conjunto de fatores sociais em ação para sua formação. Não é mais a literatura por ela mesma, mas pelo social. Para fazer essa análise, tudo deve ser levado em consideração, desde a cultura e os valores que estavam em voga quando a obra foi produzida, até a posição e a função social do escritor. Isso porque o que é social passa por um processo de interiorização e se torna uma reconstrução do autor. Portanto, a obra por si mesma não é um todo auto explicável. O escritor transforma tudo o que o perpassa e devolve ao mundo uma representação. Valores sociais e morais, ideologias, representações e sistemas de comunicação transferem-se para um texto através do impulso criador de uma pessoa que assume a tarefa de elaborar uma obra que seja representativa.

Mesmo antes de a sociologia se consolidar como ciência, já haviam autores interessados em praticar o exercício de análise sociológica de obras literárias. Isso porque já viam na literatura uma forma de expressão da sociedade e de seus costumes. Ao compreender que a literatura, e a arte como um todo, podem ser instrumentos confiáveis para apreender as práticas discursivas, estamos assumindo o compromisso de identificar essas práticas. Além disso, a arte também exerce influência na vida social e, ao expor seus ideais por meio de sua obra, o autor faz emergir certo entendimento acerca das práticas discursivas. Para diferenciar o que é social e o que é pessoal é preciso conhecer o contexto em que a obra foi produzida (Melo, 2015).

Para Bauman e Mazzeo (2020), literatura e sociologia se complementam e se enriquecem mutuamente, não estando, de forma alguma, em competição ou em oposição. Os autores acrescentam ainda que estabelecer fronteiras entre literatura e sociologia, arte e ciência, gera muitos prejuízos. Arte e ciência são partes integrantes da cultura e cooperam uma com a outra. Para os autores, literatura e sociologia compartilham um mesmo campo, nascem da mesma curiosidade e tem propósitos semelhantes: explorar a experiência de estar no mundo. Por isso que, para Bauman, literatura e sociologia são irmãs.

Eco (2018) faz considerações semelhantes ao falar sobre a relação necessária e benéfica entre literatura e filosofia, pois acredita que a arte de analisar obras literárias esteja quase extinta e que a leitura atenta e minuciosa não é mais praticada como antes. O autor nos questiona: podemos afirmar com certeza que Melville, autor de *Moby Dick*, não tinha a menor intenção de dizer algo de verdadeiro em sua obra sobre uma baleia fictícia? É possível afirmar que não há nada de verdadeiro numa obra que, dentre outros temas, fala sobre vida, morte, orgulho e obstinação?

O questionamento de Eco (2018) é uma provocação que nos faz refletir sobre como tendemos a olhar a literatura como algo puramente ficcional e inventado. Para ele, o romance tem a pretensão de representar a vida em toda a sua inconstância. Isso é o que o difere de uma obra teórica, que geralmente demonstra uma determinada tese sobre determinado aspecto da vivência humana ou uma resposta a um problema específico.

Kundera (2016) acredita que a tradicional distinção entre literatura e filosofia se torna obsoleta a partir do momento em que contestamos a primazia do saber científico sobre o saber romanesco. O autor tem a capacidade de acrescentar algo além daquilo que já se sabe. Quando um romancista escreve sobre um episódio histórico, ele transforma esse episódio em algo mais, em uma experiência existencial.

Todos esses autores estão, cada um à sua maneira, fazendo apelos para que estejamos mais atentos aos discursos produzidos no campo da literatura, aos discursos que denominamos ficção por pura necessidade de distinção, mas que, assim como aqueles que denominamos científicos, também tem algo a dizer sobre as experiências humanas e sobre as representações.

Se compreendemos que não há discurso sem pessoa e nem pessoa sem ideologia (Orlandi, 1987), concluímos que mesmo em uma obra de caráter ficcional, podemos encontrar ideologias e representações socialmente elaboradas e estabelecidas. É isso que todos esses autores e estudiosos da literatura estão dizendo e, a partir deles, encontramos embasamento para as pesquisas que visam elaborar conhecimento a partir da análise de obras ficcionais.

A narrativa sociológica se reflete na narrativa literária, e a narrativa literária se reflete na sociologia, em uma relação dialética em que o social e o literário se influenciam mutuamente (Ianni, 1997). Por isso, é possível encontrar nas obras literárias questões sociais relevantes (Lima, 2002).

O critério mais adotado para diferenciar as formas de prosa, ou seja, o conto, a novela e o romance, é quantitativo. O conto é uma narrativa curta, enquanto a novela é mais longa, mas ainda menor que um romance, possuindo entre 100 e 200 páginas aproximadamente. No entanto, de acordo com Moisés (1966), o critério quantitativo não deve ser o único usado para diferenciar uma prosa da outra, sendo necessário também levar em consideração o conteúdo e a estrutura. Para ser considerado um romance, o texto deve conter os seguintes elementos: ação, personagens, narrador, tempo e espaço. Esses elementos podem ser considerados, em sua forma final, como o enredo (Stainle, 2017).

O romance é um gênero literário que, por muito tempo, foi considerado inferior, sendo visto como voltado a assuntos sem importância e como expressão de fantasias ficcionais. Porém, rapidamente, o romance se consolidou como gênero nobre da literatura (Stainle, 2017). Essa forma literária específica da era burguesa teve seu marco inicial com *Dom Quixote* e seu desenvolvimento remonta ao século XIX. Sobre as críticas que colocam o romance apenas como uma expressão de fantasias ficcionais, Adorno (2003) afirma que mesmo os romances considerados fantásticos, apresentam seu conteúdo de forma a provocar a sugestão do real. Desde *Dom Quixote*, o elemento chave no gênero romance continua sendo a capacidade de dominar artisticamente a existência. No entanto, seu realismo e sua objetividade foram ficando de lado para dar mais espaço a aspectos mais subjetivos. O romance seria o ponto de encontro entre o pessoal e o coletivo, trazendo elementos que são sociais e elementos subjetivos.

Todos os gêneros literários se relacionam com as demais formas de conhecimento e com outros campos de saber. Porém, o romance, com sua escrita mais popular e acessível, possibilitou que os problemas das classes sociais menos favorecidas fossem também retratados. Isso faz do romance um instrumento para conhecer diversas práticas discursivas e sociais, o que o torna uma forma democrática de conhecimento (Stainle, 2017).

O romance pode ser considerado um produto ideológico em que o autor recupera discursos e transporta-os para o interior da narrativa. Mais do que isso, o romance é o gênero literário capaz de absorver e modificar todos os elementos temáticos e estruturais dos demais gêneros da forma como desejar e sem se transformar naquele gênero literário em questão (Bakhtin, 1988). Sendo assim, o romance é uma forma de entrar em contato com diferentes culturas e momentos históricos.

Esse caráter informativo dos romances é também evidenciado por Rocha (2015), ao afirmar que a leitura e a análise das obras literárias permitem que o leitor conheça a maneira como se dão as concepções de mundo, sendo um instrumento de compreensão da sociedade. Afinal, literatura e sociedade possuem uma ligação tão estreita que torna a literatura uma representação da sociedade. Logo, utilizar a literatura para entrar em contato com as representações do real é indicado e estimulado por muitos autores.

Isso nos força a superar uma fronteira bastante forte, apesar de ilusória, que é a fronteira existente entre o que pensamos ser o real e o que chamamos de ficção. Afinal, como temos visto, essa fronteira talvez não seja tão rígida assim. Toda fronteira, seja ela física ou abstrata, visível ou não, impõe uma limitação e uma separação que, na maioria

das vezes, não é nem útil, nem desejável. Por isso, a proposta aqui é instigar a superação de mais uma fronteira.

No momento de analisar uma obra literária, é preciso olhar não apenas o autor, mas se permitir fazer um estudo sociológico, pois existe um caráter coletivo na criação literária, que advém do fato de que as estruturas do universo apresentado na obra serem homólogas às estruturas mentais dos grupos sociais em que elas foram elaboradas. Esses grupos seriam, portanto, responsáveis por estruturar a consciência de seus membros, e essa visão de mundo pertencente àquele grupo é articulada através da escrita do autor (Frederico, 2005).

Conseqüentemente, a obra se torna um meio de o grupo social em questão compreender mais claramente suas próprias ideias, sentimentos e pensamentos. Essa seria, para Goldmann (1967), a função da arte, ou seja, favorecer a tomada de consciência de um grupo social, explicitando as ideias que o próprio grupo elaborou. Um estudo literário baseado em preocupações sociológicas intenciona identificar as práticas discursivas de determinados grupos sociais. Afinal, é esse substrato social que confere unidade à obra literária (Frederico, 2005).

O romance possui uma forte relação com as práticas sociais e discursivas circundantes e tende a buscar o efeito do real. Isso diferencia o romance dos outros gêneros literários pelo grau de atenção que dedica à exploração dos personagens e à apresentação do ambiente, o que contribui para que o romance seja um autêntico e completo retrato das experiências humanas. Essa atenção especial ao espaço e ao tempo nos romances é importante por ser uma parte do que se deseja narrar, influenciando as trajetórias pessoais (Watt, 1990).

Watt (1990), em seus estudos sobre o romance e a chamada realidade, elege algumas categorias narrativas que configuram a narrativa romântica: individualidade, originalidade, identidade, tempo, espaço e linguagem referencial. Dessa forma, o personagem seria a representação de uma pessoa que é parte de uma sociedade e sua ação se situa em um contexto temporal e espacial específico que, por sua vez, revela a experiência humana e estabelece uma relação entre a vida e a arte.

O romance funciona também por universalização, ou seja, pela construção de personagens ideais e de ações com potencial representativo. Dessa forma, embora as histórias estejam ligadas a experiências pessoais e singulares, o romance cria uma prática discursiva universal. É essa correspondência entre a vida e a arte que estabelece a relação entre realismo e literatura (Döblin, 2006).

Mesmo no campo da Psicologia, a leitura de textos clássicos da literatura ocidental é defendida por alguns pesquisadores. Freire (2008, p. 7), por exemplo, afirma que:

Entendemos, assim, que a experiência da leitura, a partir do reconhecimento e da implicação da alteridade dos textos clássicos, é sobremaneira salutar para a constituição de sujeitos abertos ao cuidado humano, em especial, no nosso caso, dos psicólogos. O traumatismo advindo da literatura, seja pela irrupção dos textos, seja pelo contato com outros leitores e suas (auto)narrativas, ou mesmo pela intimidade de determinadas obras com os temas debatidos nas disciplinas de um curso de graduação ou pós-graduação em psicologia, mais que desejável, é inevitável. Propomos, então, que tal possibilidade se instaure como atividade complementar e regular da formação do psicólogo.

Há muito que a literatura ficcional e, mais especificamente, o romance vêm mostrando sua capacidade de retratar aspectos históricos, sociais e culturais. Isso nos permite concluir que consultar textos ficcionais com o objetivo de acessar as representações de suicídio veiculadas em determinado momento sócio histórico, não só é viável, como recomendável em alguns casos.

3. REFERENCIAIS TEÓRICOS E METODOLOGIA

Dois referenciais norteiam essa pesquisa: a Análise Crítica do Discurso, referencial teórico metodológico baseado nas contribuições de Fairclough (1989; 2001; 2003; 2010; Chouliaraki & Fairclough, 1999), e o Modelo Cognitivo dos atos suicidas desenvolvido por Wenzel, Brown e Beck (2010) com base na Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC). Nos tópicos seguintes, abordaremos cada um desses dois campos.

3.1 Análise Crítica do Discurso

Para falarmos sobre ACD, precisamos relembrar a Análise do Discurso (AD), já que o referencial utilizado nessa pesquisa nasceu a partir desse outro referencial. Importa à AD detectar os processos de reprodução social do poder hegemônico através da linguagem, partindo da ideia de que o sujeito não é dono de seu discurso, mas assujeitado por ele. A AD é constituída com base em três pilares: a sociologia, a psicanálise e os estudos linguísticos (Melo, 2009).

Em 1979, com o lançamento de um trabalho teórico de Fowler, Hodge & Kress, chamado *Language and Control*, nasce uma outra vertente de análise discursiva, mas com bases e conceitos diferentes dos desenvolvidos pela AD, era a ACD, cuja função é difundir a importância da linguagem na produção, na manutenção e na mudança das relações sociais de poder, aumentando a consciência de que a linguagem contribui nos processos de dominação e postulando que a consciência é o primeiro passo para a emancipação (Melo, 2009).

Da AD para a ACD mudam-se também as bases epistemológicas, cuja principal alteração consiste em não adotar os conceitos da Psicanálise. As bases epistemológicas da ACD são: a Linguística Crítica, baseada principalmente na Linguística Sistêmico-funcional de Halliday, e as teorias neomarxistas, especialmente as de Gramsci e da Escola de Frankfurt, que propõe um diálogo entre as ciências humanas, as teorias linguísticas e as ciências sociais. Nomes como Habermas, Bourdieu, Adorno e Gramsci deram sustentação aos conceitos de mudança discursiva e prática discursiva (Melo, 2009).

O discurso pode ser definido como um sistema de enunciados que constrói determinado objeto (Parker, 1992), sendo aquilo que nos faz enquanto nós o fazemos (Bauman & Mazzeo, 2020). A ACD está interessada em questionar a relação entre

representação e contexto sócio histórico. Ao estudar os detalhes da estrutura linguística, à luz da situação social e histórica em que um texto foi produzido, a ACD busca trazer ao nível da consciência os padrões de crenças e valores que estão presentes no discurso e que, muitas vezes, estão invisíveis, pois há quem aceite o discurso como natural e como verdade. Dessa forma, a intenção da ACD é desemaranhar os significados ocultos de um texto para compreender o que se quer dizer quando se diz algo, o que fica implícito, o que se nega e o que se afirma, o que se defende e o que se refuta (Soares, 2017).

Essa tomada de consciência a respeito das representações ocultas do discurso seria, para Fairclough (1989), o primeiro passo em direção à emancipação. Partindo da ideia básica de que o conhecimento é uma construção social (Spink, 2010) e de que a realidade é um produto da sociedade (Berger & Luckmann, 2004), se assume uma posição crítica diante dos conhecimentos que se entendem como verdades, avaliando e analisando os discursos e, conseqüentemente, avaliando e analisando os padrões de vida cultural. Afinal, a ‘verdade’ está limitada ao tempo e à cultura (Gergen, 1994).

A função dos analistas críticos do discurso é mostrar o valor da linguagem na produção, na manutenção e na mudança das relações de poder, conseqüentemente, aumentando a consciência de que a linguagem contribui para a dominação de uma pessoa ou de um grupo (Melo, 2009).

A Linguística Crítica, as teorias Neomarxistas, especialmente as de Gramsci, e os estudos da Escola de Frankfurt compõem as bases epistemológicas da ACD. A grande contribuição da Linguística Crítica de Halliday para a ACD está na análise multifuncional da sentença, que contempla as três funções sociais da linguagem: ideacional, interpessoal e textual. Já Gramsci e a Escola de Frankfurt contribuíram para a elaboração da ACD ao fazerem um diálogo entre ciências humanas, teorias linguísticas e ciências sociais, além disso, conceitos como instabilidade de poder e violência simbólica foram resgatados desses referenciais (Melo, 2009).

A linguagem, para a ACD, não pode ser considerada como individual. Afinal, sempre que alguém reproduz um discurso, esse discurso está carregado de sentidos e é fruto de uma ideologia. A linguagem é uma prática social que implica questões de ordem cultural, ideológica e política (Fairclough, 2001; Potter & Wetherell, 1987; Wetherell & Potter, 1992; Parker, 1992). Sendo assim, as pessoas produzem sentidos por meio da linguagem, e o sentido é uma construção social e essas construções de sentido se dão em determinados contextos, com determinadas questões históricas e culturais. O que nos permite compreender que ninguém produz sentido individualmente (Spink, 2010).

Discurso é prática de representação, permitindo atribuir significados ao mundo e contribuindo para a construção de identidades, relações sociais entre as pessoas e sistemas de conhecimento e crença, é uma forma de agir no mundo, através do qual as pessoas constroem sua realidade social. Dessa forma, entendemos que o discurso é, ao mesmo tempo, produto e produtor do mundo social, incorporando e sendo incorporado por outros elementos. Isso corresponde à dialética do discurso, uma vez que os discursos produzem os conhecimentos e os conhecimentos circulam como discursos (Fairclough, 2003; Fairclough, 1989; Fairclough, 2010). Essa relação dialética implica em não poder analisar discursos fora de seus contextos discursivos e sociais, ou seja, ao fazer uma análise discursiva crítica, devemos não só analisar o texto, mas também considerar as práticas discursivas e sociais que envolvem o texto em questão (Tílio, 2010).

Os discursos incluem ainda dois tipos de representações: de como as coisas são e têm sido e de como as coisas seriam, deveriam ou poderiam ser. Os discursos enquanto imaginários de novas práticas sociais, podem se tornar novos modos de ser, afinal, como mencionado anteriormente, o discurso também tem um caráter de criador e produtor de novas práticas (Nogueira, 2001; Fairclough, 2010). Tudo isso deve ser buscado em um discurso, se este está falando sobre o que é ou sobre como poderia ser. Cabe ao analista crítico do discurso compreender o que está sendo dito.

A pessoa da ACD está propensa a ser moldada ideológica e linguisticamente, mas também tem o poder de agir como transformadora de suas próprias práticas discursivas, ora se conformando e ora resistindo, ressignificando e reconfigurando os discursos (Melo, 2009).

A ACD quer compreender as formas de produção social do sentido. Está interessada no processo produtivo, pois entende que um texto revela as posições ideológicas de um momento sócio-histórico e é portador de contexto (Minayo, 2006). Através das interações, as pessoas negociam interpretações particulares, elaborando representações. Afinal, aquilo que reconhecemos como realidade é instituído no dia a dia, (Howard & Hollander, 1997).

Uma análise verdadeiramente crítica deve ser tridimensional, partindo de micro aspectos linguísticos, passando pela forma de distribuição dos textos e a forma como é consumido e atingindo as práticas sociais a partir dos aspectos ideológicos e hegemônicos contidos no texto (Fairclough, 2001).

O discurso contribui para a construção da estrutura social em todas as suas dimensões. Para compor o que viria a ser a ACD, Fairclough (2001) utilizou algumas

abordagens, combinando exame detalhado de textos linguísticos com a orientação social para o discurso. Seu objetivo foi combinar a efetiva e útil apreciação textual a outros modos de análise social.

O autor analisa o discurso num quadro tridimensional, como texto, como prática discursiva e como prática social. Para ele, o discurso é uma prática que representa o mundo, contribuindo para a construção de sistemas de conhecimento e crença e influenciando identidades, relações e ideias (Fairclough, 2001).

A prática discursiva contribui para reproduzir e transformar a sociedade. Logo, a relação entre discurso e estrutura social deve ser considerada dialética e o discurso deve ser visto como uma forma de prática social. Nessa concepção tridimensional do discurso, o texto está dentro da prática discursiva (produção, distribuição, consumo) e a prática discursiva está dentro da prática social (Fairclough, 2001).

Para Fairclough (2003), os discursos são modos de representação do mundo. Assim, uma análise discursiva crítica é também uma análise crítica dos modos de representação. Isso nos permite concluir que ao realizarmos um exame crítico do discurso estamos identificando as representações de determinado tema e assumindo uma postura crítica frente a essas representações e formas de dominação social. Nota-se que as construções teóricas da ACD perpassam diferentes campos de saber, especialmente entre Linguística e Ciências Sociais.

A ACD recorre às categorias linguísticas sem que seja necessário definir uma listagem específica. São os discursos a serem analisados que ficam responsáveis por direcionar a criação e a seleção de categorias analíticas. Sendo assim, não há como desenvolver um método único e universal para se fazer uma análise discursiva crítica (Meyer, 2001).

O caminho é inverso ao que se faz na maioria das metodologias. Aqui, primeiro há o contato com o material a ser analisado e, posteriormente, a partir da leitura desse material, criam-se as categorias a serem analisadas. Por ser qualitativa, essa sequência metodológica é importante, porque possibilita que o pesquisador estabeleça categorias de apreciação a partir do material analisado, ao invés de ir para a análise com categorias pré-elaboradas. Esse percurso metodológico condiz, inclusive, com o que preza a análise dialógica do discurso de Bakhtin, ou seja, não aplicar conceitos para compreender um discurso, mas permitir que o discurso revele sua própria forma de produzir sentido (Brait, 2006).

Esta pesquisa consiste na análise de material literário com um tema em comum: o suicídio. Para tanto, alguns métodos foram aplicados, considerando a complexidade e a seriedade da temática. Afinal, mesmo que teoria e metodologia sejam abertas, há um foco definido: perceber e refletir um problema de grande relevância social. A análise, portanto, é livre para que se possa enquadrá-la nos ideais da pesquisa (Choularaki & Fairclough, 1999).

Percebido o problema, Choularaki e Fairclough (1999) dividem a análise em três etapas: análise da conjuntura, análise da prática particular e análise do discurso. Em seguida, verifica-se o problema na prática, sempre buscando delinear os possíveis modos de ultrapassar o problema. Por fim, deve-se refletir sobre a análise feita. Convém destacar que o exame não se limita aos aspectos linguísticos, mas se amplia para questões sociais, especialmente por conta da análise da conjuntura e da prática particular que fazem com que as relações de poder envolvidas no problema sejam observadas (Choularaki & Fairclough, 1999).

Fairclough (2003) afirma que em todo discurso há três tipos de significados: o significado identificacional, que se refere à construção de identidades e pessoas. Aqui, os conceitos de identidade e diferença são relevantes, pois é preciso entender quem é o autor do discurso, que identidade ele adota, o que ele qualifica como diferente. Em seguida, temos o significado acional, que está interessada na construção de relações sociais entre as pessoas, ou seja, em como se dão as interações entre as pessoas. E, por fim, o significado representacional, que se relaciona com a representação de aspectos do mundo, crenças e conhecimento, o que está sendo representado e como está sendo representado.

Com isso, todo discurso é uma prática de identificação, de relação e de representação. Simplificando e exemplificando a aplicação desses conceitos, temos três questões norteadoras que precisam acontecer no momento de se analisar um discurso: Como as identidades se estabelecem no discurso? Como as relações sociais entre os participantes são estabelecidas? Quais são as representações que o discurso apresenta?

Fairclough é um dos estudiosos mais relevantes da ACD e sua Teoria Social do Discurso é a abordagem que mais tem representado a ACD. O autor possui quatro obras centrais em que estabelece seu referencial teórico-metodológico e outras obras em que demonstra sua aplicação, por meio da análise de discursos midiáticos, por exemplo. No entanto, não foram encontradas pesquisas em que Fairclough tenha analisado romances ou literatura ficcional. Portanto, algumas adaptações serão feitas para que sua teoria

subsidie a análise dos nossos dados e auxilie na concretização dos objetivos dessa pesquisa.

O modelo tridimensional de Fairclough (1989, 1992) propõe que texto, prática discursiva e prática social estão relacionados da seguinte forma: as práticas sociais criam práticas discursivas que criam, por sua vez, o texto, compreendido como o próprio discurso, seja escrito ou falado. Dessa forma, o texto está dentro das práticas discursivas e as práticas discursivas estão inseridas dentro das práticas sociais. Na dimensão das práticas sociais, o discurso é analisado em relação à ideologia e relações de poder e de dominação sociais. Ao falar de relações de poder e de dominação, Fairclough (2001) está mais interessado nas relações de classe.

Fairclough (2001) enfatiza os processos de luta ideológica e de transformação. Isso porque, para o autor, as ideologias, quando se tornam práticas discursivas, são naturalizadas e se tornam o senso comum, sendo necessário fazer da luta ideológica também uma prática discursiva. Por isso, a ACD proposta por Fairclough reconhece a capacidade de as pessoas atuarem como agentes e não apenas reprodutores do discurso dominante. Para o autor, aquele que produz o discurso nem sempre é sujeito, podendo elaborar novos discursos ou, pelo menos, trazer um discurso relativamente diferente e novo. Esse é um elemento fundamental para essa pesquisa, ou seja, analisar se os autores das obras analisadas estão sendo sujeitos do discurso dominante ou se estão abrindo novas possibilidades de discursos, que visem emancipação e inquietação das relações de poder existentes entre normal e patológico.

Fairclough (1989) desenvolveu sua teoria partindo do pressuposto de que, a partir de estudos críticos da linguagem e do discurso, é possível desenvolver consciência das relações de poder e obter emancipação. Uma análise que toma a linguagem como discurso e como prática social deve considerar tanto o discurso em seu formato de texto quanto os processos de produção e interpretação do texto, e também as condições sociais em que se deu a produção e a interpretação. Para isso, existem três estágios de análise: descrição, momento em que se realiza a análise das propriedades formais do texto, como vocabulário, gramática, e estrutura, interpretação, em que se verifica a produção, o que levou o texto a ser produzido e quais condições estavam colocadas, e explanação, que consiste em verificar se os textos corroboram ou contestam com as estruturas sociais com as quais eles se relacionam.

Um mesmo texto pode conter vários discursos e a relação entre eles pode ou não ser harmônica. A heterogeneidade de um texto é chamada de interdiscursividade. Analisar

a interdiscursividade de um texto consiste em identificar os diferentes discursos presentes nele (2003).

Em resumo, esses são os conceitos levados em consideração nas análises realizadas nessa pesquisa:

- As três etapas analíticas de Choularaki e Fairclough (1999): análise da conjuntura, análise da prática particular e análise do discurso;
- Os três significados do discurso segundo Fairclough (2003): o significado identificacional, o significado acional e o significado representacional;
- A análise do modelo tridimensional de Fairclough (1992): texto, prática discursiva e prática social;
- A capacidade das pessoas agirem como agentes e não apenas reprodutores do discurso dominante;
- A interdiscursividade.

3.2 Modelo Cognitivo dos Atos Suicidas

O Modelo Cognitivo dos atos suicidas, elaborado a partir da Terapia Cognitiva Comportamental também subsidiará a análise dos dados. As terapias cognitivas começaram a surgir no final dos anos 60, parcialmente motivadas pela insatisfação com os modelos comportamentais, que não reconheciam a importância dos processos cognitivos na mediação dos comportamentos, e com a psicanálise. (Dobson & Block, 1988; Dobson & Sherrer, 2004; Falcone, 2006; Beck, Rush, Shaw & Emery, 1997). O modelo cognitivo foi desenvolvido a partir de pesquisas conduzidas por Beck que visavam explicar os processos psicológicos envolvidos na depressão e enfatizavam a experiência subjetiva consciente (Knapp & Beck, 2008).

A TCC tem sido indicada para o tratamento de diversos transtornos psicológicos (Beck, 1997; Sudak, 2012), mas, pouco se fala sobre a relação entre TCC e suicídio, quem são as pessoas suicidas para esse referencial teórico e quais as técnicas e estratégias disponíveis na prevenção do suicídio.

O modelo cognitivo entende que não são as situações, mas a interpretação das situações que determina a forma como nos sentimos, ou seja, as experiências emocionais são determinadas pela maneira como percebemos, interpretamos e julgamos essas situações. Isso explica porque pessoas diferentes sentem coisas diferentes mesmo quando

estão em situações semelhantes ou até iguais. Sendo assim, diferentes interpretações favorecem diferentes respostas emocionais, fisiológicas e comportamentais (Wenzel, Brown & Beck, 2010).

Essas interpretações não são aleatórias, mas determinadas pelas experiências anteriores de cada pessoa, pelos possíveis sintomas psiquiátricos que a pessoa está experimentando e pelo nível de estresse que estão vivenciando no momento. As experiências anteriores contribuem para a formação dos chamados esquemas ou crenças, que são estruturas internas de características armazenadas que são utilizadas para agregar novas informações e experiências, determinando como uma situação é percebida. Essas estruturas influenciam o processamento de interpretação e dão sentido às experiências. São como lentes através das quais as pessoas veem e atribuem significado ao mundo, já que ver o mundo não é um processo objetivo (Wenzel, Brown & Beck, 2010).

Sendo assim, situações ativam crenças e a ativação dessas crenças faz com que as pessoas interpretem subjetivamente as situações. Essas interpretações se manifestam como pensamentos automáticos e geram diferentes respostas emocionais, além de influenciarem comportamental e fisiologicamente (Wenzel, Brown & Beck, 2010).

O problema surge quando crenças negativas influenciam negativamente nas interpretações, podendo provocar emoções e comportamentos disfuncionais. As crenças são formadas pela chamada tríade cognitiva, que corresponde à visão de si, visão do mundo ou dos outros e visão do futuro, determinando como a pessoa olha para si mesma, para suas interações com as pessoas e com o mundo e o que espera de seu futuro. No caso da depressão, por exemplo, a tríade cognitiva tende a se tornar negativa, gerando interpretações disfuncionais em todos esses âmbitos (Wenzel, Brown & Beck, 2010).

Esses esquemas ou crenças desadaptativos estão geralmente associados aos transtornos psiquiátricos e resultam em um processamento de informações enviesado. Essas estruturas cognitivas geralmente se formam durante a infância ou a adolescência e podem permanecer latentes até que a pessoa experimente um estresse significativo (Wenzel, Brown & Beck, 2010).

Para analisar e compreender comportamentos, emoções e questões psicológicas em geral, a TCC propõe modelos cognitivos que definem e explicam padrões. Wenzel, Brown e Beck (2010) elaboraram um modelo cognitivo dos atos suicidas que incorpora o modelo cognitivo geral com os processos cognitivos específicos ao comportamento suicida, abordando a maneira pela qual os fatores de risco trabalham em conjunto para

ativar esquemas de suicídio e considerando outros construtos relacionados ao ato que possuem bases científicas na literatura empírica.

Dentre os construtos cognitivos relacionados ao suicídio podemos citar: desesperança, impulsividade aumentada, vieses de processamento de informações, déficits na resolução de problemas e atitudes disfuncionais, como o perfeccionismo. É válido mencionar que a impulsividade pode ou não estar presente em um comportamento suicida, já que algumas tentativas são premeditadas, enquanto outras ocorrem com quase nenhum sinal ou aviso (Wenzel, Brown & Beck, 2010).

Os vieses de processamento de informação são os padrões de interpretação de uma pessoa, que pode ou não reforçar ainda mais as suas crenças negativas. Seria como dizer que as pessoas têm maneiras específicas com que tendem a interpretar o mundo. Em pessoas que apresentam comportamentos suicidas, dois domínios de vieses do processamento de informação vêm sendo estudados: vieses atencionais e vieses de memória, que podemos entender como uma forma de atenção e memória seletivas. Isso significa que pessoas que apresentam comportamentos ou mesmo ideação suicida alocam suas atenções para estímulos relacionados ao suicídio e distanciam o foco das outras alternativas e de razões para viver. Na memória, esses vieses afetam a habilidade de essas pessoas se lembrarem de motivos específicos para viver (Wenzel, Brown & Beck, 2010).

O déficit na resolução de problemas é um processo semelhante, pois faz com que pessoas com intensão suicida percebam as situações, problemas e desafios como intoleráveis e concluam que eles não têm habilidades para mudá-las ou superá-las, ocasionando um aumento da desesperança e da ideação suicida, pois coloca o suicídio como uma única alternativa (Wenzel, Brown & Beck, 2010).

Pessoas com mais déficits na resolução de problemas tendem mais facilmente a ver o suicídio como uma solução ou como uma saída do que pessoas com menos déficits na resolução de problemas. Ou seja, duas pessoas frente a frente com um mesmo problema ou estresse podem reagir de formas diferentes, uma pensando em soluções práticas para resolver o problema e outra pensando que não há solução para o problema e cogitando suicídio.

Em TCC, as crenças são determinantes em todos os quadros mentais. No caso da ideação suicida, a crença de desesperança se destaca, pois, é a distorção mais comum em pacientes com depressão. Desesperança seria uma tendência a olhar o futuro sem esperança, esperando que o futuro só traga mais tristeza e problemas, não conseguindo esperar coisas boas e alegrias. Essa crença é considerada um sintoma central da depressão

e é especialmente danosa por acarretar em comportamentos desadaptativos (Wright et al., 2012). A desesperança leva o paciente a pensar no suicídio como uma solução e um alívio (Beck, Rush, Shaw & Emery, 1997). Além da desesperança, Medeiros e Sougey (2010) também identificaram que hipocondria, ideias de fracasso e desejo de morte são frequentes em pessoas com depressão.

Para a TCC, a pessoa que atenta contra a própria vida está com dificuldade para modificar sua estratégia para resolver os problemas, o que contribui para a chamada rigidez cognitiva, com pensamento dicotômico, fazendo com que a pessoa pense em suicídio mais facilmente do que pessoas com melhores estratégias de resolução de problemas. Isso favorece o comportamento suicida na medida que torna mais difícil para esses pacientes pensar em outras soluções para seus problemas, que não seja suicídio (Coronel & Werlang, 2010).

Resumidamente, o suicida para a TCC é a pessoa que tem uma visão negativa de si mesmo, dos outros, do mundo e do futuro, que não sente esperança no futuro e não vê perspectiva de melhora e que deposita na morte autoinfligida a única maneira de resolver seus problemas, demonstrando rigidez cognitiva e dificuldade de resolução de problemas.

Pesquisas indicam que pacientes suicidas expressam mais crenças distorcidas sobre si mesmos, o mundo e o futuro do que outros pacientes psiquiátricos. Portanto, de acordo com o modelo cognitivo do suicídio, podemos afirmar que fatores de risco, esquemas negativos, processos cognitivos específicos ao suicídio e estressores interagem e aumentam a probabilidade de comportamentos suicidas virem a aparecer. É válido afirmar que quanto mais esquemas negativos e processos cognitivos relacionados ao comportamento suicida uma pessoa tiver, menores serão os estresses de vida necessários para que ela apresente um comportamento suicida.

A versão final desse modelo cognitivo dos atos suicidas propõe que uma pessoa que possui fatores de vulnerabilidade disposicionais, ou seja, fatores que a deixam mais vulnerável ao suicídio, como a impulsividade, os déficits na resolução de problemas, o perfeccionismo, um estilo generalizado de atenção e de memória e outras atitudes disfuncionais, quando exposta a um evento estressor, apresenta uma ativação dos processos cognitivos associados a transtornos psicológicos ou a atos suicidas e essa interação de fatores de vulnerabilidade, estresse e processos cognitivos específicos a leva aos atos suicidas (Wenzel, Brown & Beck, 2010).

Wenzel, Brown e Beck (2010) postulam ainda que pessoas que tentam suicídio sem possuir nenhum transtorno psicológico possuem uma carga particularmente alta de

fatores de vulnerabilidade disposicionais ou estejam experimentando um nível muito alto de estresse. Também é válido mencionar que esses fatores de vulnerabilidade disposicionais não levam uma pessoa a cometer suicídio por si só, mas estão associados aos atos suicidas pois possuem potencial de ativar crenças negativas em momentos de estresse, podendo até gerar estresse por si mesmas, e influenciam o curso do processamento cognitivo durante crises suicidas.

Quanto mais fatores de vulnerabilidade disposicionais uma pessoa tiver, ou quanto mais severo for seu transtorno psicológico, menos estresse será necessário para que ela ative crenças e esquemas relacionados ao suicídio (Wenzel, Brown & Beck, 2010). Porém, esse modelo não é válido nas mesmas proporções para todas as pessoas, pois há outras questões a considerar como, por exemplo, se uma pessoa está tentando suicídio pela primeira vez ou se é reincidente, ou se essa pessoa já desenvolve estratégias para lidar adequadamente com as crises suicidas.

Como a TCC tem demonstrado eficácia no tratamento da maioria dos transtornos e sintomas psicológicos, assim como na prevenção do suicídio, e possui um confiável modelo de entendimento do comportamento suicida, analisaremos as obras e, mais especificamente, os personagens apresentados nas obras, a partir do modelo cognitivo dos atos suicidas, identificando suas possíveis crenças, fatores de vulnerabilidade disposicionais e processos cognitivos relacionados ao suicídio em geral.

3.3 Processo de Seleção das Obras

Essa pesquisa analisa criticamente discursos sobre suicídio em romances clássicos. Para isso, foi preciso, primeiramente, selecionar obras que fossem relevantes para a composição do material a ser analisado. A composição restringiu-se ao campo dos romances clássicos. Essa restrição se deu por compreendermos que clássico é aquilo que sobreviveu, que não ficou preso ao local em que foi produzido e que se perpetuou apesar da passagem do tempo.

Eliminados os romances contemporâneos, dessa seleção, outro corte foi feito para delimitar o gênero literário do romance. O suicídio é um tema recorrente na literatura, não apenas nos romances, como em outros gêneros literários, como peças, com destaque para *Psicose 4:48* de Sarah Kane, e novelas, como Stevenson e seu *Clube dos Suicidas*. No entanto, os romances, por sua extensão e maior conexão com a realidade, nos

fornece mais material a ser analisado, além de serem considerados como uma forma mais democrática de produzir e disseminar conhecimento.

Temos, pois, dois cortes e nos limitamos ao campo dos romances clássicos por entendermos o papel fundamental que essas obras têm na elaboração e na disseminação de representações sobre as mais diversas temáticas. Era chegada a hora de selecionar as obras clássicas do romance que seriam analisadas, para tanto foram adotados alguns critérios.

As obras deveriam ser diversificadas em suas origens temporais e espaciais, para que, por meio delas, fosse possível comparar diferentes discursos. A etapa seguinte era encontrar obras que tratassem sobre suicídio. Para a seleção das obras, foram consultados alguns materiais, com destaque para a coletânea 1001 Livros para Ler Antes de Morrer (Boxall, 2010), que reúne 1001 títulos clássicos que os organizadores consideraram essenciais.

Muitas obras foram lidas e muitas ficaram de fora da seleção final. Era essencial que alguns lugares fossem representados: Estados Unidos, Inglaterra, Rússia e Alemanha. A priorização desses países justifica-se devido ao fato de que a Rússia e a Alemanha já foram consideradas as maiores potências literárias do mundo e muitas de suas produções se tornaram clássicos mundiais. O mesmo acontece com os Estados Unidos e a Inglaterra que, ainda hoje, são considerados grandes produtores de literatura. O difícil acesso às obras de origem oriental acabou inviabilizando que fossem selecionados livros desses locais. Além disso, reconhecemos a limitação que nosso olhar possui para analisar produções orientais, pelos grandes desafios que essa cultura nos impõe. Sendo assim, restringimo-nos ao ocidente.

Na seleção final, as obras que integram essa pesquisa são: *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, do alemão Goethe, *Os Demônios*, obra russa de autoria de Dostoiévski, *Mrs. Dalloway*, da inglesa Woolf, e a obra norte americana, *A Redoma de Vidro*, de Plath. Finalmente selecionadas as obras, analisou-se os discursos sobre suicídio a partir da perspectiva teórico-metodológica da ACD e da TCC, visando também identificar as representações do ato reproduzidas nas obras.

Foram utilizadas, para as análises, versões traduzidas das obras. Ao mesmo tempo que compreendemos que isso não inviabiliza ou compromete a análise, visto que os discursos resistem a esse processo, não podemos ignorar que o processo de tradução é também um processo de reescrita, em que algo é recriado a partir da criação original. Ao analisarmos obras traduzidas, estamos analisando a produção do autor e a coprodução do

tradutor. Logo, cabe dar os créditos aos tradutores: Claudia Cavalcanti, pela tradução de *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, Paulo Bezerra, que traduziu *Os Demônios* e outras dezenas de obras russas e que recebeu do governo da Rússia a Medalha Púchkin em 2012 por sua contribuição na divulgação da cultura russa no exterior, Mario Quintana, pela tradução de *Mrs. Dalloway*, e Chico Mattoso, pela tradução de *A Redoma de Vidro*. E além de creditar os tradutores, deixo registrado minha gratidão por esse trabalho tão valioso e, infelizmente, pouco reconhecido.

4. ANÁLISES

Quatro obras foram selecionadas, com base nos critérios estabelecidos de relevância literária e quantidade de material a ser analisado. Os quatro romances são considerados clássicos, e suas origens são diversificadas em tempo e local. Essa diversificação nos permite recolher representações de diferentes tempos e lugares. As características gerais de cada obra constam no Quadro 1.

Quadro 1 – Características gerais das obras selecionadas

Obra	Autor	Ano	Local
<i>Os Sofrimentos do Jovem Werther</i>	Goethe	1774	Alemanha
<i>Os Demônios</i>	Dostoiévski	1871	Rússia
<i>Mrs. Dalloway</i>	Woolf	1925	Inglaterra
<i>A Redoma de Vidro</i>	Plath	1963	Estados Unidos

Fonte: Elaboração própria.

Todos os quatro romances selecionados para esse estudo são frequentemente citados em listas de leituras indispensáveis e os quatro estão presentes na coletânea *1001 Livros Para Ler Antes de Morrer*. Como mencionado, os quatro romances possuem caráter semiautobiográfico. Por isso, recuperar um pouco das histórias de vida de seus autores e do contexto em que estavam inseridos ajuda a compor as análises.

As quatro obras abordam o suicídio, mas em três ele é consumado: *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, *Os Demônios* e *Mrs. Dalloway*. Em *A Redoma de Vidro*, há tentativas, mas o suicídio não se concretiza e o livro termina com a personagem viva. Nos romances em que o suicídio se concretiza, os personagens são homens. Já no romance em que há tentativas sem concretização do ato, a personagem é mulher. Na vida real, Woolf e Plath também cometeram suicídio. O único destino que condiz entre escritora e personagem é de Woolf e de seu personagem, Septimus, já que ambos se suicidaram. Nos demais casos, quando houve o suicídio do personagem, não houve do escritor e vice-versa.

4.1 Os Sofrimentos do Jovem Werther

Os Sofrimentos do Jovem Werther, publicado em 1774, por um dos maiores autores alemães, Goethe, inspirou a criação do termo Efeito Werther, que diz respeito ao

caráter contagioso do suicídio (Ferreira Jr, 2016). Ao redor do mundo, existem lugares, como pontes e florestas, onde o ato suicida é cometido com frequências alarmantes, mostrando que realmente há um caráter social e, possivelmente, contagioso no ato. O termo Efeito Werther surgiu porque existem boatos de que a publicação do livro gerou uma onda de suicídios na Alemanha da época (Almeida, 2000). Apesar de não haver comprovação de que isso tenha acontecido, o livro acabou ficando com essa fama e é hoje um dos mais lembrados quando se fala sobre esse tema.

Até mesmo a OMS (2000) cita o Efeito Werther ao falar sobre o contágio, descrito por eles como o processo pelo qual um suicídio facilita a ocorrência de outros, por conta do conhecimento direto ou indireto do ato prévio. Estudos têm investigado a influência que suicídios anteriores podem ter em novas ocorrências do ato. Borges e Werlang (2006), por exemplo, entrevistaram 188 adolescentes com ideação suicida e concluíram que 100% conhecia alguém que já havia tentado tirar a própria vida e 64,4% conhecia alguém que tinha cometido suicídio.

Constatar a veracidade do Efeito Werther não significa que devemos encobrir o assunto. Afinal, ao fazer do suicídio um tema tabu, dificultamos que as pessoas falem sobre pensamentos de morte e isso faz com que pessoas que estão pensando em suicídio se sintam mais sozinhas e desamparadas. O Efeito Werther deve ser um alerta para duas questões: a importância de abordar o tema do suicídio de forma responsável e a importância das estratégias de posvenção. Quando uma pessoa comete suicídio, as pessoas próximas a ela podem sentir certa aproximação com esse assunto e com essa possibilidade. Logo, é preciso que essas pessoas recebam o apoio necessário para elaborarem o luto de forma saudável e funcional.

O medo do Efeito Werther e do caráter supostamente contagioso do suicídio faz com que a mídia, as instituições e a sociedade no geral se silenciem sobre esse assunto. No entanto, é preciso superar o conceito biológico de contágio, porque o suicídio não é uma doença contagiosa. Falar sobre suicídio é importante, desde que isso seja feito da forma correta.

Hwang e Kovács (2019) concluíram que a simples exposição do tema na mídia não causa novos suicídios, embora, dependendo da forma como for abordado, pode ser um fator de influência. O suicídio por contágio está associado ao processo de identificação e imitação e existe uma relação entre o contágio e a forma como a mídia notifica casos de suicídio de pessoas famosas, por exemplo. As pesquisadoras perceberam que quando o suicídio de uma pessoa famosa é noticiado de forma responsável,

informativa e não sensacionalista, o efeito de contágio não é observado. A prática midiática e jornalística deve estar comprometida em contextualizar o fenômeno, promover debates e mostrar estratégias de prevenção, instruindo e sensibilizando a população.

A série *13 Reasons Why*, da Netflix, ficou famosa e virou polêmica ao retratar o suicídio de forma irresponsável, principalmente porque a série mostra, de forma explícita, a personagem cometendo suicídio, o que não é indicado pela OMS (2000), pois pode funcionar como um exemplo de como cometer suicídio. Além disso, a série retrata o suicídio como uma consequência lógica para o que a personagem estava vivendo, não mostrando outros meios de resolução de problemas.

A obra de Goethe se enquadra no gênero do romance epistolar, pois é escrita no formato de cartas, e pertence ao movimento literário *Sturm und Drang*, ou *Tempestado e Ímpeto*, movimento que enaltece a importância da vivência subjetiva e coloca o sentimentalismo acima do racionalismo (Carpeaux, 2015).

Por pertencer à fase romântica, a obra tem como traço marcante o diálogo frequente entre o amor impossível e a renúncia. É a agonia de ter de viver o impossível que conduz à morte autoinfligida e é em meio ao amor ideal e a recusa que permeiam os conceitos de autodestruição apresentados por Werther. A obra apresenta muitas temáticas que caracterizam o movimento romântico, como a idealização da mulher amada, a emoção acima da razão, a crítica às relações sociais, a exaltação da natureza e, principalmente, o trágico destino do protagonista. A obra de Werther é condizente com a época em que foi escrita, quando as tragédias e o romantismo estavam em alta.

Na história, conhecemos Werther e seus sofrimentos por meio das cartas que ele regularmente escreve ao seu amigo Wilhelm. Werther conhece e se apaixona por Lotte, mas descobre que se trata de um amor proibido, pois a moça já está prometida a outro homem, Albert. A convivência e a amizade entre o jovem apaixonado e o casal não é capaz de reprimir os sentimentos do primeiro. Werther e Albert se tornam próximos e dialogam sobre diversos assuntos, entre eles, o suicídio. Ciente da impossibilidade de levar adiante o seu amor por Charlotte, Werther se muda de cidade. Apesar dessa tentativa desesperada de se desfazer desse sentimento, Werther se vê cada vez mais apaixonado e mais infeliz por causa da distância de sua amada, retornando para perto de Lotte. O retorno ao convívio com o casal acaba por comprometer ainda mais a saúde emocional do jovem Werther, o que culmina em seu suicídio, motivado não apenas pelo desejo de

colocar um fim ao seu sofrimento, mas também pela ideia de que encontrará Lotte na outra vida e poderá, após a morte da amada, viver esse romance.

Há na obra certa inspiração autobiográfica, já que o próprio Goethe viveu uma paixão impossível em 1772 pela jovem Charlotte Buff, que também estava prometida a outro homem. Escritor e personagem se mudaram de cidade para se verem livres desse sofrimento e, a partir desse ponto, a narrativa se bifurca. Enquanto Werther retorna para a convivência com Lotte e Albert e comete suicídio por não suportar mais o sofrimento de não poder possuir sua amada, Goethe superou esse amor, que acabou sendo apenas mais um entre os tantos amores que ele teve em vida. O casal que inspirou a criação de Lotte e Albert se reconheceu no romance de Goethe e não gostou de ter sido representado na história, cortando relações com o autor por algum tempo.

Goethe não se matou como seu personagem e isso pode ser parcialmente justificado com base nas diferentes formas como essas personalidades vivenciavam o sentimento do amor. Werther amava em qualidade, enquanto Goethe amava em quantidade. Werther amou sua Lotte como nunca amou ninguém. Goethe amou Charlotte da mesma forma como amou tantas outras mulheres. Afinal, Goethe teve inúmeros amores em sua vida e muitos deles não foram correspondidos (Goethe, 2014). Mesmo assim, Goethe compôs um personagem que se suicida e, com isso, marcou uma geração de jovens românticos e intensos.

Além disso, a escolha pelo suicídio de seu personagem pode ter sido motivada porque, na mesma época em que se apaixonou por Charlotte, Goethe ficou sabendo que seu amigo Karl Wilhelm, também apaixonado por uma jovem comprometida, se matou dando um tiro na própria cabeça.

Todos esses eventos podem ter servido de inspiração para que Goethe escrevesse *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, que não apenas é uma de suas maiores obras, como também é um dos livros mais importantes da literatura mundial.

4.1.1 *É mais fácil morrer do que suportar firmemente uma vida de suplícios*

Como vimos, as noções de identidade e diferença são relevantes para a ACD. Em *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, o personagem Albert serve como porta-voz das práticas discursivas que colocam o suicida no lugar da diferença. Nessas falas, a pessoa em sofrimento é representada pela perspectiva da pessoa dentro dos padrões de normalidade, o que significa, nesse caso, a pessoas sem ideiação suicida. Surgem então os

significados representacionais, que evidenciam o conjunto de crenças que se tem sobre o suicídio e o suicida.

No início do romance de Goethe (2014), o personagem Werther chega em Wahlheim, uma localidade fictícia, e lá conhece Lotte, por quem se apaixona. No entanto, Werther descobre que Lotte já está prometida a Albert. Apesar da paixão por Lotte, Werther acaba ficando amigo de Albert e os três se tornam bons companheiros.

Werther é um jovem romântico e sonhador que possui uma visão muito positiva do mundo. Seu contato com a natureza é muito profundo e tocante e ele tende a valorizar as pequenas coisas. Ver o mundo pelos olhos de Werther é encarar um mundo romantizado e encantador. Já nas primeiras páginas, Werther faz diversas reflexões sobre as coisas que geralmente valorizamos na vida e como deixamos de valorizar o que mais importa. Podemos perceber, nesse início, que a tríade cognitiva (Beck, 1997; Wenzel, Brown e Beck, 2010) de Werther é funcional, pois ele vê a si mesmo, aos outros e ao mundo de forma positiva, além de demonstrar ter esperança em um futuro bom e cheio de alegrias. Esse seria, para a TCC, um exemplo de uma mente que está funcionando de forma saudável, sem distorções cognitivas e sem crenças disfuncionais.

O assunto de nosso interesse surge na página 72, quando Werther encontra pistolas na casa de Albert, que lhe conta que sempre mantém as armas descarregadas por conta de um incidente presenciado por ele. Werther, sem motivo aparente, aponta a arma para a própria cabeça ao que Albert, alarmado, interroga: “*O que é isso?*” (Goethe, 2014, p. 73), sentença que demonstra não apenas surpresa, mas também confusão, como se estivesse frente a uma atitude que lhe é difícil compreender. Na fala de Albert, o Outro é Werther, representando a diferença e causando confusão. O suicídio é representado como estranho e confuso.

Albert afirma: “*Não posso imaginar como alguém pode ser tão tolo de atirar contra si mesmo; o mero pensamento causa-me repulsa*” (Goethe, 2014, p. 73). Muitas análises podem ser feitas a partir dessa curta sentença. Quando o personagem diz “*Não posso imaginar...*” (Goethe, 2014, p. 73), o suicídio é colocado numa posição intangível, algo que não cabe na consciência e de difícil representação. O ato recebe um olhar de estranhamento e de compreensão quase impossível.

Ele segue: “*...como alguém pode ser tão tolo...*” (Goethe, 2014, p. 73), e o suicida é representado como um tolo em seu julgamento moral. Colocado como substantivo masculino, o termo tolo é sinônimo de tonto, simplório, ingênuo, aquele que pratica tolices, que não tem juízo, que não tem inteligência. Acrescido da palavra *tão*, a sentença

pretende reforçar a tolice do suicida. O suicídio é representado como um ato restrito àqueles que são muito tolos.

A sentença segue da seguinte forma: “...*de atirar contra si mesmo...*” (Goethe, 2014, p. 73). Portanto, a tolice está no fato de atirar contra si mesmo, o que exclui atirar em outro. Implicitamente, o personagem está dizendo que é mais tolo aquele que atira contra si mesmo do que aquele que atira contra o outro. O ‘não dito’ é relevante nessa fala, pois representa o que está implícito na fala do personagem.

E conclui: “...*o mero pensamento causa-me repulsa*” (Goethe, 2014, p. 73). O suicídio gera repulsa no personagem, é digno de nojo, de aversão. A repulsa pode ser compreendida como o ato de repelir. Tirar a própria vida é um ato que faz o outro querer desviar o olhar e se sentir enojado. Repelimos aquilo que não queremos perto de nós e o suicida é aquele que se quer manter longe. Essa passagem, juntamente com o substantivo *tolito* dirigido à pessoa que comete, nos permite considerar que, para Albert, o suicida é digno de desprezo.

Por outro lado, Werther, ao apontar a arma para sua própria cabeça, parece querer justamente o contrário, parece buscar uma aproximação com o ato suicida, o que pode representar curiosidade, desejo ou até simpatia pelo ato. O personagem também parece querer provocar os amigos, mostrando que ele não compactua com todo esse distanciamento que as pessoas têm para com o suicídio.

Após a fala de Albert, Werther alega que esse julgamento é precipitado. O protagonista argumenta:

Não sei por quê! As pessoas, para falar de alguma coisa, logo dizem: “isto é uma tolice, isto é inteligente, isto é bom, isto é mau!” E o que quer dizer tudo isso? Vocês por acaso pesquisaram as relações internas de uma ação? Por que acontece e por que teve de acontecer? Se soubessem, não julgariam de forma tão precipitada (Goethe, 2014, p. 73).

O protagonista avalia como precipitado o julgamento de Albert por acreditar que existem relações internas e causas relacionadas ao ato suicida. Aqui o suicídio é representado como um ato de maior profundidade, que necessita receber uma avaliação mais profunda para ser compreendido, sendo que suas causas são representadas como sendo de ordem interna. O discurso de Werther é de identificação, empatia e reconhecimento, diferente da fala de Albert que busca afastamento. Werther está dizendo que, antes de julgar, é preciso tentar compreender. É do conhecimento daqueles que estudam o suicídio que o ato não pode ser explicado de forma simplificada e que é

importante realizar uma investigação aprofundada de cada caso para compreender o que levou a pessoa a cometer tal ato, já que não existe uma única causa ou motivo.

Ao afirmar que “*se soubessem, não julgariam de forma tão precipitada*” (Goethe, 2014, p. 73), Werther também dá a entender que, de modo geral, o afastamento que as pessoas mantêm do suicídio corrobora para que elas não o compreendam. Dessa forma, os julgamentos precipitados seriam diretamente causados pela falta de aprofundamento no tema.

Em contraposição, Albert alega: “*Você há de concordar comigo que certas ações permanecem perversas, não importando quais sejam os motivos*” (Goethe, 2014, p. 73). Aqui o suicídio é representado como um ato perverso, ou seja, malvado e cruel. É também uma conduta injustificável, um ato para o qual não existem motivos válidos. Quando Albert diz que Werther *há de concordar* com ele, ele está tentando evidenciar sua colocação, ou seja, dizer *você há de concordar* é como dizer que não existe hipótese de discordância, pois o que se está dizendo é de caráter evidentemente verdadeiro. Werther dá de ombros e concorda, mas rebate:

Mas, meu caro, aí também há exceções. É verdade que o roubo é perverso: mas a pessoa que, para não deixar morrer de fome a si mesmo e aos seus, se entrega ao roubo, merece piedade ou castigo? Quem atira a primeira pedra contra o marido que, furioso e com razão, mata sua esposa infiel e seu sedutor indigno? Ou contra a moça que, num momento de êxtase, se perde nas alegrias irresistíveis do amor? Nossas próprias leis, pedantes e frias, deixam-se comover e abstêm-se do castigo (Goethe, 2014, p. 74).

A posição de defesa do suicídio que o personagem vinha assumindo até então sofre um leve enfraquecimento. Afinal, ao afirmar que existem exceções, Werther está dizendo que há casos e casos quando se trata desse assunto e que há exceções, concordando, ao menos parcialmente, com Albert em seu argumento de que matar a si mesmo seria uma conduta perversa.

Werther também faz algumas comparações e relaciona o suicídio com o roubo por necessidade, o assassinato passional e com a entrega ao amor. Essas comparações colocam a morte autoinfligida como um ato condenável, mas que pode existir exceções, ou seja, o ato seria justificável em algumas situações específicas. As comparações feitas por Werther também colocam o suicídio num lugar de extremo, ou seja, uma última alternativa, como o roubo por necessidade.

Albert rebate: “*Isso é completamente diferente, porque alguém arrebatado pelas suas paixões perde toda a sua capacidade de reflexão e é visto como um bêbado, um*

desvairado” (Goethe, 2014, p. 74). Albert sustenta sua opinião inicial, de que nada justifica o suicídio. Porém, aqui o personagem vai além e refuta a comparação de Werther, afirmando que, diferente do apaixonado, o suicida não perde toda a sua capacidade de reflexão. O novo argumento de Albert é contraditório se lembrarmos que, anteriormente, ele havia se referido aos suicidas como tolos. Por outro lado, um tolo que não perdeu toda a sua capacidade de reflexão é aquele que, mesmo possuindo as faculdades necessárias, não as usa. O tolo suicida seria, na fala de Albert, aquele que abre mão de sua inteligência.

Werther rebate:

Ah, vocês, pessoas sensatas! Paixão! Delírio! Loucura! Vocês permanecem tão calmos, tão sem participação, vocês, homens morais! Vocês recriminam o bêbado, desprezam o maluco, passam como o sacerdote, e agradecem a Deus como o fariseu, por Ele não tê-los feito como um desses. Fiquei bêbado mais de uma vez na vida, minhas paixões nunca estiveram longe da loucura, e não me arrependo de nenhum dos dois: pois assim aprendi a compreender porque se consideraram bêbados ou loucos todos os homens extraordinários que realizaram algo grande, mas que parecia impossível. Mas também na vida cotidiana é insuportável ouvir gritarem, depois de um ato livre, nobre, inesperado: 'Este homem é um bêbado louco!' Envergonha-se, tímidos! Envergonha-se, sábios! (Goethe, 2014, p. 74).

Por meio dessa fala, Werther debocha do julgamento que Albert faz. A fala *Ah, vocês, pessoas sensatas!* denota ironia por parte do protagonista, como se a sensatez fosse algo superestimado e que Werther esnoba. Ele esnoba essas *pessoas sensatas* que falam sobre paixão, delírio e loucura de uma forma afastada e distante. Isso também demonstra que Werther não se sente como essas *pessoas sensatas* e que se sente mais próximo da paixão, do delírio e da loucura. A fala do protagonista equivale ao ato inicial de apontar a arma para a própria cabeça. O tempo todo, Werther está se colocando em proximidade com o suicídio e buscando romper as fronteiras entre o normal e o patológico. Werther apresenta novos discursos, enquanto Albert reproduz práticas discursivas que já estão cristalizadas. A interdiscursividade aparece de forma evidente aqui, em que dois discursos opostos coexistem na narrativa.

Ele prossegue criticando a frieza com que esses *homens morais* assumem ao falar sobre esses assuntos, novamente deixando claro que ele não acredita ser parte desses *homens morais*. E prossegue demonstrando essa aproximação dele com o ato ao dizer “*minhas paixões nunca estiveram longe da loucura*” (Goethe, 2014, p. 74).

Albert prossegue:

Lá vem você, de novo, com as suas caraminholas. Você exagera tudo, e pelo menos aqui estará errado ao comparar o suicídio, que é o nosso tema, a grandes atos: porque na verdade ele não passa de uma fraqueza. Pois, com certeza, é mais

fácil morrer do que suportar firmemente uma vida de suplícios (Goethe, 2014, p. 75).

Para Albert, os argumentos de Werther são bobagens e ele demonstra certo cansaço com a expressão “*Lá vem você, de novo...*” (Goethe, 2014, p. 75). Albert considera que Werther está equivocado em suas comparações. Ao dizer que “*não passa de uma fraqueza*” (Goethe, 2014, p. 75), Albert demonstra em seu discurso a representação do suicídio como um ato digno dos fracos, dos frágeis. Os suicidas são aqueles que recorrem ao caminho mais fácil e essa representação fica evidente na fala “*é mais fácil morrer do que suportar firmemente uma vida de suplícios*” (Goethe, 2014, p. 75), ou seja, a vida é representada como composta por suplícios, sofrimentos e dificuldades. Já a morte é representada como uma saída fácil, uma rota de fuga e uma alternativa menos penosa. Logo, aqueles que recorrem ao mais fácil são fracos.

Werther reflete e o leitor acompanha seus pensamentos:

Eu estava prestes a interrompê-lo; pois nenhum argumento me tira tanto do sério como quando alguém me aparece com o mais insignificante dos lugares-comuns, enquanto fala de todo o coração. Mas me contive, porque tantas vezes já ouvi a mesma coisa, e mais vezes ainda me irritei a respeito (Goethe, 2014, p. 75).

Com esse pensamento, Werther coloca as opiniões de Albert em um lugar-comum, demonstrando que suas opiniões são as dominantes. Em contrapartida, Werther está dizendo que o seu posicionamento é menos comum, mas, mais verdadeiro, mais profundo, “*de todo o coração*” (Goethe, 2014, p. 75). Fairclough (2010) evidencia a existência dessas duas categorias de discursos, aquele que representa o como as coisas são e aquele que representa o como as coisas poderiam ou deveriam ser. O discurso de Werther representa um imaginário de novas práticas sociais, enquanto que as falas de Albert dão vazão às representações estabelecidas e dominantes naquela sociedade. São essas representações dominantes que evidenciam as relações de poder, pois é aqui que se delimita o que é o normal e o que é o patológico.

Podemos concluir que naquela época e local, o suicídio era representado como um ato injustificável, de fraqueza, tolice e perversidade, que gerava repulsa e estranhamento. Essas eram as representações predominantes, com as quais Werther não concorda. As opiniões de Werther representam um contra-argumento. Werther não concorda com as opiniões taxativas de Albert porque, para o protagonista, trata-se de um comportamento mais complexo que mereceria uma atenção maior, uma aproximação, visando compreender suas causas internas.

Werther prossegue em sua argumentação com Albert: “*Você chama isso de fraqueza? Por favor, não se deixe seduzir pelas aparências*” (Goethe, 2014, p. 75). Parece estranho para Werther que se matar possa ser visto como uma fraqueza e ele pede que Albert não se deixe seduzir pelas aparências, dando a entender que Albert está fazendo análises rasas do suicídio e se permitindo convencer pelas práticas discursivas dominantes.

O protagonista continua:

Você chamaria de fraco um povo que, após sofrer sob um tirano, finalmente se revolta e rompe suas correntes? Alguém que, assustado com sua casa tomada pelo fogo, se enche de força e carrega com facilidade pesos que, em momento de calma, ele mal poderia mover; alguém que, na fúria causada pela ofensa, luta contra seis adversários e o supera? Você chamaria a esses de fracos? E, meu bom amigo, se o esforço é poder, porque o exagero seria o contrário? (Goethe, 2014, p. 75).

Werther compara o suicídio com um povo que se revolta contra o tirano, com alguém que adquira força ao ser movido pelo pavor e a alguém que luta em situação desfavorável e vence. O protagonista compara o esforço com o exagero e coloca ambos na categoria de poder, como se ambos fossem extremos semelhantes. O suicídio é representado como um exagero, mas um exagero ligado à força e ao poder, e não à fraqueza.

Albert argumenta que os exemplos de Werther não são “*adequados para o assunto*” (Goethe, 2014, p. 75), denunciando uma incompatibilidade entre o suicídio e as condutas usadas por Werther a título de comparação. O protagonista continua:

Pode ser. Muitas vezes fui acusado de fazer associações sem nexos. Vamos ver se conseguimos, de uma outra maneira, imaginar como se sente o homem que decide livrar-se do fardo, normalmente visto como agradável, da vida. Pois só estamos autorizados a falar sobre uma coisa cujo sentimento conseguimos compartilhar...” (Goethe, 2014, p. 75-76).

Com essa fala, Werther demonstra um interesse em entender o suicídio e suas causas emocionais. O protagonista também coloca em questionamento a representação da vida como agradável. Ao relacionar as palavras *fardo* e *vida*, Werther representa a vida como algo pesado. Essa representação da vida presente na fala do protagonista condiz com a representação apresentada anteriormente por Albert, que falou sobre uma *vida de suplícios*. Encontramos aqui um ponto de encontro entre as opiniões dos personagens. Ambos representam a vida como peso, fardo e cheia de suplícios.

No entanto, parece contraditório que uma pessoa que vinha se demonstrando tão otimista e romântica, agora revele acreditar que a vida é um fardo. Estaria Werther

simulando uma falsa felicidade e positividade nas cartas escritas ao seu amigo Wilhelm? Ou usar a palavra fardo foi apenas um modo de retomar o que Albert havia falado sobre a vida? Ou ainda, uma terceira hipótese seria a de que a visão de Werther sobre a vida já começou a mudar e, enquanto antes tudo parecia maravilhoso, agora a vida começa a perder um pouco do brilho.

O desvio das opiniões acontece justamente no momento em que os personagens pensam o suicídio. Para Albert, recorrer a isso para fugir da vida é fraqueza. Já para Werther, recorrer ao ato suicida seria uma atitude que demonstra poder, representação que ele deixa evidente na sentença: “*se o esforço é poder, porque o exagero seria o contrário?*” (Goethe, 2014, p. 75). O ato é representado de formas opostas pelos personagens.

O protagonista prossegue:

A natureza humana tem seus limites: ela pode suportar um certo grau de alegria, sofrimento, dores, mas sucumbe se ultrapassar esse limite. Portanto, aqui não vem ao caso se alguém é fraco ou forte, mas até onde é capaz de suportar os seus sofrimentos, sejam eles morais ou físicos...” (Goethe, 2014, p. 76).

Aqui, Werther argumenta que o suicídio não é uma questão de fraqueza ou força, mas sim, de limites humanos subjetivos. A morte autoinfligida é representada como resultante de questões internas e, por isso, uma avaliação objetiva e determinante não se faz possível. Os argumentos utilizados por Werther nesse trecho colocam o suicídio como uma questão subjetiva, já que cada pessoa tem um limite diferente. Assim, não caberia a terceiros julgar o ato suicida, já que o ato se deve a limites pessoais.

Essa visão condiz com os conhecimentos acumulados sobre o assunto. Atualmente, levar em consideração as questões subjetivas tem sido uma atitude apontada como importante pela maioria dos estudiosos sobre suicídio. Inclusive, sabemos que para a TCC não são as situações, mas as interpretações que se faz das situações que geram os sentimentos. Assim sendo, duas pessoas em uma mesma situação pensam e sentem coisas diferentes, pois possuem crenças diferentes, histórias de vida de diferentes e vieses interpretativos diferentes. Isso significa que uma dessas pessoas pode até mesmo ter ideia suicida, enquanto a outra não. Logo, não cabe à pessoa sem ideia suicida julgar a outra (Wenzel, Brown & Beck, 2010).

Werther finaliza sua argumentação com: “*Da mesma forma acho tão esquisito dizer: é covarde aquele que se suicida, quanto considero inadequado chamar de covarde aquele que morre de uma febre maligna*” (Goethe, 2014, p. 76). Werther estabelece um

paralelo entre o sofrimento emocional e a febre. Essa comparação quer dizer que sofrimento mental e sofrimento físico/doença física são comparáveis e equivalentes. Com isso, Werther discorda da ideia de que suicidas são covardes, já que a morte devido a sofrimento emocional não seria diferente da morte devido a febre. Essa fala também evidencia um distanciamento entre o suicídio e a noção de livre arbítrio. Ao comparar morte por suicídio com morte por febre, Werther estabelece causas externas para ambas as mortes. Com isso, essa forma de morrer deixa de ser uma decisão e passa a ser uma consequência, como a morte por doença física.

A comparação feita por Werther nos remete aos debates atuais que visam consolidar uma compreensão da depressão enquanto uma doença e o suicídio como resultante de um estado de extremo sofrimento emocional e não apenas como um ato de livre arbítrio. Diante de tantos estudos e pesquisas que evidenciam que o comportamento suicida ocorre majoritariamente entre pessoas com transtornos psicológicos (Lovisi, Legay & Abelha, 2009; Zatti, et. al, 2015; Pires, Raposo, Pires, Sougey & Bastos Filho, 2012), é natural concluirmos que o suicídio não é um comportamento natural, saudável ou que deva ser encarado como uma simples decisão individual. A fala de Werther parece convergir com o entendimento que tem se consolidado sobre o assunto.

Após essa fala de Werther, Albert afirma que o tema é paradoxal e o protagonista prossegue:

Você concordará comigo que chamamos de doença da morte aquela em que a natureza é tão atacada que parte de suas forças é consumida, parte é neutralizada, de tal maneira que não há recuperação, e não é possível reconstituir o curso normal da vida com uma revolução feliz. Pois bem, caro amigo, vamos aplicar esse raciocínio ao espírito. Perceba o homem em suas limitações e como impressões podem causar efeitos sobre ele, ideias se consolidarem nele, até que finalmente uma paixão crescente o priva da capacidade de reflexão serena e o leva a sucumbir...” (Goethe, 2014, p. 76)

A fala de Werther faz referência ao que ele chama de doença da morte, doença esta em que a natureza é atacada, as forças são consumidas e a recuperação é impossível, assim como a retomada do curso normal da vida. Quando Werther fala de *uma paixão crescente* que priva a *capacidade de reflexão serena*, ele representa o suicídio como resultante de uma ausência de reflexão não-intencional.

O suicida seria alguém que não está em situação de usufruir plenamente de suas capacidades cognitivas, impedido de refletir serenamente. Com isso, Werther dá continuidade ao seu argumento anterior que representava o suicídio como sendo um ato devido a doença e não resultante de livre-arbítrio. De acordo com a ABP e o CFM, o

suicídio é um ato de desespero e/ou desesperança, não podendo ser considerado simplesmente um ato baseado no livre arbítrio (2014). Logo, as colocações de Werther condizem com os atuais posicionamentos desses órgãos. Condiz também com o que postula o modelo cognitivo dos atos suicidas de Wenzel, Brown e Beck (2010), que entende o suicídio como resultante de um processo patológico que envolve desesperança, atitudes disfuncionais e déficits na resolução de problemas.

Ao dizer que algo “*o priva da capacidade de reflexão serena*” (Goethe, 2014, p. 76), Werther também está colocando essas pessoas em um lugar de assujeitamento, submetido a uma força maior e incapacitado de usufruir de suas plenas capacidades de reflexão. Nessa fala, o suicida é representado como vítima.

O jovem Werther continua seu argumento: “*Não adianta alguém que tenha bom senso avaliar o estado do infeliz, não adianta tentar aconselhá-lo! Da mesma forma como alguém saudável que está à beira da cama de um doente não pode transmitir-lhe o mínimo de suas forças*” (Goethe, 2014, p. 76). Aqui, Werther afirma que não cabe ao psicologicamente saudável, que ele chama de ter bom senso, avaliar o estado mental do infeliz ou tentar aconselhá-lo.

Para Albert, os argumentos de Werther são muito generalistas e o protagonista rebate lembrando o episódio em que uma moça, após ser abandonada pelo amado, se mata. O protagonista prossegue:

Veja, Albert, é a história de tantas pessoas! E diga: não é o mesmo o que acontece com uma doença? A natureza não encontra a saída do labirinto das forças confusas e contraditórias, e a pessoa morre. Ai daquele que poderia assistir a isso e dizer: 'A tola! Se tivesse esperado o tempo fazer efeito, o desespero teria aplacado, e ela logo teria encontrado outro como consolo.' - Mas é como se se dissesse: 'Que tolo, morreu de febre! Se ele tivesse esperado até recuperar as forças, seus humores melhorarem, o tumulto de seu sangue atenuar, tudo acabaria bem, e ele viveria até os dias de hoje!' (Goethe, 2014, p. 78).

Werther reforça as suas argumentações anteriores, de que o suicida é doente e de que sua atitude não pode ser julgada por aqueles que estão fazendo pleno uso de suas capacidades mentais. Novamente comparando e equivalendo sofrimento psíquico com doenças físicas, Werther representa os suicidas como vítimas de seu estado emocional e não como agentes da própria morte. Curioso que um debate tão avançado esteja presente em uma obra de 1774. Recentemente, o debate sobre qual seria a melhor forma de nos referirmos às pessoas que morreram por suicídio ganhou espaço. A quem defenda que a melhor forma de se referir a essas pessoas seja como vítimas de suicídio e não como pessoas que cometeram suicídio, pois o verbo cometer faz parecer que a pessoa foi o

agente de sua morte, quando, na maioria das vezes, o ato é decorrente de algum transtorno psicológico, não podendo a responsabilidade ser atribuída apenas à pessoa.

Em seguida na obra, Albert rebate dizendo que Werther está falando apenas de uma moça simples e que “*não conseguia entender como desculpar alguém inteligente, que não fosse tão limitado, que pudesse avaliar melhor as relações*” (Goethe, 2014, p. 78). A partir desse discurso, o suicida comum, aquele que é possível entender, é representado como alguém não inteligente, limitado e que não pode avaliar bem as relações. Ou seja, o suicida comum é ignorante, burro e tolo e, por isso, não é difícil entender seu suicídio. Por outro lado, para Albert, se o suicídio é de alguém inteligente, a compreensão é mais difícil.

Ao argumentar que “*o homem é o homem, e o pouco de inteligência que alguém possui tem pouca ou nenhuma importância quando a paixão chega para nos devastar e os limites da condição humana nos impelem*” (Goethe, 2014, p. 78), Werther refuta a distinção entre o homem inteligente e o homem sem inteligência e coloca a inteligência como um elemento de pouca relevância nessas situações. Ao fazer essa consideração, Werther coloca o âmbito emocional acima do intelectual, ou seja, o suicídio não escolhe suas vítimas baseado em seu nível de inteligência. A lógica do protagonista impõe um contraponto entre razão e emoção, ou seja, o suicídio é resultado de uma paixão devastadora. Já Albert entende que o suicida é, geralmente, uma pessoa pouco inteligente e o suicídio daqueles que são inteligentes é incompreendido e indesculpável. A discussão entre Werther e Albert termina sem que eles se entendam.

Em muitos aspectos, Albert e Werther representam dois opostos, dois pontos extremos de um mesmo debate. Albert abomina o suicídio e vê a conduta como um ato de fraqueza. O ato, para Albert, é uma decisão, mas uma decisão tola. Werther, por outro lado, vê o suicida como vítima de um estado emocional que está além do controle e não pode ser julgado. Todavia, chama-nos atenção o fato de que Werther tem opiniões que revelam certa rigidez cognitiva, já que ele vê o suicídio como algo inevitável, fruto de um sofrimento que impede a racionalidade.

A rigidez cognitiva de Werther é uma de suas características mais importantes e determinantes para o desdobramento da história. De acordo com Wenzel, Brown e Beck (2010), rigidez cognitiva é um construto cognitivo que aumenta as chances de uma pessoa vir a cometer suicídio, pois gera uma falta de flexibilidade de pensamento. Essa rigidez cognitiva, que revela a existência de crenças muito rígidas e consolidadas, pode ser amenizada com o tratamento adequado. Na TCC, a reestruturação cognitiva tem como

objetivo modificar crenças disfuncionais e diminuir a rigidez cognitiva através de questionamentos e exames de evidências.

Se confrontado com evidências, Werther teria percebido que o suicídio não é inevitável, mas que pode sim ser evitado através de intervenções adequadas. É claro que não podemos desconsiderar o fato de que o livro foi escrito em 1774, época em que a saúde mental e as ciências psicológicas eram muito menos difundidas do que atualmente.

Nesse diálogo, precisaremos dividir as representações do ato em duas linhas. As representações presentes no diálogo de Albert parecem baseadas nas opiniões comuns, populares, visão dominante, que coloca o suicida no lugar do outro, da diferença. Enquanto que as opiniões de Werther parecem representar as opiniões de uma minoria, uma representação que está tentando se estabelecer, mais compreensiva e menos julgadora.

Em todo esse debate, Albert cumpre um papel: reproduzir discursos que transportam as práticas discursivas dominantes para seu diálogo com Werther, Albert assume o papel do ‘normal’ ao se referir ao ‘patológico’. Podemos deduzir que, na Alemanha do século XVIII, o suicida era representado como estranho, confuso, tolo, repulsivo, perverso, injustificável, fraco e ignorante. Albert atua como sujeito do discurso, reproduzindo os discursos dominantes, enquanto Werther atua como incentivador de novos discursos, que visam romper as barreiras de identidade e diferença.

4.1.2 *Se minha doença fosse curável, essas pessoas seriam capazes disso*

Apesar de seu posicionamento mais empático e menos taxativo, uma problemática fica evidente nas falas de Werther: a ideia de que o suicida não pode ser ajudado, que sua doença é incurável. Alguns dias depois do debate com Albert, Werther, sofrendo por seu amor impossível por Lotte, escreve para um amigo: “*É uma infelicidade, Wilhelm, minhas forças ativas se reduziram a uma indolência inquieta, não posso estar ocioso, mas ao mesmo tempo também não consigo fazer nada*” (Goethe, 2014, p. 83). Logo em seguida, a ideia do incurável aparece de novo: “*É verdade, se minha doença fosse curável, essas pessoas seriam capazes disso*” (Goethe, 2014, p. 84) e Werther parece se convencer de que seu sofrimento não tem cura.

A causa do suicídio de Werther é a impossibilidade de receber ajuda ou a crença nessa impossibilidade? O personagem que dá nome ao romance insinua, em vários momentos, que não é possível impedir que uma pessoa se mate depois que ela toma essa

decisão. Existem debates sobre o suicídio ser ou não evitável (Gunnell & Frankel, 1994), ancorados principalmente na ideia de que a decisão é definitiva e pessoal. No entanto, pesquisas recentes vêm demonstrando que o ato pode ser evitado se houver o tratamento adequado. Afinal, mais de 90% dos casos de suicídio estão associados a transtornos mentais passíveis de tratamento (Bertolote & Fleishmann, 2002; WHO, 2014). Logo, para evitar essas mortes seria necessário tratar o paciente em seu transtorno psicológico.

Sabemos que, de acordo com a base teórica da TCC (Wenzel, Brown & Beck, 2010), as crenças são ideias rígidas que determinam a forma como vemos e interpretamos o mundo e as situações. Werther via o suicídio como algo inevitável e isso dificultou que ele recorresse a outras alternativas. Percebemos também certa rigidez cognitiva e déficit na resolução de problemas. Ao se ver impossibilitado de vivenciar seu amor por Lotte, Werther logo coloca a morte como um meio de acabar com a dor, em um exemplo de pensamento tudo ou nada, em que ou ele tem Lotte para si ou comete suicídio.

Se o suicídio é evitável, por que Werther não recebeu a ajuda necessária? Não faltaram avisos e alertas, como fica claro em muitas passagens do livro. Depois de se mudar, visando se afastar de Lotte, que virou uma fonte de sofrimento, Werther escreve: *“De repente, tudo mudou em mim como num passe de mágica. Por vezes volto a encarar a vida com alegria mas, ah!, apenas por um instante”* (Goethe, 2014, p. 117). A felicidade é colocada como algo difícil de encontrar e que aparece apenas brevemente, predominando o sofrimento.

Algum tempo depois, Werther retorna para perto de Lotte. O protagonista questiona como sua ausência abalaria as pessoas ao seu redor: *“Muitas vezes você os alegre, e seu coração sente que não poderia mais viver sem eles, mas - e se você fosse embora, saísse desse círculo, por quanto tempo sentiriam esse vazio que a sua perda provocaria no destino deles? Por quanto tempo?”* (Goethe, 2014, p. 127). Werther demonstra entender que sua falta seria sentida por algum tempo, mas que passaria. O protagonista subestima seu valor entre os amigos, parecendo acreditar que não é amado o bastante ou que não faria tanta falta. Percebemos que a visão de si (Beck, 1997) do personagem começa a vacilar, dando lugar a crenças mais disfuncionais e negativas.

Mais adiante, a morte aparece como uma solução, como o fim do sofrimento: *“Deus sabe! Muitas vezes vou deitar-me com o desejo, e, até mesmo, com a esperança de não mais acordar. E pela manhã abro os olhos, vejo de novo o sol, e me sinto mal”* (Goethe, 2014, p. 129). Portanto, o suicídio é colocado como alívio da dor. Alguns dias depois, ele volta a falar sobre o sofrimento ser forte demais para ele:

E se o cálice for amargo demais para os lábios humanos de Deus do céu, por que deveria eu fingir e fazer de conta de que ele é doce? E por que deveria envergonhar-me, no terrível momento em que todo o meu ser oscila entre existir e não existir, já que o passado, como um raio, ilumina os abismos sombrios do futuro? E tudo ao meu redor desaba, e o mundo se acaba comigo? (Goethe, 2014, p. 131)

Werther também fala sobre a sua infelicidade: “*Tenho tanto a suportar! Ah, será que as pessoas antes de mim já haviam sido tão infelizes assim?*” (Goethe, 2014, p. 134). Isso demonstra que Werther vê seu sofrimento como grande demais. Werther afirma “*Quero morrer*” (Goethe, 2014, p. 155) em uma carta deixada para Lotte. Ele esclarece: “*Não é desespero, é certeza do que suportei e de que me sacrifiquei por você*” (Goethe, 2014, p. 156). E realmente, Werther age calmamente e sem desespero, planejando passo a passo e sendo extremamente cauteloso em seus planos de suicídio.

Percebe-se claramente os processos que levaram Werther a tirar a própria vida. Um estresse se apresenta e Werther, demonstrando dificuldade em elaborar uma estratégia de resolução de problemas, pensando logo em suicídio. Sua tríade cognitiva é prejudicada e ele passa a ver a si mesmo como infeliz e como alguém que não faria tanta falta. Surge a desesperança, a rigidez cognitiva aumenta e a morte aparece como única saída, evoluindo e deixando de ser apenas uma ideia para se tornar um planejamento. Todas essas ideias, pertencentes ao modelo cognitivo dos atos suicidas de Wenzel, Brown e Beck (2010) são observados na narrativa do personagem de Goethe.

Foram muitos os indícios deixados por Werther. Já depois de sua morte, outro narrador entra em cena, o amigo para quem Werther vinha escrevendo. Wilhelm fala sobre a morte de Werther e sobre como ele “*nunca fizera segredo de que ansiava deixar este mundo*” (Goethe, 2014, p. 175). Ou seja, era de conhecimento geral que Werther cogitava o suicídio. Conversas entre Albert e Lotte também evidenciam isso:

Este (Albert), sentindo decidido repúdio a tal ato, muitas vezes reagira com certa irritação – algo que não era do seu feitio -, duvidando da seriedade dessa intenção; ele até se permitira alguma piada a respeito, de forma que Lotte passara a compartilhar sua descrença. Tal comportamento, por um lado, a acalmava, se seus pensamentos lhe mostravam a triste imagem, mas por outro ela se sentia, com isso, impedida de compartilhar com seu marido as preocupações que a atormentavam no momento (Goethe, 2014, p. 175).

Albert duvidava da seriedade das intenções suicidas de Werther, enquanto que Lotte, apesar de preocupada, não se sentia à vontade para compartilhar suas inseguranças. Isso nos remete a um dos grandes mitos sobre suicídio, que é a ideia de que aqueles que

falam e que ameaçam, não se matam realmente. Duvidar, desacreditar ou até mesmo caçoar do assunto não evitou que Werther concretizasse o ato.

Quando Werther manda uma carta para Albert pedindo emprestado suas pistolas, justificando que precisaria delas para uma viagem, Lotte se sente mal, apesar de não saber ao certo o porquê. Fica claro que Lotte já pressagiava o acontecido. Nos últimos escritos de Werther antes do suicídio, ele pede desculpas a Albert, por ter perturbado seu lar e diz “*Que minha morte os faça felizes*” (Goethe, 2014, p. 178). Essa fala evidencia que Werther pensava que sua presença incomodava Albert e Lotte e que seria melhor ao casal que Werther partisse. O protagonista associa a sua morte com uma maior felicidade para os amigos, o que mostra o quanto sua visão de si (Beck, 1997) estava afetada, já que ele chegou a acreditar que as pessoas seriam mais felizes sem ele.

Werther se planeja e se organiza muito antes do ato, inclusive montando todo um esquema para que ele consiga pegar a arma do Albert, que vai ser o meio pelo qual ele vai se matar. Não é um ato impulsivo, foi pensado e planejado. A glória do auto aniquilamento apresentada por Werther até então se esvai com as 12 horas de agonia do protagonista. Isso parece mostrar uma intenção do próprio autor de ‘desromantizar’ o ato, colocando Werther em uma situação de extremo sofrimento e obrigando o leitor a ler sobre sua agonia.

Indícios, avisos e muito planejamento antecedem o suicídio de Werther. No entanto, esses avisos foram ignorados ou passaram despercebidos por seus amigos e a própria crença de Werther na impossibilidade de ser ajudado corroboraram para a concretização do ato suicida. Suicídios podem ser evitados, mas, para isso, é preciso que haja ajuda e tratamento adequados.

É interessante que, na carta deixada por Woolf ao seu marido, Leonard Woolf, a autora de *Mrs. Dalloway*, livro que iremos analisar mais adiante, também deixa uma mensagem semelhante ao dizer: “*Se existisse alguém capaz de me salvar, seria você*” (Lemasson, 2012), ou seja, a escritora tinha a mesma crença de Werther, de que seu suicídio era inevitável e de que sua salvação era impossível. Esses dois casos mostram o quão importante é manter a população informada dos conhecimentos científicos acumulados. Afinal, se temos dados que demonstram que o ato pode ser evitado, é inadmissível que pessoas tirem as próprias vidas por acreditarem que não há ajuda eficiente para mantê-las vivas.

E aqui entra, mais uma vez, a relevância de se abrir espaço para que o tema seja conversado e debatido com mais liberdade. Silenciar essas pessoas, como Werther foi

silenciado e seus pedidos de ajuda, ignorados, tem sido um empecilho para que haja maior eficácia na prevenção desse ato. Reitero o alerta da OMS (2014) de que falar sobre suicídio ou ameaçar se matar são indícios de que a pessoa pode vir a concretizar o ato. E aqui cabe, também, uma desconstrução do que consideramos ‘chamar a atenção’, já que, na maioria das vezes, isso equivale a pedir ajuda, avisar que não está bem e tentar fazer com que as pessoas prestem atenção em você.

Sobre os sinais ou indícios que as pessoas tendem a dar antes de cometer suicídio, Marquetti, Kawauchi e Pleffken (2015) destacam suspensão ou diminuição da alimentação e dos cuidados pessoais de higiene e estética, inatividade, emagrecimento, choro fácil, bilhetes ou mensagens, abandono de atividades que antes eram comuns ou importantes, abandono de cuidados com a casa e com os familiares, demissão, afastamento ou abandono do trabalho, abandono dos estudos, conflitos, brigas e isolamento. Para os autores, o suicídio é o ato final de um processo que acontece diariamente, com pequenos pensamentos e discretas atitudes. A observação desse processo e a identificação desses sinais podem prevenir e intervir precocemente com o objetivo de impedir a consumação do ato.

Também precisamos nos atentar que o suicídio de Werther foi planejado e executado com paciência. Muitos acreditam que o suicídio é sempre um ato impulsivo e quase impossível de prever, mas a OMS (2014) também já afirmou que na maioria dos casos as pessoas deixam sinais e indícios de que estão pensando em tirar a própria vida. Além disso, vale lembrar que o ato suicida é a etapa final de uma séria de etapas pelas quais uma pessoa passa: começando com ideação suicida, planejamento e tentativa de suicídio, podendo resultar então no suicídio propriamente dito. O primeiro sinal de alerta dado por Werther foi demonstrar tanto interesse pelo assunto, inserindo esse tema em conversas. O personagem falou, abertamente, que desejava morrer e, mais especificamente, pensava na morte autoinfligida. Os sinais foram evidentes e ficam ainda mais alarmantes quando ele pede a arma de Albert emprestada, a mesma que ele apontou para a própria cabeça.

A OMS (2014) também faz alertas quanto aos facilitadores de um suicídio. Atos suicidas são facilitados quando os meios para se matar estão disponíveis. E o exemplo mais relevante disso é o de pessoas com acesso a armas. Por isso, a orientação é sempre dificultar o acesso a esses meios, como armas, medicamentos e lâminas. Cabe às pessoas que convivem com alguém que está apresentando ideação suicida, tomar essas precauções. Evitar o suicídio é um papel de todos, um trabalho que envolve toda a

sociedade. E cabe aos órgãos públicos e aos profissionais de saúde mental educar a população para que todos saibam como agir em momentos assim.

Restringir o acesso a determinados meios que uma pessoa pode utilizar para se matar reduz a frequência de determinados tipos de suicídio. É o que mostram estudos e pesquisas (Cantor & Baume, 1998; Hawton, 2007; Buckley & Gunnell, 2007). Inclusive, no Brasil, 70,7% das 112.295 internações devido à tentativa de suicídio registradas no período de 1998 a 2009 foram por ingestão de substâncias tóxicas, como medicamentos, álcool e pesticidas (Santos, Legay & Lovisi, 2013).

Então, podemos concluir que a morte de Werther não era inevitável como ele acreditava ser. Infelizmente, o silenciamento, a desinformação e a falta de ajuda adequada acabaram resultando no suicídio do personagem. É mais provável que a morte de Werther entrasse para aqueles 90% de suicídios que poderiam ter sido evitados se a pessoa tivesse recebido o tratamento adequado (WHO, 2014).

Consumado o suicídio de Werther, a obra não explora aspectos de posvenção. É possível observar o choque inicial dos personagens ao ficarem sabendo da morte do amigo, mas logo o livro chega ao fim sem debater mais a fundo essa temática. Apesar de nos empenharmos em apontar os erros que foram cometidos para que a morte de Werther se concretizasse, não nos cabe encontrar culpados. Se nos propusermos a imaginar uma sequência para a obra de Goethe, certamente veremos Lotte, Albert e Wilhelm vivenciando emoções intensas após a morte do protagonista.

4.1.3 Da mesma forma acho tão esquisito dizer: é covarde aquele que se suicida, quanto considero inadequado chamar de covarde aquele que morre de uma febre maligna

Como já mencionado, há dois vieses representativos do suicídio, e Albert e Werther são os porta-voz desses dois olhares. Para melhor compreensão, a síntese desses dois discursos está no quadro 2. Os debates entre Werther e Albert no romance de Goethe (2014) visam, inicialmente, definir quem seria a pessoa que se suicida. Os personagens estão tentando delinear essa identidade que é sempre demarcada pela diferença.

Para Albert, trata-se de um ato repulsivo e injustificável, e o suicida é tolo, fraco e perverso. Já Werther, possui um olhar menos taxativo e se atem a análises mais profundas e que levem em consideração a complexidade do suicídio. O protagonista entende que o ato é causado por questões subjetivas (resultante de questões internas) que estão além do controle pessoal, não podendo ser considerado como uma simples decisão,

já que ocorre em casos extremos em que a capacidade de reflexão está prejudicada. O suicídio seria, na visão de Werther, um ato passional que elimina a racionalidade, pois visa o fim do sofrimento e é inevitável. Werther vê o suicídio como decorrente de um quadro patológico, o que fica evidente na fala “*Da mesma forma acho tão esquisito dizer: é covarde aquele que se suicida, quanto considero inadequado chamar de covarde aquele que morre de uma febre maligna*” (Goethe, 2014, p. 76). Com essa afirmação, Werther compara aquele que se suicida com aquele que morre de uma febre maligna e estabelece uma correlação entre doença psicológica e doença física.

Quadro 2 – Representações do Suicídio e do Suicida por Werther e Albert

Werther	Albert
Complexo, Questões subjetivas/internas, Além do controle individual, Extremo, Capacidade de Reflexão Prejudicada, Irracional, Passional, Fim do Sofrimento, Inevitável, Impossível de receber ajuda.	Estranho, Confuso, Tolo, Repulsivo, Perverso, Injustificável, Fraqueza, Ignorância.

Fonte: Elaboração própria.

Apesar de sua postura mais compreensiva, Werther também reproduz alguns mitos sobre o suicídio, como a ideia de que seja inevitável. O que ele denomina como doença da mente e que, atualmente, nós chamamos de depressão, é tratável. Logo, Werther também apresenta práticas discursivas limitantes.

Algumas das representações identificadas na obra de Goethe condizem com representações encontradas em pesquisas recentes, especialmente a associação entre suicídio e fraqueza (Vieira, Saraiva & Coutinho, 2010) feita pelo personagem Albert. Já a noção de que o suicida seria uma pessoa cuja capacidade de reflexão está prejudicada condiz com a forma como o CFM e a ABP compreendem o ato. Ou seja, de acordo com esses órgãos, matar a si mesmo não pode ser considerado uma simples questão de livre arbítrio, pois essas pessoas estariam com seu funcionamento cognitivo prejudicado, não sendo capazes de decidir por suas vidas (CFM/ABP, 2014). O modelo cognitivo dos comportamentos suicidas está de acordo com essa perspectiva. Para Wenzel, Brown e Beck (2010), o suicídio é decorrente de uma série de processos cognitivos e outros fatores de vulnerabilidade disposicionais que culminam em um comportamento suicida.

Werther também associa o suicídio com o fim do sofrimento, defendendo que seria uma forma de acabar com o sofrimento. Pesquisas apontam que muitas vezes o suicídio possui essa função. O suicida costuma querer acabar com o sofrimento e não necessariamente com a própria vida (WHO, 2014). Quando Werther fala da importância de se levar em consideração as questões subjetivas, seu posicionamento condiz com os conhecimentos atuais, já que pesquisas tem indicado que é difícil estabelecer um parâmetro de sofrimento suportável e sofrimento insuportável, já que cada pessoa lida de forma diferente com suas experiências (Bertolote, 2000), o que coloca as questões subjetivas em uma posição central no debate sobre suicídio.

Outra questão presente na fala do personagem Werther é do suicídio como um ato que elimina a racionalidade. Estudos têm mostrado que a rigidez cognitiva é uma característica das mentes suicidas, ou seja, a pessoa que comete suicídio não estaria sendo racional o bastante, pois tende a enxergar a morte como a única solução, o que revela uma dificuldade de resolução de problemas (WHO, 2014).

O que fica evidente é como os debates que o livro traz sobre o tema são atuais ainda hoje. A contraposição entre fraqueza e força, o debate sobre os limites subjetivos, a ideia de que aqueles que falam, não fazem, e muitas outras questões trazidas pelo romance são questões que estamos debatendo atualmente. Constatar isso nos permite concluir que avançamos muito pouco nos debates sobre esse tema. Os índices de suicídio seguem crescendo e ainda estamos presos no debate fraqueza *versus* força. Isso evidencia o quanto precisamos avançar nesses diálogos. Ao permanecermos presos a questões antigas, certamente não estaremos contribuindo em nada para evitar que pessoas continuem tirando suas vidas. Assim como também não estamos nos aproximando de um entendimento mais amplo sobre o tema.

Os discursos inscritos no romance alemão de 1774 também demonstram seu caráter avançado e revolucionário para a época em que foi produzido. Goethe parece compor textos, especialmente aqueles trazidos pelo personagem principal, que fogem às representações dominantes da época. Para Fairclough (2010), os discursos podem representar imaginários de novas práticas sociais, pois não apenas reproduzem, mas também produzem significados.

Para Fairclough (2001), o discurso, enquanto uma dimensão das práticas sociais, fornece informações sobre as estruturas sociais e deixa evidências de uma possível mudança social. Para isso, o analista crítico do discurso precisa conseguir identificar qual é o discurso dominante no material em análise, ou seja, onde está o discurso hegemônico.

A partir disso, é possível encontrar indícios que apontem para a continuidade da hegemonia ou para uma mudança. Na obra de Goethe (2014), as falas de Albert evidenciam o discurso hegemônico, enquanto que as falas de Werther evidenciam um tipo de resistência, um discurso que não é o dominante, mas que está tentando ganhar força.

Perceber que as falas de Albert ainda representam o discurso dominante atual é constatar que essa resistência demonstrada por Werther ainda não conseguiu se estabelecer com segurança. Isso significa que essa visão mais humana, empática e que leva em considerações as questões e os limites pessoais de cada pessoa para querer cometer suicídio, demonstrada nas falas de Werther, ainda não representa a prática discursiva dominante, já que o discurso que continua dominando é o discurso que mais visa julgar e estereotipar os suicidas.

4.2 Os Demônios

Os Demônios é um dos vários romances escritos por Dostoiévski, um dos maiores autores russos. Juntamente com Tolstói, Gógol, Górkí, Tchekhov, Turguêniev, Puchkin, Bulgákov e outros, Dostoiévski fez parte do auge da literatura russa. Inspirado pela execução do estudante I. I. Ivanov por uma organização política clandestina em 1869, Fiódor, impactado e comovido, começa a escrever sua obra, em que também colocou um pouco de suas experiências pessoais. Afinal, o próprio autor fez parte de movimentos políticos de esquerda e foi, inclusive, condenado à morte por isso. Porém, a pena acabou sendo comutada em trabalhos forçados na Sibéria (Dostoiévski, 2018).

O romance, com seu caráter panfletário, gerou muitas críticas negativas na época, mas sua qualidade literária foi e continua sendo admirada. O autor intencionava se posicionar contrário ao movimento revolucionário das décadas de 1860 e 1870 e Bakhtin falou sobre o estilo inovador de *Os Demônios*. A obra antecipou importantes contribuições de Nietzsche e diversos acontecimentos históricos. Por todos esses fatores, *Os Demônios* continua sendo atual e relevante (Dostoiévski, 2018).

Cabe ainda entender como o suicídio acabou se tornando uma temática a ser debatida no romance. Na década de 1870, a Rússia se encontrava assolada por uma onda de mortes autoinfligidas, que chegou a ser descrita com proporções epidêmicas. Por conta disso, o tema ocupou seriamente Dostoiévski (2018). Não foi apenas Dostoiévski que transportou para sua obra esses acontecimentos, Tolstói também se impactou com as

notícias frequentes de suicídio e deixou isso evidente em uma de suas obras mais célebres, *Anna Kariênina* (Bartlett, 2013).

Dostoiévski passou por episódios bastante traumáticos em sua vida: foi preso, condenado a trabalhos forçados e passou por uma simulação de execução que deixou um de seus companheiros emocionalmente comprometido por toda a vida. Durante seu exílio na Sibéria, viu muitos de seus colegas de confinamento se matarem, principalmente se jogando nos arames farpados que rodeavam a prisão. O autor possuía certa proximidade com a temática do suicídio e trouxe o tema para várias de suas obras, incluindo textos mais curtos como *Dois Suicídios*, *Sonho de um Homem Ridículo* e *A Dócil* (Dostoiévski, 2018). Dostoiévski morreu aos 59 anos por conta de uma hemorragia pulmonar e não existem registros de que o escritor tenha tentado ou mesmo cogitado tirar a própria vida.

Os Demônios é um romance complexo e com muitos personagens. A história se passa em uma cidade do interior da Rússia, num período em que a Rússia começava a se democratizar, mas ainda era muito marcada pela falta de liberdade de expressão e a proibição de se posicionar contrário ao czarismo. O romance é narrado por um narrador-personagem que conta a história do professor aposentado Stiepan Trofímovitch, amigo e preceptor dos filhos de Varvara Pietrovna, viúva de um general. No momento em que a história se passa, os filhos de Varvara já cresceram, mas Stiepan continua próximo da generala.

A cidade vai sendo tomada por estranhos acontecimentos, principalmente com o retorno de Piotr Stiepanovitch, filho de Stiepan, e Nikolai Stavróguin, filho de Varvara. O retorno de Piotr é motivado pelo retorno de Nikolai, que chega com o objetivo de contar para a mãe que acaba de se casar. Esses acontecimentos estranhos são organizados e conduzidos por uma sociedade secreta niilista e terrorista, chefiada justamente por esses dois personagens que acabam de chegar na cidade. Outro personagem importante é Chatov, também membro dessa organização secreta. Porém, Chatov não está satisfeito com a organização e não concorda mais com as ideias defendidas por seus colegas. O grupo, por sua vez, não vê outra alternativa que não seja assassinar Chatov por tudo o que ele sabe. Kirillov, outro membro dessa organização, é o personagem que mais nos interessa nessa análise, pois ele está determinado a cometer suicídio e traz esse tema para a obra constantemente.

Ao longo do livro somos apresentados a outros diversos personagens e muitos destes também fazem parte dessa organização secreta. O autor explora os dramas de cada personagem e as relações construídas entre eles e deixa evidente a sua crítica contra

aqueles que queriam transplantar os aspectos políticos e culturais da Europa para a Rússia, além de alertar para o perigo de se transformar ideias niilistas em grandes ideais de sociedade. A tensão entre os personagens vai crescendo ao longo da obra, uma série de acontecimentos vai se desenrolando, imprevistos acontecendo e o grupo acaba implodindo.

4.2.1 *Aquele que se matar apenas para matar o medo imediatamente se tornará Deus*

Dentre os muitos personagens que são retratados em *Os Demônios*, está Kirillov, um engenheiro e membro dessa sociedade secreta, cuja função ali é bem específica: utilizar seu suicídio, que já era um desejo seu antes de entrar para a organização, para ajudar o grupo a concretizar seus planos sem sofrerem as consequências. O combinado é que Kirillov aguarde o momento certo para se matar, assumindo a culpa por um grande crime que a organização vai cometer. Dessa forma, ninguém será incriminado.

Kirillov traz o tema do suicídio em sua primeira aparição, durante um diálogo com outro personagem, que conta:

- Ele estuda, estuda - secundou Lipútin -, já começou a estudar e está escrevendo um curiosíssimo artigo sobre as causas dos casos de suicídio que se tornaram tão frequentes na Rússia e em geral sobre as coisas que aceleram ou inibem a difusão do suicídio na sociedade. Chegou a resultados surpreendentes.

O engenheiro ficou muitíssimo inquieto.

- Você não tem nenhum direito de falar isso - murmurou irado -, não estou escrevendo artigo nenhum. Não vou escrever bobagens. Eu lhe fiz uma pergunta confidencial, de modo totalmente involuntário. Não se trata de artigo nenhum; eu não publico, e você não tem o direito... (Dostoiévski, 2018, p. 100).

Kirillov fica visivelmente abalado e irritado com o assunto levantado. O motivo de sua exaltação fica mais claro algumas páginas depois:

- ... já eu me limito a procurar a causa pela qual os homens não se atrevem a matar-se; eis tudo. E isso é indiferente.

- Como não se atrevem? Por acaso há poucos suicídios?

- Muito poucos.

- Não me diga, você acha isso?

Ele não respondeu, levantou-se e ficou a andar para a frente e para trás com ar meditativo.

- A seu ver, o que impede as pessoas de cometerem o suicídio?

Ele olhou distraído, como se tentasse se lembrar do que estávamos falando.

- Eu... eu ainda sei pouco... dois preconceitos os impedem, duas coisas; só duas; uma, muito pequena, a outra, muito grande. Mas até a pequena também é muito grande.

- Qual é a pequena?

- A dor.
 - A dor? Será que isso é tão importante... neste caso?
 - De primeiríssima importância. Há duas espécies de suicida: aqueles que se matam ou por uma grande tristeza ou de raiva, ou por loucura, ou seja lá por que for... esses se matam de repente. Esses pensam pouco na dor, se matam de repente. E aqueles movidos pela razão - estes pensam muito.
 - E por acaso há esse tipo que se mata por razão?
 - Muitos. Se não houvesse preconceito esse número seria maior; muito maior; seriam todos.
 - Mas todos mesmo?
- Ele fez silêncio (Dostoiévski, 2018, p. 118-119).

Nessa passagem, Kirillov deixa claro que sua intenção não é procurar a causa dos suicídios, mas sim, a razão para não haverem mais mortes autoinfligidas. Na opinião do personagem, há poucos casos de suicídio e existem dois motivos que impedem as pessoas de tirarem a própria vida. O primeiro desses motivos é a dor. Além disso, para Kirillov, existem dois tipos de suicidas: aqueles que se matam de repente, movidos por sentimentos intensos, e aqueles que, movidos pela racionalidade, se matam após pensar muito. O segundo motivo que impede as pessoas de se matarem está no trecho a seguir: “- Bem, e a segunda causa, a grande? - É o outro mundo. - Ou seja, o castigo? - Isso é indiferente. O outro mundo; só o outro mundo” (Dostoiévski, 2018, p. 120).

Para Kirillov, a dor e o medo do outro mundo são os dois motivos que impedem que haja mais suicídios. Em seguida, o personagem fala um pouco mais sobre o seu entendimento a respeito do tema, quando outro personagem afirma que:

- O homem teme a morte porque ama a vida, eis o meu entendimento - observei-, e assim a natureza ordenou.
- Isso é vil e aí está todo o engano! - os olhos dele brilharam. - A vida é dor, a vida é medo, e o homem é um infeliz. Hoje tudo é dor e medo. Hoje o homem ama a vida porque ama a dor e o medo. E foi assim que fizeram. Agora a vida se apresenta como dor e medo, e nisso está todo o engano. Hoje o homem ainda não é aquele homem. Haverá um novo homem, feliz e ativo. Aquele para quem for indiferente viver ou não viver será o novo homem. Quem vencer a dor e o medo, esse mesmo será Deus. E o outro Deus não existirá. (Dostoiévski, 2018, p. 120).

Kirillov vê a vida como sinônimo de dor e medo, o que gera infelicidade. A visão de vida defendida por Kirillov é semelhante à forma como Werther e Albert, de *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, veem a vida.

A tese defendida por Kirillov ao longo de todo o livro é a seguinte: “*Aquele que desejar a liberdade essencial deve atrever-se a matar-se*” (Dostoiévski, 2018, p. 120). Aqui o ato é representado como liberdade e atrevimento. Para o personagem, a verdadeira

liberdade só é alcançada por meio do suicídio, que é também um ato atrevido. Quando questionado por outro personagem que afirma: “*Houve milhões de suicidas*” (Dostoiévski, 2018, p. 121), Kirillov rebate: “*Mas nada com esse fim, tudo com medo e não com esse fim. Não com o fim de matar o medo. Aquele que se matar apenas para matar o medo imediatamente se tornará Deus*” (Dostoiévski, 2018, p. 121). A ideia defendida por Kirillov é de que aquele que cometer suicídio com o intuito de acabar com o medo, se tornará Deus.

Kirillov volta a falar sobre suas concepções e afirma: “*Não compreendo como até hoje um ateu pôde saber que Deus não existe e não se matou no ato! É um absurdo alguém reconhecer que Deus não existe e no mesmo instante não reconhecer que é um Deus, se não ele mesmo se mataria.*” (Dostoiévski, 2018, p. 599). Para Kirillov, alguém que reconhece que Deus não existe, deveria, de imediato, se reconhecer como Deus.

Dentre as obras aqui analisadas, essa é a única que fornece uma motivação diferenciada para o suicídio. Nas demais obras, a melancolia, a tristeza ou até mesmo a depressão são os motivadores centrais. Já em *Os Demônios*, a motivação do personagem Kirillov é diferente, pois se baseia em uma teoria de sua própria autoria.

Pelo modelo cognitivo, é possível compreender as ideias de Kirillov a partir do conceito de crenças. O personagem possui crenças que o levam a acreditar que o suicídio é uma boa alternativa, pois é a partir desse ato que ele se tornará Deus. Se as crenças e os pensamentos automáticos levam alguém ao suicídio, essas crenças e pensamentos são considerados disfuncionais (Wenzel, Brown, & Beck, 2010). Ao avaliar pacientes com delírios, por exemplo, a TCC considera que a crença delirante apresenta algumas características, dentre elas estão a convicção, a inflexibilidade e a certeza, características presentes na teoria de Kirillov, que se mostra sempre muito convicto e inflexível (Beck, Rector, Stolar, Grant & Knapp, 2009).

4.2.2 *Em toda desgraça do próximo há sempre algo que alegra o olho estranho*

O significado acional é bastante presente na obra de Dostoiévski. Três sentimentos marcam os personagens nessa narrativa: o medo que sentem de Kirillov, por verem-no como louco, insano e por temerem estar perto dele, a confusão gerada pelo fato de Kirillov ser um suicida incomum e a curiosidade que um grupo de personagens sente ao estar na presença de uma pessoa que se matou. No trecho reproduzido a seguir, um grupo de

personagens, em um passeio de carruagens, fica sabendo que um jovem cometeu suicídio dentro de um quarto de hotel:

Quando, ao descer para a ponte, a expedição emparelhou com o hotel da cidade, alguém anunciou subitamente que em um quarto do hotel acabavam de encontrar um forasteiro que se suicidara com um tiro e que estavam aguardando a polícia. No mesmo instante surgiu a ideia de ver o suicida. A ideia foi aprovada: nossas damas nunca haviam visto suicidas. Lembro-me de que uma delas disse ali mesmo, em voz alta, que "tudo já está tão dominado pelo tédio que não há por que fazer cerimônia com divertimentos, contanto que sejam interessantes". Só algumas pessoas ficaram esperando à entrada do hotel; o resto entrou em bando pelo corredor sujo, e, para minha surpresa, notei entre elas Lizavieta Nikoláievna. O quarto do suicida estava aberto e, é claro, não se atreveram a barrar nossa entrada. Era um rapazinho bem jovem, de uns dezenove anos, no máximo, muito bonito, de bastos cabelos louros, feições ovais regulares, testa bela e limpa. O corpo já estava duro, seu rosto branco parecia de mármore. Na mesa havia um bilhete, que ele escrevera de próprio punho, pedindo que não culpassem ninguém por sua morte e declarando que se suicidara porque "esbanjara" quatrocentos rublos. (Dostoiévski, 2018, p. 320).

O narrador diz que “*No mesmo instante surgiu a ideia de ver o suicida*” (Dostoiévski, 2018, p. 320), ou seja, há um súbito e intenso interesse pelo suicídio, como se o mesmo fosse um espetáculo aberto ao público. A pessoa que tirou a própria vida perde sua privacidade e seus direitos básicos e se torna uma atração. A fala “*nossas damas nunca haviam visto suicidas*” (Dostoiévski, 2018, p. 320) também demonstra esse caráter de atração que o suicídio assume. A fala de uma das damas evidencia que visitar o cenário de um suicídio e ver o corpo é um divertimento interessante e uma atividade que acabará com o tédio. A pessoa, quando se suicida, perde qualquer identidade anteriormente possuída. A narrativa segue da seguinte forma:

Todos os nossos o examinaram com uma curiosidade ávida. De um modo geral, em toda desgraça do próximo há sempre algo que alegra o olho estranho - não importa de quem seja. As nossas senhoras o examinaram em silêncio; já os acompanhantes se distinguiram pela agudeza do pensamento e pela suprema presença de espírito. Um observou que aquela era a melhor saída e que o rapazola não podia ter pensado nada mais inteligente; outro concluiu que ele vivera bem, ainda que pouco. O terceiro disparou de repente: por que em nosso país as pessoas andam se enforcando e se suicidando a tiro, como se houvessem se desprendido das raízes, como se tivesse faltando o chão debaixo dos seus pés? Lançaram ao sentencioso um olhar pouco amável. Em compensação Liámchin, que achava uma honra fazer o papel do bufão, arrancou do prato um pequeno cacho de uvas, outro o imitou rindo e um terceiro já ia estirando a mão para o Château-Yquem. Mas foi impedido pelo delegado de polícia, que acabava de chegar e inclusive pediu que "evacuassem o quarto". Uma vez que todos já estavam fartos de olhar, saíram imediatamente sem discutir, embora Liámchin esboçasse implicar por alguma

coisa com o delegado. O divertimento geral, o riso e o murmúrio alegre quase dobraram na metade restante do caminho (Dostoiévski, 2018, p. 321-322).

O suicida é observado com curiosidade e o narrador afirma que “*em toda desgraça do próximo há sempre algo que alegra o olho estranho*” (Dostoiévski, 2018, p. 321). O suicídio, enquanto desgraça do outro, gera alegria, ou ao menos curiosidade e entretenimento, nas outras pessoas. Entre os observadores, há quem defenda o ato como uma saída inteligente. A alegria gerada pelas observações do rapaz que se matou acompanha os personagens por algum tempo. Esse caráter de espetáculo que o suicídio assume depois de consumado é evidenciado por Ferreira Jr. (2016) em sua pesquisa sobre as representações do ato em comentários deixados em notícias de suicídio, em que o autor demonstra que, depois de consumado, o tema se torna um espetáculo a ser noticiado e comentado por diferentes pessoas, em que todos podem dar opiniões e especular sobre as causas do suicídio. Ferreira Jr. Se refere ao espetáculo criado na mídia, mas, a passagem da obra de Dostoiévski evidencia que, mesmo sem a mídia, a internet e os meios de comunicação remotos, certo espetáculo também pode acontecer.

Pelo modelo tridimensional de Fairclough (2001), fazer do suicídio um espetáculo é uma prática social sustentada por práticas discursivas e vice-versa. Isso porque qualquer discurso é, simultaneamente, um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social. Essa prática ainda é bastante comum e fica fácil de ser observado especialmente quando suicídios de pessoas famosas são noticiados. As notícias costumam ser sensacionalistas e apontam uma causa única para a morte, além de, frequentemente, noticiarem a forma como a celebridade tirou sua vida, mesmo que isso não seja recomendado pela OMS (2000). As notícias on-line permitem que as pessoas deixem seus comentários e exponham suas opiniões sobre o caso, semelhante ao grupo de curiosos que, no livro, sente-se no direito de comentar sobre o suicídio de outra pessoa. A morte autoinfligida gera curiosidade e interesse nas pessoas justamente porque é, geralmente, um tema extremamente velado, silenciado e repleto de tabus.

A liberdade de opinar depois de um suicídio consumado foi o tema da pesquisa de Ferreira Jr. (2016), que analisou os comentários deixados em três notícias de suicídios de pessoas famosas, entre elas, o do baixista Champignon, membro da banda brasileira Charlie Brown Jr. Entre os comentários, estão: “*Esses caras tem a faca e o queijo na mão e fica de palhaçada... Se tivesse que pegar um trem lotado com uma marmita debaixo do braço não tinha frescura*”, “*Na boa... o cara se matou. Deixou a esposa grávida... e*

querem vangloriar ele ainda? Sério... Cara covarde, não merece nenhum choro de ninguém aqui.”, “Concordo. Era mais um drogado e ao deixar mulher grávida se mostrou covarde. Não é meu ídolo. Não sentirei saudade. Já vai tarde.” e “BURRO E DEMENTE! Era jovem e muito talentoso, poderia ser um dos maiores baixistas desse país, tava prestes a ser pai e jogou tudo pro auto, foi covarde, deixou uma mulher grávida sozinha no mundo, se tinha problemas, bastava ser homem e enfrenta-los de frente” (Ferreira Jr., 2016, p. 188-189).

Palhaçada, frescura, covarde, drogado, burro e demente são alguns dos termos utilizados para se referir à vítima e demonstram a forma como o suicídio se torna um espetáculo a ser comentado, semelhante ao que acontece em *Os Demônios*. Tendo em mente que o discurso contribui, e não apenas reflete, as construções de identidades sociais e as construções das relações sociais entre as pessoas (Fairclough, 2001), é preocupante notar como os discursos sobre o suicídio e os suicidas são tão agressivos.

Kirílov já havia decidido se matar antes de entrar para a sociedade secreta niilista que é explorada no romance e o grupo pediu para que ele esperasse o momento certo. Constantemente, os demais personagens o lembram de que ninguém o forçou, mas apenas pediram para que ele esperasse o momento ideal aos objetivos do grupo. A Sociedade visa usar o suicídio dele como forma de culpá-lo por determinados atos. Assim, os membros ficam livres de suspeitas, já que Kirílov aceitou deixar uma carta em que assume a responsabilidade por tudo.

O fato do personagem aceitar tirar a própria vida de tal forma e no momento que vise auxiliar o grupo é o que Durkheim (2000) denomina como suicídio altruísta, ou seja, quando o suicida se subordina às expectativas de um grupo. Essa prática é comum entre os terroristas e os chamados homens-bomba, por exemplo. A função que Kirílov se disponibilizou a cumprir é a de fazer com que seu suicídio auxilie o grupo a cumprir seus planos, logo, sua morte tem uma função coletiva.

Mesmo sendo conveniente ao grupo que Kirílov se mate, o julgamento que eles fazem das ideias do personagem não são positivas. A fala de um dos personagens exemplifica isso: “*A firme intenção, filosófica e, ao meu ver, louca, que ele tem de se privar da vida chegou ao conhecimento de lá*” (Dostoiévski, 2018, p. 534). O personagem se refere a decisão de Kirílov como filosófica e louca.

A associação entre suicídio e loucura ainda é comum atualmente e continua aparecendo entre as representações de muitos grupos (Vieira, Saraiva & Coutinho, 2010; Ballesteros, et. al, 2010), reforçando a dicotomia entre o normal e o patológico e

colocando as pessoas que pensam em suicídio num lugar de afastamento e negligência. O suicida é sempre o outro, aquele que não tem racionalidade ou que não faz uso adequado dela. No romance anterior, Werther zomba justamente dessa ideia de que o suicídio seria loucura, afirmando que todos têm um pouco de loucura e que seria inadequado se colocar num lugar de sanidade enquanto avalia a outro como louco. O mesmo afastamento que Albert demonstrava é demonstrado também entre os personagens de *Os Demônios*.

O receio que outros personagens têm em relação a Kirílov é tamanho que chega ao ponto de se recusarem a uma convivência mais amigável com o mesmo: “- *Na casa dele não vou beber - recusou expressivamente Lipútin. Piotr Stiepánovitch franziu o cenho. - Isso está cheirando a misticismo; que espécie de gente são vocês todos, só o diabo sabe!*” (Dostoiévski, 2018, p. 541). Não fica claro se a recusa de beber na casa de Kirílov é por sua determinação em se suicidar ou pelas teses defendidas por ele. De qualquer forma, é reforçada a ideia de que o suicida é doente, estranho e que deve ser mantido afastado, como se o suicídio fosse contagioso, sujo ou pecaminoso.

A ideia do contágio, apesar de aparecer inclusive entre as formulações da OMS (2000), não deve ser compreendida como o contágio em seu sentido biológico, que significa a possibilidade de pegar uma doença por estar em contato com uma pessoa que está com um quadro transmissível. Quando falamos sobre suicídio, abordar o contágio significa que pessoas próximas a alguém que se suicidou precisam de atenção especial, porque o suicídio de uma pessoa pode estimular ou incentivar outras a se matarem. Muito diferente do que acontece no romance que estamos analisando, já que os personagens de Dostoiévski se recusam a estar na companhia de Kirillov porque se sentem desconfortáveis. Esse afastamento parece motivado por uma ideia mais biomédica de contágio, em que o suicida é o vetor de sua doença do suicídio. A pessoa que está pensando ou falando em suicídio é uma pessoa desagradável de se ter por perto. E será que não seria assim ainda hoje?

Serviços e profissionais de saúde mental têm feito inúmeros apelos para que as pessoas reconheçam os sinais da depressão e da ideação suicida, superando antigos preconceitos de que uma pessoa em episódio depressivo seria chata, desagradável ou estaria simplesmente desocupada ou reclamando sem motivo. A representação religiosa, que associa o ato suicida a um pecado, também é relevante nesses momentos (Ballesteros, et. al, 2010). Afinal, uma pessoa que está pensando em tirar a própria vida é uma pessoa que está pecando ou cogitando pecar, logo, manter-se longe seria uma forma de se manter distante do pecado. Outras associações de cunho religioso também são comuns, como a

ideia de que o suicídio seria motivado pela falta de fé ou de Deus (Braga & Dell'Aglio, 2013; Silva, et. al, 2015; Ribeiro, Terra, Soccol, Schneider, Camillo & Plein, 2016)

É curioso notar que ao mesmo tempo em que há o personagem que se recusa a estar na companhia de Kirillov, outro grupo de personagens, tomado pela curiosidade e pelo entusiasmo, visita a cena de um suicídio como se isso fosse um espetáculo aberto ao público. O ato gera diferentes reações e sentimentos nas pessoas, desde o desejo de se manter distante até a mais intensa curiosidade e desejo de ver de perto. Isso reforça os apelos feitos para que se percebam os sinais de que uma pessoa pode estar cogitando tirar a própria vida. Afinal, o que percebemos é que os personagens se afastam de quem está pensando em se matar, mas, depois de consumado, o suicídio gera curiosidade.

Outro diálogo instigante se dá da seguinte forma: “- *Você gosta de crianças?* - *Gosto - respondeu Kirillov, satisfeito, aliás indiferente. - Então gosta da vida. - Sim, gosto também da vida, e daí?* - *Mas decidiu se matar...*” (Dostoiévski, 2018, p. 237). O personagem não compreende como alguém que gosta da vida pode ter optado pelo suicídio, e confronta Kirillov com isso. Aqui, o ato é representado como algo praticado por pessoas que não gostam da vida. Logo, quem gosta de vida, não se mata, e vice-versa. Kirillov afirma gostar da vida mesmo a vendo como repleta de dor e sofrimento. Para ele, gostar ou não da vida é um fator que não interfere no desejo suicida.

As declarações e a personalidade de Kirillov não condizem com o que, tradicionalmente, se espera de um suicida. Sua tríade cognitiva não parece afetada, ele vê a vida como sendo boa, não possui crenças negativas de si mesmo e não demonstra desesperança. No entanto, Kirillov é um niilista, ou seja, ele não acredita nos valores tradicionais, nega qualquer princípio e não vê nenhum sentido ou utilidade na vida. O termo Niilismo vem do termo latim Nihil, que significa: Nada. O niilismo pode ser considerado um ceticismo extremo em que nada importa e isso é bem evidente nas falas de Kirillov, que está sempre dizendo que as coisas realmente não importam para ele.

No entanto, ideias niilistas se aproximam de ideias absurdistas (Camus, 2008), ou seja, se nada importa, então nada faz sentido, e se nada faz sentido, a vida perde a importância. Seria o niilismo uma crença, ou uma falta de crença, que facilitaria o suicídio? Certamente a falta de importância que Kirillov atribui à vida é um dos fatores que o levaram a cometer suicídio. Além, é claro, de sua teoria sobre se tornar Deus. Em uma passagem de seu diário, Plath afirma “*Apesar de todo o meu desespero, de tantos ideais, apesar de tudo – amo a vida*” (Kukil, 2017, p. 39). A autora de *A Redoma de Vidro*

também se encontra nesse espaço de contradição entre o amor à vida e a atração pela morte, demonstrando que não necessariamente uma coisa exclui a outra.

Ao fim do romance, Kirílov realmente comete suicídio, permitindo que o grupo siga com os planos de responsabilizá-lo pelos crimes cometidos, que incluíam assassinato e atos terroristas. Um dos aspectos mais interessantes dessa obra é as controvérsias encontradas em algumas representações. De modo geral, os personagens sentem repulsa por Kirílov, se referindo a ele como louco e mantendo distância do mesmo. Por outro lado, na passagem em que um grupo de personagens visita um quarto de hotel onde acaba de acontecer um suicídio, os personagens se divertem com a cena. Ou seja, a pessoa com potencial suicida é sempre tida como repulsiva, enquanto que a pessoa que já cometeu suicídio desperta interesse e curiosidade. É válido notar que, em momento algum, há interesse em ajudar Kirílov. Afinal, sua determinação em se matar condiz com os interesses do grupo. Mesmo assim, ninguém parece gostar dele ou se importar. Kirílov foi apenas uma peça útil em um mecanismo muito maior.

4.3 Mrs. Dalloway

A próxima obra analisada é *Mrs. Dalloway*, um livro de valor imensurável, tendo sido incluído na lista dos 100 melhores livros de todos os tempos pelo *The Guardian* em 2002 e na lista dos 100 melhores livros em inglês da *Time* em 2005. O romance foi escrito em fluxo de consciência, ou seja, na forma de registro fiel e minucioso daquilo que se passa na mente do escritor. Woolf é um grande nome da literatura, não apenas como escritora, mas também com a Editora Hogarth Press, que fundou junto com seu marido, Leonard Woolf, em 1912 (Woolf, 2018).

Na obra, acompanhamos a personagem Clarissa Dalloway, que caminha pelas ruas de Londres em uma manhã de quarta-feira, em busca de flores para decorar a festa que dará naquela noite enquanto Septimus Warren Smith, ex combatente, sai para um passeio com sua esposa, Lucrezia. Clarissa e Septimus não se conhecem, mas a narrativa vai se alternando entre esses dois personagens até culminar no momento em que as trajetórias dos dois se cruzam. Os pensamentos dos personagens são mostrados em alternância ao longo desse único dia, junto com flashbacks que nos contam que esse passeio que Septimus está fazendo é devido a uma recomendação médica dada após o personagem declarar que iria cometer suicídio. A angústia de Lucrezia frente à declaração do marido,

as reflexões de Clarissa e os traumas de Septimus são narrados em fluxo de consciência, em primeira pessoa, de mente em mente.

Clarissa é uma mulher de aproximadamente 50 anos cujos pensamentos são os primeiros a serem explicitados no livro. Porém, o narrador não se prende à mente de Mrs. Dalloway e vai pulando para as mentes das pessoas que cruzam o caminho da personagem, e uma dessas pessoas é Septimus. Ao contrário de Clarissa, que tem uma vida comum e até mesmo banal, Septimus está lidando com os traumas deixados pela Primeira Guerra Mundial, a perda de um amigo, sofrimentos psicológicos e ideação suicida. Ao longo do romance, os leitores acompanham as consultas médicas que Septimus faz e sua convivência com Lucrezia.

O fluxo de consciência é um termo derivado de outro termo, Fluxo de Pensamentos, inicialmente usado na Psicologia e cunhado por William James, que se refere ao funcionamento da mente ao processar pensamentos. Em seguida, a Literatura se apropriou do termo para se referir a um tipo de texto que tenta representar textualmente o funcionamento da mente humana ou, mais especificamente, os pensamentos humanos, formando um pré-discurso, ou seja, um discurso que acontece mentalmente e que ainda não se organizou conscientemente (Oliveira, 2009).

Nossa atividade psíquica não é linear nem totalmente organizada. Quando pensamos, pulamos de um pensamento ao outro, interligamos temas e conectamos uma ideia a outra em uma velocidade muito rápida, diferentemente de quando precisamos transformar isso em discursos conscientemente organizados. O fluxo de consciência, enquanto recurso narrativo, se esforça em tentar reproduzir essa atividade psíquica no texto escrito.

É da psique humana que o fluxo de consciência tenta se apropriar, ou, segundo Humphrey (1954), dos níveis de consciência pré discursivos, com a intenção de revelar o ser psíquico dos personagens. O interesse está no que antecede o discurso verbal, sem controle racional ou ordenação lógica. A arte se permite representar o inconsciente por meio do fluxo de consciência em uma tentativa ambiciosa de abranger tudo aquilo que faz parte da vivência humana.

Ainda para Humphrey (1954), a técnica do fluxo da consciência apresenta o personagem ao leitor de forma mais profunda, verdadeira e realista, pois insere suas características psicológicas a partir de seus próprios pensamentos. Além de Woolf, outros autores também usaram esse recurso, entre eles estão James Joyce, William Faulkner e, no Brasil, Clarice Lispector.

Sendo assim, *Mrs. Dalloway* vai permitir que o leitor acompanhe vários personagens e que entre na mente deles. A leitura, que pode parecer muito confusa e difícil no início, é de uma riqueza incomparável, afinal, estamos conhecendo o material psíquico de vários personagens ao mesmo tempo.

A autora, que era frequentemente acometida por episódios depressivos, cometeu suicídio em 28 de março de 1941 (Woolf, 2018). Suas próprias experiências contribuíram como compor o personagem Septimus que, assim como Woolf, sofre com episódios depressivos e alucinações (Lemasson, 2012). Woolf é a única autora dentre os autores das obras analisadas neste estudo que teve o mesmo fim de seu personagem, já que ela e Septimus cometeram suicídio. Septimus pulou de uma janela, enquanto Woolf colocou pedras nos bolsos de seu casaco e entrou em um rio.

4.3.1 *Era uma covardia um homem dizer que ia matar-se*

Uma das obras mais consagradas de Woolf, *Mrs. Dalloway*, é um romance escrito em fluxo de consciência que se passa todo em um único dia. Woolf nos transporta para a mente de vários personagens e nos mostra quanta complexidade pode caber em apenas 24 horas. A morte surge como tema em *Mrs. Dalloway* já na página 13, quando a personagem central, Clarissa, se questiona: “*Importava mesmo que tivesse de desaparecer um dia, inevitavelmente? Tudo aquilo continuava sem ela. Sentia-o? Ou seria um consolo pensar que a morte acabava com tudo, absolutamente?*” (Woolf, 2018, p. 13). Essa passagem consegue dar o tom de todo o livro, filosófico, inquietante e introspectivo, *Mrs. Dalloway* se utiliza de um recurso narrativo em que o escritor escreve no mesmo fluxo em que pensa. Essa breve passagem já nos coloca frente a frente com a questão da morte que, ao ser compreendida como o fim de tudo, pode ser tanto um consolo como um motivo de tristeza.

O personagem que mais nos interessa aqui é Septimus Warren Smith. Ao ter seu caminho cruzado por Clarissa, o foco narrativo passa a ser dele e de sua esposa, Lucrezia. E a primeira intromissão narrativa de Septimus acontece em um momento em que o trânsito na rua em que eles se encontram está confuso: “*Sou eu que estou estorvando o caminho, pensou. Não era ele que estava sendo olhado e apontado?*” (Woolf, 2018, p. 18). Podemos perceber nessa breve passagem a presença de sentimento de culpa e a ideia de estar sendo observado. Logo ao nos introduzir na mente desse personagem, Woolf já parece querer demonstrar as perturbações de Septimus, que apresenta uma visão de si tão

negativa e distorcida a ponto de se responsabilizar pelo trânsito ruim. O leitor encontra outro salto narrativo na mente de Lucrezia, que nos revela o que Septimus lhe disse:

Septimus declarara “Eu vou matar-me”; uma coisa horrível de dizer. Será que tinham ouvido? E ela olhava para a multidão. Socorro, socorro! tinha vontade de gritar para os distribuidores de carne, para as mulheres. Socorro! (Woolf, 2018, p. 18-19)

Lucrezia revela que Septimus declarara a intenção de se matar, o que, segundo ela, é uma coisa horrível de dizer. O posicionamento da personagem revela que ela considera feio falar em se matar. Se é feio, não deveria ser dito. E se não deveria ser dito, é uma fala que deve ser silenciada. Quando ela questiona se alguém teria ouvido, demonstra preocupação com relação a alguém mais tomar conhecimento da declaração do marido. Mais uma vez, o desejo de silenciamento aparece. A ideia suicida tem que ser escondido, ninguém pode ouvir, ninguém pode saber.

Ela olha para a multidão, em alerta e pede socorro mentalmente, pois a declaração do marido a assusta, desperta o sentimento de medo nela, a faz ter vontade de pedir ajuda. O desejo de esconder e o desejo de pedir ajuda são contraditórios. Quem pede ajuda, revela. E quem esconde não pode pedir ajuda. A confusão da personagem fica evidente nesse ponto. Ela está assustada, quer pedir socorro, mas também quer esconder e deseja que ninguém saiba.

Quando ela se questiona se alguém teria ouvido a declaração de Septimus, percebemos novamente o sentimento de vergonha. Ela nos revela a sua surpresa, o seu espanto, ao lembrar um episódio feliz entre eles e concluir que “*a desgraça devia ser oculta*” (Woolf, 2018, p. 19). Novamente demonstra vergonha ao “*arrastá-lo*” (Woolf, 2018, p. 19) para outro local, uma praça. Até aqui, conseguimos identificar vários sentimentos presentes numa pessoa que toma conhecimento do desejo suicida de outra: vergonha, medo e espanto.

Já na praça, Lucrezia tenta chamar a atenção do marido para coisas bonitas que ela vê, pois, como ela nos conta, o médico recomendou que ela fizesse ele se interessar pelas coisas exteriores. Ainda de acordo com o médico, Septimus não tem nada de grave, estando apenas “*um tanto alterado*” (Woolf, 2018, p. 23). O posicionamento do médico nos mostra não só uma desqualificação dos sentimentos de Septimus, como também uma minimização de seu sofrimento.

Lucrezia se afasta de Septimus, “*pois não podia mais aguentar*” (Woolf, 2018, p. 24). “*Antes vê-lo morto! Não podia ficar sentada junto de Septimus quando ele olhava*

daquela maneira, e não via, e tudo parecia terrível” (Woolf, 2018, p. 24). Lucrezia, por estar perto de Septimus, também sofre. Ela sofre com a apatia do marido e com a dificuldade que sente de ajudá-lo.

Ao refletir sobre o estado atual do marido, ela afirma: *“Mas não, Septimus não se mataria; e ela não podia falar com ninguém. “Septimus tem trabalhado em demasia” – era a única coisa que podia dizer, à sua própria mãe*” (Woolf, 2018, p. 24). Fica evidente novamente a vergonha de revelar as ideias suicidas do marido às pessoas. Assim como a própria dificuldade em aceitar o que está acontecendo, seja por crer que o marido está exagerando ou por ver o suicídio como algo muito difícil de conceber. Aqui a ideia suicida e o suicida em si surgem como coisas a serem omitidas e disfarçadas. Inclusive, Lucrezia revela que disse à sua mãe que Septimus tem trabalhado demais, visando justificar o humor incomum do marido.

E era uma covardia um homem dizer que ia matar-se; mas Septimus havia lutado; fora um bravo; não era o mesmo Septimus agora. Ela punha a sua gola de fitas. Punha um chapéu novo e ele nem notava; e era feliz sem ela. Nada poderia fazê-la feliz sem ele! Nada! Era um egoísta. Assim são os homens. Pois ele não estava doente. O dr. Holmes dizia que não era nada. Rezia estendeu a mão! Olha! A aliança lhe escorregava do dedo – como havia emagrecido! Ela é que sofria -, mas não tinha ninguém a quem dize-lo. (Woolf, 2018, p. 24-25)

Covardia e egoísmo aparecem nessa passagem, juntamente com o contraponto feito entre o atual desejo suicida e o fato de Septimus ter lutado na guerra. É como se Lucrezia dissesse ‘Como pode alguém que lutou na guerra querer se matar?’. Se o suicídio é compreendido como fraqueza, como ele pode coexistir com a coragem de se ter lutado em uma guerra? A explicação de Lucrezia é que *“não era o mesmo Septimus agora”* (Woolf, 2018, p. 24).

A fraqueza é uma representação do suicídio que ainda persiste nos dias de hoje e costuma aparecer em pesquisas sobre as representações do ato. De acordo com a OMS (2000), a associação de suicídio com fraqueza ou fracasso é um empecilho para a socialização e um motivador para o silenciamento, já que as pessoas tendem a ficar constrangidas em admitir que estão pensando em tirar a própria vida.

E não é preciso muito para perceber que, realmente, é difícil revelar qualquer nível de ideia ou de planejamento suicida em uma sociedade que tem tantos adjetivos pejorativos para definir os suicidas. É preciso muita coragem ou, no mínimo, um nível grande de sofrimento, para contar a alguém que se está pensando em fazer um ato que vai de encontro a tantos valores e regras. Como afirmam Marquetti, Kawauchi e Pleffken

(2015), os suicídios trazem à cena a morte explícita e revelam aquilo que é velado e interdito, o que faz do ato suicida um ato de transgressão.

A dificuldade em aceitar aparece novamente quando ela declara que “*ele não estava doente*” (Woolf, 2018, p. 24) e, para corroborar ela expõe novamente a declaração do médico que disse que “*não era nada*” (Woolf, 2018, p. 24). O leitor percebe que Lucrezia nega o que está acontecendo como uma forma de se proteger, é melhor negar, porque se ela aceitar, vai ter que lidar com isso, vai ter que encarar o problema e aceitar a seriedade do mesmo, então é melhor pensar que não é nada, que ele não está doente. Em seguida, a esposa se volta para seu próprio sofrimento. A desqualificação do sofrimento de Septimus continua aparecendo, mas tudo indica que seja por não querer ou não conseguir aceitar o que está acontecendo, e não exatamente por descrédito. Lucrezia não quer acreditar no desejo suicida do marido.

Lucrezia Warren Smith dizia consigo: “É cruel, isto; por que devo sofrer?” perguntava-se, enquanto descia a avenida. “Não, não posso suportar mais isto”, dizia, depois de haver deixado Septimus, que já não era Septimus, a dizer coisas duras, injustas, cruéis, a falar consigo mesmo, a falar com um morto, ali naquele banco. (Woolf, 2018, p. 57).

O morto ao qual Lucrezia se refere é Evans, antigo amigo de Septimus que morreu na guerra e com quem Septimus tem conversado. Em alguns momentos, Septimus até fala em voz alta e diz o nome de Evans, como se seu amigo estivesse ali com ele. A própria Woolf sofria com alucinações desde muito nova (Lemasson, 2012) e sua experiência pessoal a ajudou a compor o personagem Septimus. Como já informado, Mrs. Dalloway é um romance que se utiliza do recurso narrativo do fluxo da consciência. É normal que o leitor se sinta desorientado no início da obra, mas, aos poucos, o quebra-cabeça vai se montando. No núcleo que nos importa, temos o casal Septimus e Lucrezia, ou seja, o personagem que revelou sua intenção de cometer suicídio e sua esposa. Septimus lutou na guerra e, lá, perdeu um amigo querido. Desde então, Septimus não é mais o mesmo, seu humor mudou e ele tem conversado com o amigo falecido na guerra. As guerras foram motivo de grande preocupação para Woolf e alguns acreditam que pode ter influenciado o suicídio dela. Isso deixa ainda mais evidente o caráter autobiográfico da obra.

Lucrezia revela uma opinião interessante sobre o humor do marido: “*Que coisa mais estúpida, ser infeliz!*” (Woolf, 2018, p. 71). A infelicidade, que podemos entender como humor depressivo, é visto como uma estupidez, uma tolice, uma burrice. Aquele que é infeliz, é estúpido. Essa infelicidade também é representada como uma escolha, uma decisão, como se Septimus tivesse optado por ser infeliz.

Septimus reflete sobre sua condição:

Mas a beleza estava por detrás de um vidro. Nem ao menos o paladar (Rezia adorava gelados, chocolates, doces) tinha encantos para ele. Deixava a sua taça pousada na mesinha de mármore. Olhava a gente que passava; pareciam felizes, parando no meio da rua, gritando, rindo, discutindo por qualquer coisa. Mas ele não sentia gosto, não sentia coisa alguma. No café, entre as mesas e os garçons loquazes, o terrível medo o dominava: ele não podia sentir. Raciocinar, podia; podia ler Dante, por exemplo, com toda a felicidade (“Septimus, deixa o livro”, dizia Rezia, fechando-lhe gentilmente o “Inferno”); podia fazer contas; o cérebro estava perfeito; se não podia sentir, a culpa devia ser do mundo, então. (Woolf, 2018, p. 74).

Essa passagem demonstra como o próprio Septimus se sente em relação ao seu humor. Nem ele entende completamente a sua apatia e, sem encontrar outra explicação, culpa o mundo. Uma das coisas que mais chama atenção nas falas de Lucrezia é a vergonha que ela sente pelo marido estar falando em se matar. Para ela, é inaceitável que um homem corajoso, que lutou na guerra, possa agora estar pensando em suicídio, por isso, surge também a não-aceitação, a descrença. Percebemos a vontade dela de manter a intenção suicida do marido em segredo.

Uma sólida rede social de apoio é um fator de proteção ao suicídio e a família é um suporte necessário nos tempos de crise (OMS, 2014). Uma pesquisa realizada em 2017, que visava identificar as características associadas a um maior risco de comportamentos suicidas em pessoas em primeira consulta na Unidade de Comportamentos Suicidários (UCS) do serviço de psiquiatria do Hospital de Braga, concluiu que em 42% dos casos o principal motivo da tentativa de suicídio eram conflitos conjugais ou no relacionamento afetivo e 16,2% eram motivados por outros conflitos familiares (Ramôa, Soares, Castanheira, Sequeira, Fernandes & Azenha, 2017). Outros estudos também têm demonstrado que a falta de apoio familiar pode ser um fator preditivo para o comportamento suicida (Braga & Dell’Aglia, 2013; Silva, et. al, 2015; Ribeiro, Terra, Schneider, Camillo & Plein, 2016).

Não parece ser intenção de Lucrezia deixar o marido desamparado. Na verdade, Lucrezia está tentando ajudar quando leva o marido aos passeios diários como recomendou o médico, mas será que era essa a ajuda que Septimus precisava? E ainda mais importante, era isso que ele queria? Se lhe fosse questionado, Septimus teria dito que sua vontade era fazer passeios diários?

4.3.2 *Todos nós temos os nossos momentos de depressão*

O médico é chamado após um episódio de desmaio de Septimus e afirma: “*a saúde depende, em grande parte, da nossa própria vontade. Trate de interessar-se por alguma coisa; procure uma distração*” (Woolf, 2018, p. 77). Ele prossegue dizendo:

Não seria melhor fazer alguma coisa do que ficar ali deitado, na cama? Pois ele, dr. Holmes, contava quarenta anos de experiência; e Septimus podia confiar na sua palavra de como não tinha absolutamente nada. (Woolf, 2018, p. 77-78).

Ao contrário de Septimus, que culpa o mundo por não poder sentir, o dr. Holmes culpa o próprio Septimus, responsabilizando-o por seu estado de apatia. O suicida é representado como ocioso, alguém que precisa se ocupar, se distrair, alguém que tem o controle total de seus sentimentos e que, se continua infeliz, é porque não está fazendo o suficiente para melhorar.

A ideia de que o suicídio seria uma escolha ou uma alternativa também aparece em pesquisas que visam identificar as representações que as pessoas têm do ato (Ballesteros, et. al, 2010; Vieira, Saraiva & Coutinho, 2010). No entanto, a ABP (2014) enquadra essa ideia no campo dos mitos sobre suicídio, já que, o ato seria, na verdade, um ato resultante da percepção de que não há outra alternativa. Ou seja, ao invés de uma escolha, se matar se daria pela crença de que não há escolha. Muito se tem debatido sobre esse aspecto do suicídio e há quem defenda que os suicidas sejam vistos como vítimas e não como agentes de sua própria morte.

A responsabilização da pessoa com ideação suicida também é comum dentre as representações mais atuais. A ideia de que a pessoa com depressão é responsável por sua situação emocional e de que deve se esforçar para melhorar aparece na pesquisa realizada por Moraes e Souza (2011) e a crença coletiva é de que as pessoas que estão pensando em suicídio deveriam buscar fazer algo que gostam. Essa representação condiz com o que o médico diz para Septimus, de que ele precisa procurar uma distração ou se interessar por alguma coisa. Recomendar apenas isso e não explorar nenhuma outra estratégia de tratamento é uma forma de culpar a vítima pelo que ela está sentindo ou pensando.

Essa forma de representar a depressão ou a ideação suicida não só é prejudicial, pois contribui para fazer a pessoa se sentir culpada, como também não condiz com o conhecimento científico. Afinal, a depressão é uma doença que gera desequilíbrio cognitivo e hormonal. Logo, existem evidências químicas que corroboram com o

entendimento do suicídio como uma doença e não apenas como uma questão de escolha ou de força de vontade.

De volta à mente de Septimus, descobrimos como ele está se sentindo:

Estava, pois, abandonado. Todos lhe bradavam: mata-te, mata-te, para salvação nossa. Mas por que devia matar-se por eles? Comer era agradável; o sol aquecia; e isso de matar-se, como é que se fazia? Com uma faca, terrivelmente, entre golfadas de sangue? Aspirando gás? Estava demasiado fraco; mal podia erguer a mão. De resto, agora que estava completamente só, condenado, abandonado, como estão sozinhos os que vão morrer, sentia uma liberdade que nunca podem conhecer os que estão ligados ao que quer que seja. (Woolf, 2018, p. 78).

Septimus se sente sozinho, abandonado. Os seus sentimentos não são reconhecidos e o que ele diz não é levado a sério. Ele também se sente um peso, um fardo para as pessoas. Agora, seu suicídio é visto não apenas como um alívio para si mesmo, como um alívio também para os outros. O personagem Septimus demonstra uma visão de si negativa e, apesar de já estar pensando em se matar, mantém uma visão relativamente positiva da vida. Sua visão dos outros, por outro lado, foi afetada.

Ao consultarem outro médico, William, Septimus e Lucrezia recebem um posicionamento bem diferente. Enquanto o médico anterior desqualificava o sofrimento de Septimus, afirmando que o mesmo não tinha nada, sir William afirma que o paciente está muito doente. No entanto, ao reconhecer a gravidade dos sintomas de Septimus, o médico lhe tira a liberdade e assume uma postura de detentor do conhecimento, assumindo a responsabilidade de ditar o que Septimus deve ou não fazer:

Que seu marido estava muito doente, disse sir William a Rezia. Não havia ameaçado matar-se? Oh, sim, exclamou Rezia. Mas ele falava sem pensar, acrescentou. Naturalmente que não o faria. Era uma simples questão de repouso: um longo repouso na cama. Havia uma bela casa de saúde no campo, onde seu marido seria perfeitamente tratado. Longe dela? indagou Rezia. Infelizmente, sim, as pessoas de quem mais gostamos não servem para nós quando estamos doentes. Sir William nunca falava de “loucura”; sempre dizia que isso era não ter senso de medida. Mas o marido não gostava de médicos... Recusar-se-ia a ir para lá. Brevemente, brandamente, sir William explicou-lhe o caso. Ele havia ameaçado matar-se. Não havia alternativa. Era uma questão de lei. Deveria ficar de cama em uma bela casa no campo. As enfermeiras eram admiráveis. Sir William o visitaria uma vez por semana. Se Mrs. Warren Smith estava absolutamente certa de que não havia mais nada a perguntar – ele nunca apressava os pacientes –, voltariam para junto do marido. Não, ela não tinha mais nada para perguntar – pelo menos a sir William (Woolf, 2018, p. 81).

Sir William revela a extrema banalização da depressão ao dizer “*Todos nós – acrescentou sir William - temos os nossos momentos de depressão*” (Woolf, 2018, p. 12).

Essa frase também revela uma iniciativa de silenciar o paciente, de não dar importância às suas questões pessoais e motivações subjetivas. Os suicidas são sempre iguais, sem particularidades. E se a pessoa ameaça matar-se, é porque ela é fraca e não consegue lidar com esses *momentos de depressão* que todos têm.

O suicídio de Septimus acontece na página 122 quando, para fugir da presença do dr. Holmes, ele salta da janela de seu quarto, gritando “*Isso é para você!*” (Woolf, 2018, p. 122-123). Apesar de parecer uma atitude completamente impulsiva, não é possível definir ao certo o quão impulsivo foi o suicídio de Septimus, pois, no momento em que se jogou da janela, o leitor não tinha acesso à sua mente. Ao mesmo tempo que parece repentino, também parece uma forma de escandalizar ou até mesmo punir o médico. Ao gritar que “*isso é para você!*”, Septimus parece querer confrontá-lo por suas afirmações de que Septimus não iria se matar, ou seja, parece ser intenção do suicida confrontar a descrença do médico em suas intenções suicidas.

A reação imediata do dr. Holmes é chamá-lo de covarde. Em seguida, o médico, trêmulo, reflete: “*Quem poderia ter previsto aquilo? Um súbito impulso, a ninguém cabia a mínima culpa (disse a Mrs. Filmer). Por que diabo fora ele fazer aquilo era coisa que o dr. Holmes não podia conceber*” (Woolf, 2018, p. 123). O suicídio de Septimus deixa claro que o suicida só é levado a sério depois de se matar. Até então, dr. Holmes insistia em dizer que ele não tinha nada e, quando Septimus finalmente concretiza o ato, o médico se mostra surpreso. No entanto, sua surpresa deve ser compreendida como descrédito e não como desconhecimento da intensão suicida de Septimus. Também é interessante notar que a primeira coisa que o médico diz é “*O covarde!*” (Woolf, 2018, p. 123).

Ao final do livro, quando Clarissa está recebendo convidados em sua casa, ela toma conhecimento do suicídio de um estranho, que o leitor sabe se tratar de Septimus. A reação de Clarissa é a seguinte:

Que tinham os Bradshaws de falar de morte na sua festa? Um jovem se havia suicidado. E falavam disso na sua festa – os Bradshaws falavam de morte. Suicidado... mas como? Sempre que lhe falavam num acidente, sentia-o, em si mesma; o seu vestido em chamas, o seu corpo carbonizado. Jogara-se de uma janela. O chão como que subia; duras, agudas, as pedras penetravam o corpo. Ali jazia (aquele golpe, aquele golpe no cérebro!), e depois o afogamento na treva. Assim o via. Mas por que fizera ele aquilo? e os Bradshaws falavam naquilo em sua festa! (Woolf, 2018, p. 149-150).

O suicídio se torna um inconveniente, um tema que não deveria aparecer em uma festa e Clarissa se incomoda com o aparecimento desse assunto, fazendo algumas

reflexões sobre morte e morte autoinfligida. A notícia parece mexer com Clarissa, mas isso logo passa, a festa tem prosseguimento e o romance termina.

A maior porta-voz das representações de suicídio em Mrs. Dalloway é Lucrezia, a esposa de Septimus. Algumas das representações mais frequentes são: horrível, assustador, medo, vergonha, esconder, surpresa, espanto, covardia, fraqueza, egoísmo e estupidez. O suicida, na visão de Lucrezia, é covarde, fraco, egoísta e estúpido. A reação imediata de Lucrezia é sentir vergonha, ficar assustada, com medo, negar e tentar esconder as intenções do marido. Os médicos também trazem algumas representações interessantes, dentre elas, há desqualificação, minimização e banalização dos sentimentos de Septimus. O suicida é visto como ocioso, covarde, fraco, doente e responsável por seu quadro depressivo.

Há pontos de convergência e de divergência entre a representação familiar e representação médica. Ambos veem o suicídio como covardia e fraqueza. No entanto, enquanto Lucrezia se preocupa e admite que o marido possa estar doente, o médico desqualifica, minimiza e banaliza os sentimentos e as declarações de Septimus, optando por responsabilizá-lo por seu estado emocional. Enquanto Lucrezia se espanta com a declaração do marido, o médico faz pouco de suas declarações. O médico considera Septimus ocioso, já Lucrezia afirma que ele anda trabalhando demais. Mesmo com essas diferenças, nem Lucrezia, nem os médicos, apresentam uma escuta empática e um acolhimento. Lucrezia até tenta ajudar e é nítida a sua preocupação. No entanto, os julgamentos estão sempre presentes.

Algumas das representações de suicídio que o livro traz condizem com representações que aparecem em pesquisas recentes, especialmente a visão do suicida como covarde (Ballesteros et. al, 2010), fraco (Vieira, Saraiva & Coutinho, 2010) e doente (Correia, et. al, 2014; Kopp-Bigault, Walter, & Thevenot, 2016).

A desqualificação, a banalização e a minimização da intenção suicida também são elementos a serem analisados na obra. Quando Septimus se suicida, o médico afirma que ninguém poderia imaginar que aquilo iria acontecer. No entanto, Septimus vinha falando abertamente sobre seu desejo suicida. Como ninguém poderia imaginar se era algo que ele falava com tanta clareza? O risco foi minimizado, a fala de Septimus foi banalizada e seus sentimentos foram desqualificados. Toda essa desconsideração com os sentimentos e os pensamentos de Septimus não impediram que ele tirasse sua própria vida.

Neste romance vemos se repetir o que aconteceu no primeiro romance que analisamos, *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, ou seja, assim como Werther deu sinais

de que pretendia se matar e foi ignorado, Septimus também não recebeu o devido tratamento. O que difere um caso do outro é que Septimus, diferentemente de Werther, se disponibilizou a buscar ajuda profissional. Porém, a ajuda profissional recebida por Septimus não foi eficaz por conta do descrédito dos médicos. Vale lembrar que campanhas de prevenção do suicídio focam muita na relevância de se estar atento a falas que revelem intenção suicida e também da importância do acolhimento dessas pessoas.

Já no que diz respeito à representação do suicida como ocioso e responsável pelo seu estado emocional, vale mencionar que mais de 90% dos casos de suicídio são causados por transtornos mentais (Bertolote & Fleishmann, 2002; WHO, 2014). Logo, não cabe responsabilizar uma pessoa por estar doente. Este mesmo debate também é apresentado no romance de Goethe, *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, quando Werther equipara o desejo suicida com uma doença física, como a febre.

4.3.3 Paralelos com a vida e a morte de Virginia Woolf

Assim como seu personagem, Septimus, Woolf também se suicidou. Na carta que deixou ao marido, Leonard, Woolf revela que sofria de alucinações e que pensava estar estragando a vida do esposo com sua doença. De todas as obras analisadas nessa pesquisa, essa é a única em que personagem e autor cometeram suicídio.

Os erros bem intencionados de Lucrezia parecem ter relação com esse outro companheiro que errou tentando acertar: Leonard Woolf, que levou sua esposa, Virginia Woolf, para viver em Middlesex, um pequeno condado da Inglaterra. Leonard se esforçava para cuidar da esposa, seguindo os conselhos médicos, mas, muitas vezes, o que Virginia queria não coincidia com o que os médicos recomendavam e não há como negar que entre a opinião de uma mulher nos anos 30 e 40 e as recomendações de um homem médico, quem seria ouvido é aquele que traz o saber masculino e médico.

Ninguém deveria duvidar das boas intenções de Leonard, assim como não resta dúvida de que Lucrezia estava querendo o melhor para seu marido. Porém, ambos acabam ignorando o mais importante: ouvir o que seus parceiros têm a dizer, quais são as suas vontades e o que eles acham que é melhor para si mesmos. Woolf queria voltar para Londres, porque sentia falta da vida agitada que a cidade grande lhe fornecia, mas as orientações médicas incluíam repouso e calma.

Conhecimentos científicos acumulados são importantes para o tratamento da depressão e a prevenção do suicídio, mas isso não pode ser maior do que a importância

de dar abertura para essas pessoas se manifestarem. Quando se recomenda aumentar os momentos de prazer de pacientes depressivos, por exemplo, não há fórmula pronta que proporcione isso, é preciso identificar o que cada pessoa gosta para investir em atividades que dão prazer a ela. De maneira sutil, esse é um dos debates que Woolf traz em sua obra, abordando o silenciamento dos suicidas. Em todas as passagens em que vemos Septimus ser ignorado, ou quando vemos seus sentimentos sendo banalizados, ou suas queixas sendo minimizadas, em todos esses momentos, parece existir o mesmo alerta por parte da autora: ouçam, prestem atenção, deem importância.

A escritora afirma, na carta que deixou ao marido, que se alguém pudesse salvá-la, esse alguém seria Leonard, deixando claro que, apesar de acreditar na ajuda do marido, ela não acreditava que podia ser ajudada. Como Werther, Woolf acreditava que seu suicídio era inevitável. Episódios depressivos e alucinações acompanharam a escritora ao longo de toda a sua vida, cansando-a e tirando dela a esperança de uma melhora efetiva.

É quase impossível avaliar se o suicídio de Woolf era evitável e não podemos deixar de levar em consideração todas as questões envolvidas no suicídio da autora. Ela era uma mulher que convivia com as limitações que lhe eram impostas por ser mulher em uma época em que a lógica biomédica e masculina prevalecia. Provavelmente, se tivesse recebido tratamento adequado desde cedo, pois os episódios depressivos e psicóticos eram frequentes na vida da escritora desde a infância, a história seria outra, mas ninguém existe deslocado da época em que vive. Woolf era uma mulher no final do século XIX e início do XX e isso certamente é um dos fatores que lhe trouxe sofrimento, como fica claro em várias de suas obras.

4.4 A Redoma de Vidro

A Redoma de Vidro, de 1963, talvez seja a maior referência quando se fala em depressão na literatura e a metáfora da depressão como uma redoma de vidro é utilizada até hoje. Plath foi uma das poetisas mais aclamadas do século XX e deixou vasta obra composta por poemas, contos e crônicas. Plath tentou suicídio mais de uma vez em vida, e acabou por concretizar o ato aos trinta anos de idade, deixando dois filhos (Kukil, 2017).

Os eventos descritos no romance se assemelham muito a eventos que a própria autora viveu, ou seja, essa é uma obra em que Plath resgatou muito de suas próprias experiências e transferiu para a história. A personagem Esther apresenta muitas preocupações e anseios que a própria autora tinha, e isso fica evidente quando lemos os

diários da escritora (Kukil, 2017). Mais uma vez, temos um romance com caráter autobiográfico.

Plath viveu uma vida cheia de conflitos internos e seus diários mostram isso (Kukil, 2017), desde a intensa preocupação em conseguir um bom marido até o sonho de fazer sucesso e ganhar dinheiro como escritora, a suspeita de que nunca seria feliz, o sentimento de que estava sendo esmagada pelo tempo, o ódio que sentia por si mesma e pelos homens por não precisarem ter as preocupações que as mulheres precisavam ter, diversas foram as preocupações da escritora em vida.

A autora de *A Redoma de Vidro* se via constantemente aprisionada pela sociedade em que vivia e suas maiores preocupações eram obter um bom casamento e conseguir conciliar a vida de esposa com a vida de escritora sem ter prejuízos em nenhuma dessas funções, coisa que parecia impossível, ou ao menos muito improvável para a época (Kukil, 2017).

Plath cometeu suicídio no dia 11 de fevereiro de 1963, deitando a cabeça dentro do forno com o gás ligado, após abrir a janela do quarto dos filhos, deixar comida ao lado de suas camas e vedar a porta do quarto com toalhas e roupas, garantindo a segurança das crianças. Foi encontrada apenas no dia seguinte, por uma enfermeira que havia contratado. Em 2009, Nicholas Hughes, seu filho, que também tinha depressão, se matou, enforcando-se em sua casa.

A personagem que Plath elaborou, Esther, é a única dentre os quatro personagens aqui analisados que não concretiza o suicídio. Isso pode evidenciar certo otimismo por parte da autora, o que também aparece em seus diários. Plath era intensa em seus sentimentos e é possível ver momentos de genuína felicidade em seus registros. Porém, infelizmente, sua tristeza era igualmente intensa.

Na obra, acompanhamos a personagem Esther Greenwood, cuja vida parecia estar ficando cada vez mais interessante, assim como ela sonhava. O estágio dos sonhos, em New York, em uma revista e a vida social agitada eram tudo o que ela queria. O livro começa exatamente nesse ponto, com Esther realizando seus desejos e se tornando a pessoa que ela sempre quis ser. No entanto, alguns acontecimentos acabam desencadeando um episódio depressivo, acompanhado de inúmeros questionamentos existenciais e a dificuldade de encontrar o sentido da vida, que estraga seus planos e faz com que ela tente suicídio várias vezes. O leitor acompanha Esther parando de se arrumar, de tomar banho e de praticar qualquer hábito de higiene e autocuidado. A obra acompanha

a mente de Esther, seus pensamentos, sentimentos, sua desesperança e ideação suicida, além de mostrar suas internações em clínicas psiquiátricas e suas interações sociais.

Plath também insere em seu romance temas que lhe eram importantes e que marcaram o pensamento feminista da época, como o surgimento das pílulas anticoncepcionais e a ascensão profissional das mulheres. O aspecto econômico também é trabalhado quando Plath faz referência aos custos dos tratamentos médicos e internações psiquiátricas. Tudo isso faz de *A Redoma de Vidro* uma obra complexa, embora marcada pela narrativa fluida da autora, certamente em decorrência do fato de ela ser, inicialmente, uma poetisa. Logo, sua escrita é bonita, cheia de sutilezas e metáforas. Tecnicamente é um livro de leitura fácil, mas seu conteúdo o torna mais difícil, pois não é agradável ver Esther se transformando e se tornando uma mulher infeliz e que passa muito tempo planejando a melhor forma de cometer suicídio.

4.4.1 *Você nunca vai chegar a lugar algum desse jeito*

O único romance escrito por Plath, *A Redoma de Vidro*, retrata a vida da jovem Esther e permite que o leitor acompanhe o desenvolvimento de um quadro depressivo que leva a personagem a tentar se matar várias vezes. Plath narra o dia a dia dessa jovem em ascensão profissional de forma semiautobiográfica, baseada em muitas de suas próprias experiências, que também tentou suicídio algumas vezes ao longo de sua vida, até consumir o ato em 1963.

Dos quatro romances aqui analisados, a obra de Plath é a que mais enfatiza os pensamentos e opiniões que a personagem tem de si. Esther está constantemente contando ao leitor suas impressões de si mesma, como ela se vê e quais são as suas crenças. Logo no início do livro, Esther revela que se sente desanimada, incapaz de controlar sua própria vida e de cumprir com suas obrigações e cansada. Esther afirma que só tinha sido completamente feliz até os nove anos de idade e faz listas de coisas que ela não sabe fazer. Com um forte sentimento de inadequação, Esther revela que está ficando cada vez mais difícil decidir fazer as coisas e que, quando ela finalmente decide, só consegue fazê-las pela metade. Fica evidente que a visão de si de Esther está bastante prejudicada. Ela vê a si mesma como extremamente defeituosa, incapaz, inadequada e infeliz. Crenças negativas de si mesmo são um dos maiores indicativos de depressão de acordo com Beck, Rush, Shaw e Emery (1997).

As coisas pioram muito quando Esther volta para a casa da mãe e descobre que não entrou na oficina de ficção em que se candidatou. A partir disso, Esther se sente ainda pior, pois se vê como uma fracassada. Em determinado momento, revela não ver motivo para se levantar e não ansiar por nada, se sente burra, incompetente e incapaz, e conta que não consegue dormir nem ler. Esther se identifica como inadequada, incapaz, cansada, burra e incompetente. Dos personagens analisados, Esther é a que apresenta uma visão de si mesma mais negativa. Diferentemente da maioria dos personagens, que estão sempre representando a diferença, falando sobre o outro e não sobre si, Esther passa a maior parte do tempo falando sobre si mesma, se avaliando e se definindo.

Suas auto avaliações são muito negativas, o que demonstra que a personagem está com um viés interpretativo disfuncional. Esther não consegue ver ou avaliar as situações de forma positiva, neutra ou funcional. Tudo o que ela vê são fracassos e motivos para desistir de tudo.

Esther começa a perder a preocupação com sua higiene pessoal e revela que já não lava o cabelo e não troca de roupa há três semanas. A ideia do absurdo de Camus aparece na seguinte passagem: *“E por que tudo que as pessoas faziam me parecia estúpido, uma vez que todo mundo morre no final”* (Plath, 2014, p. 145). Ver a morte como um motivo para não sentir prazer na vida é a ideia central de Camus (2008), que pode ser traduzida da seguinte forma: Por que fazemos tudo o que fazemos se, de qualquer forma, vamos morrer no final? A noção de absurdo é concluir que, por isso, a vida não faz sentido.

A crença de desesperança também fica evidente na personagem, e ela repete para si mesma: *“Você nunca vai chegar a lugar algum desse jeito, você nunca vai chegar a lugar algum desse jeito, você nunca vai chegar a lugar algum desse jeito”* (Plath, 2014, p. 164). A falta de autoconfiança é outro aspecto que fica bem evidente ao longo do livro.

O significado identificacional corresponde à visão de si. De modo geral, a visão de si mesmo é relevante quando pensamos em risco de suicídio. Mas não apenas a visão de si mesma, como também a visão de suas relações sociais, ou dos outros, e a visão do futuro. Esses conceitos foram adotados e desenvolvidos pela teoria cognitiva de Beck (1997) e se mostram importantes quando avaliamos os riscos de um paciente vir a cometer suicídio. Afinal, ao não gostar de si mesma, não gostar da vida e não acreditar em um futuro melhor, Esther fica desamparada. Além disso, as relações sociais mantidas pela personagem também não contribuem para a sua melhora, como veremos no tópico a seguir.

4.4.2 *Seria bom ter algo de errado no meu corpo, que antes ter o corpo doente do que a cabeça*

Esther é submetida a um tratamento de choque e, durante a experiência, ela é completamente assujeitada, pois não lhe explicam nada, ela sente dor e se pergunta “*O que é que eu tinha feito de tão terrível?*” (Plath, 2014, p. 160). Aqui aparece a representação do suicídio, da ameaça de suicídio, como algo terrível, como algo a ser tratado de qualquer forma, até mesmo com crueldade. Ao ser assujeitada, fica implícito que a pessoa com ideia suicida não merece explicações nem o mínimo cuidado e respeito. Esther perde seus direitos básicos.

Práticas discursivas e sociais estão, como postula Fairclough (2001), interligadas em uma relação dialética. Destinar à pessoa que tentou suicídio um tratamento desrespeitoso é uma prática social que sustenta e é sustentada por uma prática discursiva que não entende a pessoa que tentou suicídio como uma pessoa que merece ter seus direitos garantidos e respeitados. Se aquele que tentou suicídio é um pecador, alguém que cometeu um ato terrível, então ele não merece ser tratado com respeito e empatia.

Isso se observa na forma como pessoas que tentaram suicídio são recebidas nos serviços médicos de emergência, já que a equipe que recebe a pessoa geralmente exhibe condutas hostis e discriminatórias. Vidal e Gontijo (2013) entrevistaram 28 mulheres com histórico de tentativa de suicídio e constataram que, muitas vezes, os profissionais que atendem essas pessoas apresentam atitudes negativas. As mulheres entrevistadas relataram discriminação, descaso e desqualificação. Uma das entrevistadas contou ter ouvido a equipe dizer que aquilo era frescura, que tinham coisas mais importantes para fazer e que até dava vontade de matá-la de fato. A ideia de que o tempo dos profissionais de saúde poderia estar sendo melhor empregado também aparece em outras pesquisas (Taylor, Hawton, Fortune & Kapur, 2009).

Essa ideia carrega a representação da depressão enquanto frescura e do suicídio como uma forma de chamar a atenção. Por isso, profissionais de saúde consideram que cuidar de pessoas que tentaram suicídio é perda de tempo, pois eles poderiam estar empregando esse tempo com pessoas doentes de verdade, com problemas reais e que não estão ali apenas para chamar atenção.

Isso envolve também a desqualificação dos transtornos mentais, principalmente se comparados com doenças físicas. As práticas discursivas evidenciam que as pessoas têm mais facilidade para entender como doença uma sintomatologia física, e mais

dificuldade para validar sintomas psicológicos. Existe ampla evidência de que pessoas que apresentam comportamento autoagressivo se deparam com atitudes negativas por parte dos profissionais de saúde, seja por despreparo da equipe ou por dificuldade para compreender e lidar com pacientes suicidas (Taylor, Hawton, Fortune & Kapur, 2009).

Dando continuidade ao romance de Plath (2014), Esther passa a pensar constantemente em suicídio e a planejar sua morte. Inicialmente, cogita cortar os pulsos, depois pensa em tomar comprimidos, mas desiste de ambas as ideias. Começa a inserir o suicídio como tema de conversas e continua firme em seu plano de se matar, ela tenta se enforcar e se afogar. Ao pesquisar sobre a sua situação, ela conclui que não há cura, que se assemelha com os casos mais graves descritos nos livros de psicopatologia. Pensar na gravidade de seu quadro depressivo, faz Esther refletir que *“Quanto pior você ficava, mais longe eles te escondiam”* (Plath, 2014, p. 179). O suicida é representado como alguém que deve ser escondido. Essa representação está presente também na obra de Woolf, Mrs. Dalloway.

Apesar de ter plena consciência de seu estado emocional, Esther, assim como qualquer pessoa, não pode se ajudar sozinha. Por isso, uma rede social de apoio e tratamento profissional adequado são relevantes. Sobre a ajuda profissional, o que vemos acontecer com Esther possui semelhanças e diferenças do que acontece com Septimus, em Mrs. Dalloway. Se por um lado, a doença de Esther é reconhecida pelos profissionais de saúde mental, Septimus é o tempo todo alvo de dúvidas e de banalização. Porém, o ponto de convergência entre os personagens é que ambos recebem tratamento inadequado, o que causa ainda mais prejuízos.

Ao ler notícias de suicídios no jornal, Esther relembra que: *“Era o que minha mãe chamava de “folha de escândalos”, cheia de assassinatos, suicídios, espancamentos e assaltos, e em cada página havia uma mulher seminua com peitos pulando do vestido e pernas que revelavam o elástico das meias”* (Plath, 2014, p. 153). Dessa forma, o suicídio é visto como um escândalo, ao lado de assassinatos, espancamentos e assaltos.

Mais adiante, Esther conta que: *“Minha mãe havia dito que a cura para alguém que passava muito tempo pensando sobre si mesma era ajudar pessoas que estivessem em situação muito pior, e Teresa me arrumou uma vaga de voluntário no hospital local”* (Plath, 2014, p. 181). A fala da mãe de Esther revela que o suicida é representado como alguém que pensa demais em si mesmo, um egoísta, que não enxerga além dos próprios problemas. Além disso, surge novamente a desqualificação da depressão enquanto doença. Afinal, normalmente, não se recomendaria a alguém com uma doença

orgânica/física cuidar de pessoas em situação pior. Se algo não é considerado uma doença de fato, logo os tratamentos recomendados são alternativos.

Novamente, semelhanças entre Mrs, Dalloway e A Redoma de Vidro aparecem. A mãe de Esther, assim como a esposa de Septimus, vê o suicídio como algo vergonhoso e egoísta. Outra representação da mãe de Esther se equipara a uma afirmativa do médico de Septimus, de que a pessoa que pensa em suicídio precisa se ocupar e pensar menos em si mesma. Fica evidente, novamente, a responsabilização da pessoa por seu quadro.

Apesar da constante e intensa ideação suicida, Esther demonstra que quer ser ajudada e convencida a não se matar, cogitando virar católica, já que o suicídio é um “*pecado terrível*” (Plath, 2014, p. 184) para o catolicismo. Ao mesmo tempo, não se sente segura para falar sobre os seus planos de suicídio para os padres, porque, segundo ela, “*padres são fofoqueiros terríveis*” (Plath, 2014, p. 184), o que indica que ela própria tem vergonha de que as pessoas saibam o que ela tem pensado. Esther é a personagem que mais abertamente procura ajuda. É perceptível para o leitor o quanto a personagem está sozinha e acaba tornando-se responsável por buscar ajuda para si mesma.

Esther é internada após outra tentativa de suicídio e a enfermeira mente para ela afirmando que ela está cega. A mentira contada pela enfermeira parece ter a intensão de puni-la. Mais adiante, após quebrar um espelho no hospital, depois de ver seu reflexo nele, Esther é transferida para a ala psiquiátrica de outro hospital. Ao argumentar que gostava do hospital em que estava antes, a mãe de Esther diz que ela deveria ter se comportado melhor e não ter quebrado o espelho, ao que Esther avalia: “*Claro que eu sabia que o espelho não tinha nada a ver com aquilo*” (Plath, 2014, p. 197). A protagonista está insinuando que a transferência nada tem a ver com o espelho quebrado, mas sim, com sua tentativa de suicídio.

Em dois momentos a mãe de Esther insinua que a filha está se comportando mal e que é falta de bom comportamento o que ela está fazendo, semelhante a uma birra ou uma provocação. Novamente vemos a responsabilidade ser transferida da doença para a pessoa. Vale lembrar a fala de Werther que afirmava que culpar o doente mental se equipara a culpar alguém que está com febre. O que Werther diria para o médico de Septimus ou para a mãe de Esther, ambos responsabilizando o paciente por seus sentimentos e pensamentos?

Ao interagir com outras pessoas internadas na ala psiquiátrica, Esther se dá conta de que sua presença gera desconforto até mesmo ali. Quando conta para uma das internas que ela tentou se matar, a reação da mulher é seguinte: “*A mulher me encarou. Então*

pegou bruscamente uma revista de fofocas da mesa de cabeceira e fingiu estar lendo” (Plath, 2014, p. 198). Com isso, observa-se que o suicida é retratado como incomum até mesmo entre os incomuns. O suicídio é a loucura em seu estado mais extremo e todos querem manter distância daquele que tentou suicídio, quase como se fosse contagioso ou inaceitável demais. Quando pensamos em significado representacional, o suicida é o ponto mais extremo, a pior das atitudes, a diferença mais evidente. Todos querem se distanciar da pessoa que está falando sobre suicídio. Isso aparece, principalmente, em *Os Demônios*.

Em uma conversa com a mãe, Esther pede que ela a tire do hospital, ao que a mãe responde: *“Está bem, vou tentar te tirar daqui, mas só se for para um lugar melhor. Se eu tentar fazer isso – ela continuou, colocando a mão no meu joelho –, você promete que vai se comportar?”* (Plath, 2014, 201). O suicida, nesse recorte, é representado como alguém que não se comporta bem, que é imprudente e teimoso. A mãe de Esther parece estar recriminando-a novamente, como se sua atitude fosse algo a ser repreendido e julgado.

Mais adiante, Esther reflete *“Quis dizer a ela que seria bom ter algo de errado no meu corpo, que antes ter o corpo doente do que a cabeça”* (Plath, 2014, p. 204). A fala da personagem revela o descrédito que é dado aos seus sentimentos, revelando que seria mais fácil ter uma doença física, que pudesse ser observada e constatada por todos. A depressão, enquanto uma doença psicológica, não pode ser vista e, conseqüentemente, é subestimada. Novamente, a fala de Werther cabe nesse trecho. Em 1774, Goethe questionou a falta de credibilidade dada a quem sofre de uma enfermidade não observável, uma doença psicológica, e em 1963, outro livro faz a mesma denúncia.

Em outra conversa com a mãe, Esther conta que *“Minha mãe disse que eu devia ser grata a ela. Que eu havia usado quase todo o seu dinheiro e que se não fosse pela senhora Guinea ela não sabia onde eu teria ido parar”* (Plath, 2014, 208). Na fala, Esther é referida como um gasto, sua tentativa de suicídio é um inconveniente, pois gerou gastos financeiros. O suicida é um inconveniente.

O seguinte trecho: *“estaria sempre sob a mesma redoma de vidro, sendo lentamente cozida em meu próprio ar viciado”* (Plath, 2014, p. 208), representa a depressão como uma redoma de vidro, sempre em torno da pessoa, invisível. A associação entre depressão e uma redoma de vidro ficou famosa depois da publicação do romance e condiz com a fala anterior da personagem, que deseja ter uma doença física que possa ser vista pelas pessoas e, conseqüentemente, inquestionável.

Esther é internada outra vez para dar prosseguimento ao tratamento. Desta vez, porém, as instalações são melhores e a médica é muito mais empática. Em uma visita de sua mãe, Esther pensa: “*Minha mãe era a pior. Ela nunca me censurava, mas ficava implorando, com uma expressão de sofrimento, que eu dissesse o que ela tinha feito de errado*” (Plath, 2014, p. 227). O pedido da mãe de Esther revela que ela se culpa pelas tentativas de suicídio da filha.

O livro termina no dia em que Esther deixará o hospital e voltará à liberdade. Esther está com medo de a redoma de vidro voltar, mas tem planos e entende que a redoma é parte dela e que ela nunca saberá se voltará a se fechar em torno dela ou não.

As principais representações de suicídio que aparecem em *A Redoma de Vidro* são: escândalo, terrível, vergonha, esconder, egoísmo, imprudência, teimosia e inconveniente. Durante todo o livro, o suicida é retratado de forma muito negativa, o que faz com que o estado emocional de Esther piore ainda mais, pois frequentemente a estão julgando, condenando e responsabilizando.

Um dos debates mais relevantes trazidos por Plath (2014) é sobre a desqualificação da depressão enquanto doença. Ainda vivemos sob a influência do modelo biomédico, logo, tudo aquilo que não pode ser observado ou revelado em exames laboratoriais é questionado. A autora retrata o sofrimento causado por esse descrédito nos vários momentos em que Esther é questionada, desqualificada e a seriedade de seu quadro depressivo é minimizada. Além disso, a personagem também vive momentos de humilhação por parte dos profissionais que a atendem, demonstrando que, mesmo entre aqueles que deveriam entender seu quadro, ainda há resistência e atitudes negativas. Além disso, os comportamentos suicidas de Esther são negociados, como no momento em que a mãe dela promete tirar ela da internação desde que ela prometa se comportar.

4.5 A interdiscursividade nos romances e a função discursiva dos autores

Há muitos discursos acontecendo simultaneamente nos romances analisados. Em *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, há duas visões opostas que aparecem, em *Os Demônios* essas oposições também são trabalhadas. Já em *Mrs. Dalloway*, há o discurso suicida mais evidente, o discurso médico e o discurso daqueles que se encontram mais próximos das pessoas que revelam ideação suicida, semelhante ao que encontramos em *A Redoma de Vidro*. Quando analisamos discursos romanescos, precisamos nos atentar à mensagem que a obra deseja passar.

Em pelo menos duas das quatro obras analisadas, *Os Sofrimentos do Jovem Werther* e *Mrs. Dalloway*, os autores parecem querer mostrar o quão ineficaz e perigoso é ignorar ou minimizar a importância das falas que revelam ideação suicida. Afinal, em ambos os romances, os suicídios dos personagens se concretizam depois de muito se duvidar e se questionar suas reais intenções.

As representações do suicídio são exploradas nas quatro obras. Em duas, *Mrs. Dalloway* e *A Redoma de Vidro*, o saber médico é questionado e nessas mesmas duas obras as representações familiares são evidenciadas, na primeira a partir dos pensamentos da esposa de Septimus, e na segunda por parte das falas da mãe de Esther. Em *Os Demônios* vemos a distinção entre o tratamento destinado a pessoas que revelam suas intenções suicidas e pessoas que já cometeram suicídio, além de refletirmos sobre o espetáculo que o ato se torna depois de consumado.

Assim, cada obra, à sua maneira, explora aspectos relacionados ao suicídio. Apesar de ser uma tarefa que exige cuidado e atenção, não é exatamente difícil identificar a função discursiva dos próprios autores. Em três das quatro obras, *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, *Mrs. Dalloway* e *A Redoma de Vidro*, essa função discursiva é bem mais evidente: problematizar o silenciamento, o distanciamento e o ato de atribuir pouca importância aos indícios de que uma pessoa está pensando em tirar a própria vida. Se pudéssemos definir em uma única frase o que Goethe, Woolf e Plath estão querendo dizer, a frase seria: Prestem atenção e se importem.

Dostoiévski é um escritor difícil de ser encontrado em suas obras. Isso se explica pelo o que Bakhtin (1981) chamou de polifonia. Para o autor, Dostoiévski é o criador do chamado romance polifônico, ou seja, um romance em que muitas vozes aparecem e nenhuma é a do autor. Bakhtin afirma que Dostoiévski foi o primeiro autor a conseguir compor personagens completos que não servem apenas para reafirmar as opiniões do próprio autor, mas que falam por si mesmos.

O próprio Dostoiévski reconhecia essa característica em si mesmo desde seu primeiro romance. Ao ser criticado por sua escrita prolixa, o autor, que tinha acabado de publicar seu primeiro romance, *Gente Pobre* (2009), afirmou que as pessoas não entendiam que não era ele que estava falando no romance, mas seu personagem, logo, não fazia sentido acusá-lo de ser prolixo se era seu personagem quem falava e não ele.

Mesmo assim, uma coisa fica clara na obra de Dostoiévski. No trecho em que vemos um grupo de pessoas visitar o cômodo onde se encontra o corpo de um jovem que cometeu suicídio recentemente, o autor tem intenção de satirizar o espetáculo que se faz

do ato, e faz questão de contrapor isso com a resistência de alguns personagens em estarem na presença de Kirillov.

Porém, para melhor entender a função discursiva do próprio Dostoiévski, precisaremos compreender melhor suas próprias opiniões e o contexto social em que se encontrava quando escreveu *Os Demônios*. Na verdade, essa não é a única obra em que Dostoiévski aborda o assunto. Esse tema é recorrente na obra do autor, o que revela uma genuína preocupação com o ato por parte do russo. O desejo de Dostoiévski, em *Os Demônios*, era mostrar os prejuízos e as problemáticas envolvidas nesses movimentos niilistas, dentre eles: assassinatos, manipulações, violência psicológica e o próprio suicídio.

Por que o suicídio era um tema de interesse para os autores é outra questão interessante. Woolf e Plath estavam envolvidas com a temática do suicídio, pois elas mesmas conviviam com essa possibilidade. Ambas acometidas por episódios depressivos intensos, é de se imaginar que pensamentos suicidas tenham sido recorrentes nas vidas das duas. Como já observado, o suicídio foi um tema de interesse comum na Rússia de Dostoiévski, quando alcançou números alarmantes e acabou chamando a atenção dele e de outros autores da época. Já Goethe parece ter se interessado pelo tema quando um amigo, Karl Wilhelm, também por estar apaixonado por uma jovem comprometida, atirou em sua própria cabeça e morreu.

Goethe e Dostoiévski experimentaram um repentino interesse pelo tema após ficarem sabendo de casos reais de suicídio. Isso evidencia o quanto o suicídio é um assunto impactante e capaz de mudar a vida, ou ao menos os interesses, de uma pessoa. Um suicídio, mesmo quando de um amigo distante, um companheiro de prisão ou até um desconhecido, é um evento tão desconcertante que fez com que esses autores se dedicassem a escrever obras que chamassem atenção para o tema e alertassem sobre questões relacionadas.

Em todos os casos, a função discursiva dos autores parece ser alertar e chamar a atenção para a questão do suicídio, seja enquanto ato conseqüente de um amor não correspondido, de uma experiência traumática na guerra, de um quadro depressivo ou de uma teoria própria que serve aos interesses de um grupo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível notar que as questões e as representações veiculadas pelos autores nas obras analisadas servem para gerar reflexão nos leitores. A intensão das quatro obras analisadas é fazer com que os leitores pensem sobre a temática do suicídio e reflitam sobre as formas como as práticas e os discursos sobre suicídio estão constituídos. Nas quatro obras analisadas percebemos a intenção de problematizar representações e discursos limitantes e silenciadores.

Retomando Fairclough (2001), que reconhece a capacidade de as pessoas atuarem como agentes e não apenas como reprodutores do discurso, reconhecemos que Goethe, Dostoiévski, Woolf e Plath mostraram novas possibilidades de discurso, demonstrando inquietação com os discursos que estavam postos sobre suicídio

Goethe se preocupou em trazer discussões que refletissem debates reais sobre o suicídio e problematizou principalmente o excesso de julgamento que se faz do ato e a consequente falta de empatia com quem revela intensão suicida. Dostoiévski caminha pelo âmbito mais social e, preocupado com as organizações políticas de sua época, ele mostra até que ponto as pessoas podem ser influenciadas socialmente. Por meio de um personagem consideravelmente complexo e visivelmente perturbado, o russo demonstra o poder da coesão social.

Woolf, por sua vez, discorreu principalmente sobre a minimização do sofrimento e a banalização do desejo suicida. A autora também demonstrou como o silenciamento imposto àqueles que estão pensando em tirar a própria vida pode ser fatal. Com base em suas próprias experiências, a autora, a quem foi incansavelmente recomendado parar de pensar em si mesma e repousar (Lemasson, 2012), também tece críticas à postura médica frente ao risco de suicídio. Plath, em sua obra, elabora um retrato do que é ter depressão, especialmente inspirada em sua própria experiência. A preocupação da autora é retratar a evolução do quadro depressivo até o ponto em que a ideação suicida aparece.

Diferentes motivações para o suicídio são retratadas nas obras. Werther é motivado pelo sofrimento causado pelo amor intenso e proibido que sente por Lotte. Kirillov acredita que, se matando, ele se tornará Deus. Logo, sua motivação vem de uma ideia delirante. O personagem é apresentado como alguém que não está em sofrimento. Dessa forma, suas motivações são menos óbvias do que as motivações dos demais personagens.

Septimus e Esther possuem motivações semelhantes. Ambos os personagens dão indícios de que estão passando por episódios depressivos, com tristeza profunda, apatia e, no caso de Septimus, alucinações. Vale lembrar que as criadoras desses dois personagens, Woolf e Plath, também viveram episódios depressivos e vieram a cometer suicídio. É provável que as autoras se inspiraram em suas experiências pessoais com a depressão para comporem os personagens.

Os livros analisados são ricos em demonstrar os processos que levam uma pessoa a se matar. Por outro lado, das obras que compõem esse estudo, nenhuma se empenhou em expor questões relacionadas à posvenção. Nos três romances em que o suicídio é consumado, as histórias terminam pouco depois que a morte acontece. *Os Sofrimentos do Jovem Werther* e *Mrs. Dalloway* até mostram o choque inicial que acomete as pessoas que são próximas ao suicida, mas o processo de luto como um todo não é explorado, pois os romances chegam ao fim antes que esse processo possa ser demonstrado.

As obras que compõem essa pesquisa possuem distribuição mundial e ajudam a pensar a morte autoinfligida para além do ato. Uma notícia sobre suicídio no jornal constitui apenas mais um número, ou pior, mais um espetáculo a ser olhado com curiosidade e espanto. Já a literatura possui a capacidade de aproximar as pessoas de questões que, geralmente, não nos aproximamos. A leitura de um romance faz com que o leitor crie um vínculo muito singular e diferenciado com o personagem. Assim, o suicídio na literatura não é apenas mais um, é uma história, uma pessoa, um sofrimento. Acompanhar Werther em seu lento sofrimento é doloroso, assim como é angustiante assistir as tentativas de se matar de Esther, ou observar Septimus sendo ignorado e negligenciado. E como é sombrio ver o suicídio de Kirílov servir como instrumento de ação dos seus colegas de sociedade.

O suicídio na literatura é um alívio, um respiro, uma forma de resistir ao silenciamento. Permite que pessoas distantes do tema se aproximem e ajuda no desenvolvimento de um olhar mais humano e empático para com essas pessoas. Quando uma pessoa se suicida, ou ela vira uma manchete curta no jornal, ou, no caso de personalidades famosas, um espetáculo, uma investigação e uma reportagem, muitas vezes sensacionalista, no jornal de televisão. A literatura é diferenciada nesse sentido, pois nos permite ir mais a fundo e olhar o ato mais de perto, fazendo com que olhemos para a pessoa que cometeu suicídio não como um suicida apenas, mas como um ser humano. Assim como considera Deleuze (2009), a literatura abre o pensamento para

experimentações. E é dessa forma também que ela atua quando se apropria de discursos sobre o tema.

As muitas formas de representar o suicídio identificadas nas quatro obras analisadas demonstram que esse é um tema muito complexo e que não pode ser definido de forma exata, não cabe em uma única definição e não possui uma única causa. O desejo aqui não é julgar as representações, mas sim debater e refletir de que modo a leitura dessas obras nos permite pensar o suicídio. O discurso que constrói o objeto suicídio não é um discurso pronto, estático e imutável, é um discurso plural, tão complexo quanto o objeto ao qual se refere. Qualquer esforço no sentido de definir o suicídio é em vão. O que importa é termos meios de dialogar sobre o tema.

Se a função dos analistas críticos do discurso é evidenciar a importância da linguagem para a produção, a manutenção e a mudança nas relações de poder, o que fica visível aqui é como a literatura constitui diálogos que se permitem ser plurais e não taxativos. Minimizar o sofrimento de Septimus não impediu que ele se matasse, fingir que não havia nada a temer também não impediu que Werther atirasse em si mesmo. São esses saberes que precisamos fazer prevalecer, superando discursos reducionistas que enchem de adjetivos as pessoas que se matam, mas que não fazem nada para mudar esse cenário. É preciso que todos os suicídios sejam olhados da forma como olhamos para Esther, em toda a sua complexidade.

Goethe, em 1774, colocou em perspectiva debates que estamos fazendo ainda hoje. Por que não estamos avançando? Por que as nossas questões a respeito do suicídio são as mesmas de mais de 200 anos atrás? Resgatando novamente Deleuze, o exercício de escrita e de reflexão que apresento aqui é um devir, não se encerra ao fim dessa dissertação e acredito que jamais se encerrará. Meu desejo é gerar inquietação assim como senti a inquietação durante toda essa pesquisa. Os debates sobre suicídio são extremamente limitados e, quando existem, trazem consigo diversos preconceitos e limitações. A literatura ficcional provou ser uma forma eficaz de refletir sobre esse assunto e sua importância não deve ser subestimada.

Nas obras analisadas, encontramos passagens que questionam e refletem, que inquietam o leitor, humanizam o suicida e suavizam os preconceitos, que retratam e colocam em questão noções de sofrimento, sanidade e loucura, que problematizam a banalização, a minimização e criticam a desumanização. A literatura não responde as dúvidas que possuímos sobre suicídio, mas abre caminho para uma reflexão mais ampla e humanizada.

Quando analisamos os personagens à luz do referencial teórico da TCC e do modelo cognitivo dos atos suicidas, percebemos que a maioria dos personagens possuía uma tríade cognitiva disfuncional, em que eram afetados principalmente a visão de si e a visão de futuro, ocasionando em desesperança. Além disso, a maioria dos personagens também possui rigidez cognitiva e déficit na resolução de problemas.

As obras permitem refletir sobre o suicídio enquanto fuga, enquanto fim do sofrimento e enquanto escolha. O suicídio como espetáculo também foi mostrado, assim como o suicídio enquanto comportamento a ser escondido, negado e silenciado. O suicida foi retratado como sofredor, como doente, como estorvo, como dramático, como louco e como motivo de vergonha. Tudo isso em um plano crítico, questionador e reflexivo.

Não avançamos muito desde 1774. Na verdade, me entristeço em perceber que avançamos muito pouco no que diz respeito aos debates sobre esse assunto, mas não considero que essas obras foram escritas em vão, pois acredito que continuam servindo de alerta, mas também de comparativo, para que possamos perceber que precisamos continuar trabalhando para construir uma sociedade mais acolhedora, com pessoas mais empáticas e práticas discursivas e sociais menos limitadas e taxativas.

Se a relação entre discursos e saberes é dialética, como postula a ACD, precisamos ampliar os debates e os diálogos. O silenciamento faz com que as representações e os discursos reducionistas continuem fortes. Acima de tudo, essa pesquisa é um apelo à comunidade científica, aos pesquisadores e aos profissionais de saúde mental para que assumam a responsabilidade de produção e socialização de discursos que gerem saúde. Enquanto membros da comunidade acadêmica, não estamos imunes aos tabus sociais. Perceber e se revoltar contra nossas próprias limitações é o primeiro passo.

REFERÊNCIAS

- Abreu, K. P. de, Lima, M. A. D. da S., Kohlrausch, E. & Soares, J. F. (2010). Comportamento suicida: fatores de risco e intervenções preventivas. *Revista Eletrônica de Enfermagem*. 19512(1):195–200.
- Adorno, T. (2003). *Notas de literatura I*. Trad. e apresentação de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas cidades/34.
- Alighieri, D. (2017). *A Divina Comédia*. Trad. de Xavier Pinheiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Publicado originalmente entre 1304 e 1321).
- Almeida, A. F. (2000). Efeito de Werther. *Análise Psicológica*, 18(1), 37-51.
- Alvarez, A. (1999). *O Deus Selvagem: Um estudo do suicídio*. Trad. De Sônia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras.
- American Psychiatric Association (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5* (5. ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Andriessen, K., & Krysinska, K. (2012). Essential questions on suicide bereavement and postvention. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 9(1), 24-32.
- Antunes, L. Z. (1998). Teoria da narrativa: o romance como epopeia burguesa. In: *Estudos de literatura e linguística*. São Paulo: Arte e Ciência; Assis: FCL/Unesp.
- Araujo, D. T. da C. (2011). O cânone literário em perspectiva: o caráter político em detrimento do estético. *Via Litterae*. Anápolis, v. 3, n. 2, p. 415-434.
- Bakhtin, M. (1981). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Ed.Forense-Universitária.
- Bakhtin, M. (1988). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec.
- Bakhtin, M. (2006). *Estética da Criação Verbal*. Trad. de Paulo bezerra. São Paulo: Martins Fontes.
- Ballesteros et. al (2010). El suicidio en la juventud: una mirada desde la teoría de las representaciones sociales. *Revista Colombiana de Psiquiatría*, 39(3), 522-543.
- Barbagli, M. (2019). *O Suicídio no Ocidente e no Oriente*. Tradução de Federico Carotti. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bartlett, R. (2013). *Tolstói: a biografia*. Trad. de Renato Marques. São Paulo: Globo. (Publicada originalmente em 2010).
- Batista, P., & Santos, J. C. (2014). Processo de luto dos familiares de idosos que se suicidaram. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental* (12), 17-24.

- Bauman, Z. & Mazzeo, R. (2020). *O Elogio da Literatura*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar.
- Beck, A. T., Rush, A. J., Shaw, B. F., Emery, G. (1997). *Terapia Cognitiva da Depressão*. Porto Alegre: Artmed.
- Beck, A. T., Rector, N. A., Stolar, N., Grant, P., & Knapp, P. (2009). *Terapia Cognitiva da Esquizofrenia*. Porto Alegre: Artmed.
- Beck, J. S. (1997). *Terapia Cognitiva: Teoria e Prática*. Porto Alegre: Artmed.
- Berger, P. L.; Luckmann, T. (2004). *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Bertolote, J. (2000). *Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da saúde em atenção primária*. Genebra: OMS.
- Bertolote J.M. & Fleischmann A. (2002). Suicide and psychiatric diagnosis: a worldwide perspective. *World Psychiatry*. 1(3):181-5.
- Bertolote, J. M., Mello, C. S. & Botega, N. J. (2010). Detecção do risco de suicídio nos serviços de emergência psiquiátrica. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. São Paulo.
- Blanchot, M. (2011). *O espaço Literário*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- Borges, V. R.; Werlang, B. S. G. (2006). Estudo de ideação suicida em adolescentes de 15 a 19 anos. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 11, n. 3, p. 345-351.
- Boxall, P. (2010). *1001 Livros para Ler Antes de Morrer*. Trad. de Ivo Korytowski, Marcelo Mendes e Paulo Polzonoff Jr. Rio de Janeiro: Sextante.
- Braga L.L. & Dell'Aglio D.D. (2013). Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. *Contextos Clínicos* 2013; 6(1), 2-14.
- Brontë, E. (2016). *O Morro dos Ventos Uivantes*. Trad. De Adriana Lisboa e Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar.
- Buckley, N. A., Gunnell, D. (2007). Does restricting pack size of paracetamol (acetaminophen) reduce suicides? *Plos Medicine*. 4(4):e152.
- Camus, A. (2008). *O mito de Sísifo*. Trad. De Ari Roitman e Paulina Watch. 6. ed. Rio de Janeiro: Record.
- Campos, G. W. S. (2000). Saúde pública e saúde coletiva: campo e núcleo de saberes e práticas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 5(2):219-230.
- Cândido, A. C. (2000). *Literatura e Sociedade. Grandes nomes do Pensamento Brasileiro*. 8ª Ed. São Paulo: T. A.

- Cantão, L. & Lappann Botti, N. C. (2017). Representação social do suicídio para pessoas com problemas relacionados ao uso de drogas. *Avances en Enfermería*, 35(2), 148-158.
- Cantor, C. H., Baume, P. J. M. (1998). Access to methods of suicide: what impact? *The Australian and New Zealand journal of psychiatry*. 32(1):8-14.
- Carpeaux, O. M. (2015). *A História Concisa da Literatura Alemã*. São Paulo: Faro Editorial.
- Cassorla, R. M. S. (1984). *O que suicídio*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense.
- Castagnino, R. H. (1968). *Análise Literária*. São Paulo: Mestre Jou.
- Chouliaraki, L. & Fairclough, N. (1999). *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh, England: Edinburgh University Press.
- Concelho Federal de Medicina/Associação Brasileira de Psiquiatria. (2014). *Suicídio: informando para prevenir / Associação Brasileira de Psiquiatria, Comissão de Estudos e Prevenção de Suicídio*. Brasília: CFM/ABP.
- Conselho Federal de Psicologia (CFP) (2013). *O suicídio e os desafios para a psicologia*. Brasília: CFP.
- Coronel, M. K. & Werlang, B. S. G. (2010). Resolução de Problemas e Tentativa de Suicídio: Revisão Sistemática. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, vol. 6, n. 2.
- Correia, C. M., et. al (2014). *Representations about suicide of women with history of domestic violence and suicide attempt*. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 23(1), 118-125.
- Deleuze, G. (1997). *Crítica e Clínica*. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G. (2009). *Diferença e Repetição*. Trad. de Machado e Orlandi. Rio de Janeiro: Graal.
- Deleuze, G. (2013). *Conversações (1972-1990)*. Trad. de Peter Pál Pelbart. 3ª ed. São Paulo: Editora 34.
- Dias, M. L. (1991). *Suicídio: testemunhos de adeus*. São Paulo: Brasiliense.
- Döblin, A. (2006). O romance histórico e nós. *História, questões e debates*, Curitiba, n. 44, ano 23, p. 20.
- Dobson, K. S. & Block, L. (1988). Historical and philosophical bases of the cognitive-behavioral therapies. Em: K. S. Dobson (Orgs.). *Handbook of cognitive-behavioural therapies* (pp. 3-38). New York: Guilford.

- Dobson, K. S. & Scherrer, M. C. (2004). História e futuro das terapias cognitivo-comportamentais. Em: P. Knapp (Org.) *Terapia cognitivo-comportamental na prática psiquiátrica* (pp. 42-57). Porto Alegre: Artmed.
- Dostoiévski, F. (2018). *Os Demônios*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34. (Originalmente publicada em 1871).
- Dostoiévski, F. (2018). *Contos Reunidos*. Trad. de Priscila Marques e outros. São Paulo: Editora 34.
- Dostoiévski, F. (2009). *Gente Pobre*. Trad. de Fátima Bianchi. São Paulo: Editora 34. (Originalmente publicada em 1846).
- Durkheim, É. (2000). *O suicídio: estudo de sociologia*. Trad. de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes.
- Eco, H. (2018). *Confissões de um jovem romancista*. Trad. de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record.
- Emerson, C. (1985). The Tolstói Connection in Bakhtin. *Modern Language Association*, vol. 100, n 1,
- Fairclough, N. (1989). *Language and power*. London: Longman.
- Fairclough, N. (2001). *Discurso e Mudança Social*. Trad. de Izabel Mabalhães. Brasília: Universidade de Brasília.
- Fairclough, N. (2010). A Dialética do Discurso. *Revista Teias* v. 11, n. 22, p. 225-234.
- Fairclough, N. (2003). *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge.
- Falcone, E. M. O. (2006). As bases teóricas e filosóficas das abordagens cognitivo-comportamentais. Em: A. M. Jacó-Vilela; A. A. L. Ferreira & F. T. Portugal (Orgs.). *História da Psicologia. Rumos e percursos* (pp. 195-214). Rio de Janeiro: Nau Editora.
- Fehér, F. (1972). *O romance está morrendo?* Trad. de Eduardo Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Ferreira, H. M. (2007). *A literatura na sala de aula: uma alternativa de ensino transdisciplinar*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Ferreira Jr., A. (2016). *Discursos nos comentários sobre notícias de suicídio da internet a partir de três estudos de casos*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal da Bahia.
- Frederico, C. (2005). A sociologia da literatura de Lucien Goldmann., São Paulo: *Revista Estudos Avançados*, v. 19, n. 54.

- Freire, J. C. (2008). Literatura e psicologia: a constituição subjetiva por meio da leitura como experiência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 60, n. 2.
- Fukumitsu, K. O., & Kovács, M. J. (2016). Especificidades sobre processo de luto frente ao suicídio. *Psico*, 47(1), 3-12.
- Gergen, K. J. (1994). *Realities and relationships: soundings in social construction*. Cambridge: Harvard University Press.
- Goldmann, L. (1976). *A Sociologia do Romance*. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Goldmann, L. (1972). *A Criação Cultural na Sociedade Moderna*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- Goldmann, L. (1967). *Dialética e Cultura*. Trad. de Luís Fernando Cardoso, Carlos Nelson Coutinho e Giseh Vianna Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Goethe, J. W. V. (2014). *Os Sofrimentos do Jovem Werther*. Trad. de Claudia Cavalcanti. São Paulo: Martin Claret. (Originalmente publicada em 1774).
- Gunnell, D., & Frankel, S. (1994). Prevention of suicide: Aspirations and evidence. *British Medical Journal*, 308, 1227-1233.
- Hambrich M., Nemes B., Soare R. & Cozman D. (2017). Impulsivity as a risk factor for suicidality in depressed patients. *Eur Psychiatry. Elsevier Masson SAS*; 41:S294–5.
- Hawton K. (2007), Restricting access to methods of suicide rationale and evaluation of this approach to suicide prevention. *Crisis*. 28:4-9. 18.
- Howard, J. A.; Hollander, J. (1997). *Gendered situations, gendered selves*. London: Sage.
- Humphrey, R. (1954). *Stream of Consciousness in the Modern Novel*. Berkeley, CA: Univ. of California Press.
- Hwang, E.; Kovács, M. J. (2019). Suicídio por contágio e o papel das mídias de comunicação em massa. *Rsvista M*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 77-100.
- Ianni, O. (1997). *Sociologia e Literatura*. Campinas-SP: IFCH/Unicamp.
- Iser, W. (2013). *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UERJ.
- Knapp, P., Beck, A. T. (2008). Fundamentos, modelos conceituais, aplicações e pesquisa da terapia cognitiva. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 30 (supl II); 54-64.
- Kopp-Bigault, C., Walter, M. & Thevenot, A. The social representations of suicide in France: An inter-regional study in Alsace and Brittany. *International Journal of Social Psychiatry* Vol. 62(8) 737–748.

- Krug, E. G., et al. (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra: OMS.
- Kukil, K. V. (2017). *Os Diários de Sylvia Plath: 1950-1962*. Trad. de Celso Nogueira. São Paulo: Biblioteca Azul. (Obra original publicada em 2000).
- Kundera, M. (2016). *A Arte do Romance*. Trad. de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lemasson, A. (2012). *Virginia Woolf*. Trad. de Ilana Heinberg. Porto Alegre: L&PM Pocket.
- Lima, L. C. (2002). *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Lopes, S. L. S. (2007). *Leis morais e saúde mental: Um estudo da terceira parte do livro dos espíritos*. 5.ed. Porto Alegre: Francisco Spinelli.
- Lukács, G. A. (2000). *Teoria do Romance*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34.
- Lukács, G. (1968). *Introdução a uma Estética Marxista*. Trad. de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Marín-León, L. & Barros, M. B A. (2003). Mortes por suicídio: diferenças de gênero e nível socioeconômico. *Revista de Saúde Pública*, 37(3), 357-363.
- Marquetti, F. R., & Marquetti, F. C. (2017). Suicídio e feminilidades. *Cadernos Pagu*, (49), e174921. 07.
- Marquetti, F. C., Kawauchi, K. T. & Pleffken, C. (2015). O suicídio, interditos, tabus e consequências nas estratégias de prevenção. *Revista Brasileira de Psicologia*, 02(01), Salvador, Bahia.
- Marx, K. (2006). *Sobre o suicídio*. Trad. Rubens Enderle e Francisco Fontanella. São Paulo: Boitempo.
- Marx, K.; Engels, F. (1971). *Escritos sobre Literatura*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina.
- Medeiros, H. L. V. & Sougey, E. B. (2010). Distorções do pensamento em pacientes deprimidos: frequência e tipos. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, vol. 59, n 1, 28-33.
- Moisés, M. (1966). *A Criação Literária*. São Paulo: Cultrix.
- Melo, I. F. (2009). Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura* Ano 05 n.11.
- Melo, M. A. de. (2015). *Matéria e Ilusão: Sociedade e Literatura em Balzac e Marx*. (Dissertação) – Mestrado em Sociologia. Universidade Federal do Amazonas.

- Mello, C. J. A.; Oliveira, V. S. (2013). Romance: Gênero Problemático ou Ambivalente? *Todas as Letras*, v. 15, n. 1.
- Mello, I. F. de. (2009). Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso: Desdobramentos e Intersecções. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*. Ano 05, n 11.
- Meyer, M. (2001). Between theory, method, and politics: positioning of the approaches to CDA. In: WODAK, Ruth & MEYER, Michael (ed). *Methods of critical discourse analysis*. London, New Delhi, Sage, p.14-31.
- Minayo, M. C. S. (2006). *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 9ª edição revista e aprimorada. São Paulo: Hucitec.
- Morais, Sílvia Raquel Santos de, & Sousa, Geida Maria Cavalcanti de. (2011). Representações sociais do suicídio pela comunidade de dormentes - PE. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(1), 160-175.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Motta, S. V. (2006). *O Engenho da Narrativa e sua Árvore Genealógica: Das Origens a Graciliano Ramos e Guimarães Rosa*. 1.ed. São Paulo: Editora UNESP.
- Nery L. J. (2013). *O comportamento suicida e a religiosidade: revisão sistemática de literatura*. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Netto, N. B. (2007). *Suicídio: Uma Análise Psicossocial a partir do Materialismo Histórico Dialético*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Nogueira, C. (2001). Contribuições Do Construcionismo Social A Uma Nova Psicologia Do Gênero. *Cadernos de Pesquisa*, nº 112.
- Oliveira, A. F. A. (2009). Fluxo de consciência, psicologia, literatura, teatro: um início de conversa. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS): *Cena em Movimento*, edição n. 1.
- Oliveira, A. E. F.; Silva, S. B. (2017). Lukács, a compreensão da realidade e a teoria do romance. *Revista Desenredos*, ano IX, n 26.
- Organização Mundial da Saúde (OMS). (2000). *Prevenção do Suicídio: Um Manual para Profissionais da Saúde em Atenção Primária*. Genebra.
- Organização Mundial da Saúde (OMS). (2000). *Prevenção do Suicídio: Um Manual para Profissionais da Mídia*. Genebra.
- Orlandi, E. P. (1987). *A Linguagem e seu Funcionamento: As Formas do Discurso*. Campinas: Ed. Pontes.

Parker, I. (1992). *Discourse Dynamics: Critical Analysis for Social and Individual Psychology*. London: Routledge.

Pires, M. C. C., Raposo, M. C. F., Pires, M., Sougey, E. B. & Bastos Filho, O. C. (2012). Stressors in attempted suicide by poisoning: a sex comparison. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, 34(1), 25-30.

Plath, S. (2014). *A Redoma de Vidro*. Tradução de Chico Mattoso. São Paulo: Biblioteca Azul. (Originalmente publicada em 1963).

Pound, E. (1997). *ABC da Literatura*. 12^a ed. São Paulo: Cultrix.

Potter, J.; Wetherell, M. (1987). *Discourse and social psychology: beyond attitudes and behaviour*. London: Sage.

Puente, F. R. (2008). *Os filósofos e o suicídio*. Belo Horizonte: UFMG.

Quevedo J.; Carvalho A. F. (2014). *Emergências psiquiátricas*. 3.ed. Porto Alegre: Artmed.

Ramôa AFAS, Soares C, Castanheira J, Sequeira J, Fernandes N & Azenha S. (2017). Comportamentos suicidários: caracterização e discussão de fatores de vulnerabilidade. *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*; 33(5), 321-332.

Ribeiro D.B., Terra M.G., Soccol K.L.S., Schneider J.F., Camillo L.A. & Plein F.A.S. (2016). Motivos da tentativa de suicídio expressos por homens usuários de álcool e outras drogas. *Revista Gaúcha de Enfermagem*; 37(1), e54896

Rocha, S. N. (2015). *Relações Sociais no Romance Dois Irmãos de Milton Hatoum*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Amazonas.

Rodrigues, D. S. (2015). *O suicídio no conto brasileiro contemporâneo*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe.

Santos, S. A., Legay, L. F. & Lovisi, G. M. (2013). Substâncias tóxicas e tentativas e suicídios: considerações sobre o acesso e medidas restritivas. *Caderno de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 21(1), 53-61.

Santos, S. A., Lovisi, G., Legay, L. & Abelha, L. (2009). Prevalência de transtornos mentais nas tentativas de suicídio em um hospital de emergência no Rio de Janeiro, Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 25(9), 2064-2074.

Schwarz, R. (2000). *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Editora 34.

Shneidman, E. S. (1973). *Deaths of man*. Baltimore: Penguin Books.

Silva, M. M. (1992). *As Representações do Suicídio na Trama da Comunicação*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Silva R.M., et. al (2015). Influências dos problemas e conflitos familiares nas ideações e tentativas de suicídio de pessoas idosas. *Ciência & Saúde Coletiva*; 20(6), 1703-1710.

Silva, T. T. (2000). *Identidade e Diferença – A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes.

Soares, L. A. (2017). Análise Do Jornal Popular Super Notícia Sob Enfoque Crítico E Multimodal. *Alfa*: São Paulo, v. 61, n. 3, p. 575-597.

Sommerman A. (2006) *Inter ou transdisciplinaridade: da fragmentação disciplinar ao novo diálogo entre os saberes*. São Paulo: Paulus.

Spink, M. J. (2010). *Linguagem e Produção Social de Sentidos*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.

Stainle, S. (2017). *Teoria da Literatura*. 1 ed. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A.

Sudak, D. M. (2012). *Combinando terapia cognitivo-comportamental e medicamentos: Uma abordagem baseada em evidências*. Porto Alegre: Artmed.

Taylor, T.L., Hawton, K., Fortune, S., Kapur, N. (2009). Attitudes towards clinical services among people who self-harm: systematic review. *Br J Psychiatry*, 194(2), 104-10.

Tílio, R. (2010). Revisitando a Análise Crítica do Discurso: um instrumental teórico metodológico. *Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis*, v. 1, n. 2.

Vidal, C. E. L., & Gontijo, E. D. (2013). Tentativas de suicídio e o acolhimento nos serviços de urgência: a percepção de quem tenta. *Caderno de Saúde Coletiva*, 21(2), 108-114.

Vieira, K. F. L., Saraiva, E. R.de A., & Coutinho, M. da P. de L. (2010). Entrelaçamentos entre depressão e suicídio segundo os futuros psicólogos. *Psico*, 41(2), 176-183.

Wasserman D, (2001). *Suicide, an unnecessary death*. London: Martin Dunitz.

Watt, I. (1990). *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Cia. das Letras.

Wenzel, A., Brown, G. K., Beck, A. T. (2010). *Terapia Cognitivo-Comportamental para Pacientes Suicidas*. Porto Alegre: Artmed.

Wetherell, M.; Potter, J. (1992). *Mapping the language of racism: discourse and the legitimization of exploitation*. Hassocks. Sussex: Harvester/Wheatsheaf.

Woolf, V. (2015). *O valor do riso e outros ensaios: Virginia Woolf*. Trad. de Leonardo Froés. São Paulo: Cosac Naify.

Woolf, V. (2018). *Mrs. Dalloway*. Tradução de Mario Quintana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Originalmente publicada em 1925).

World Health Organization (WHO). (2001). *Prevenção do suicídio: Estudo multicêntrico de intervenção no comportamento suicida (SUPRE-MISS)*. WHO, Genebra.

World Health Organization (WHO). (2014). *Preventing Suicide: a global imperative*. Genebra.

Wright, J. H. et al. (2008). *Aprendendo a terapia cognitivo-comportamental: um guia ilustrado*. Porto Alegre: Artmed. Diaphora. Porto Alegre, v.15(2).

Zatti, et. al (2015). *A prevalência de transtornos mentais nas tentativas de suicídio*, HPS – Porto Alegre/RS.

Zilberman, R. (2012). *Teoria da literatura*. 2.ed., Curitiba: IESDE Brasil.